

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

CAMILA RÉ MACCARI

DIAS DE SE FAZER SILÊNCIO

Porto Alegre
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

CAMILA RÉ MACCARI

DIAS DE SE FAZER SILÊNCIO

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, área de concentração Escrita Criativa

Orientador: Prof. Dr. Bernardo José de Moares Bueno

Porto Alegre

2018

Ficha Catalográfica

M123d Maccari, Camila Ré

Dias de Se Fazer Silêncio / Camila Ré Maccari . – 2018.

144 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo José de Moares Bueno.

1. Narrativa. 2. Escrita Criativo. 3. Solidão. 4. Estilo Indireto Livre. 5. Relação Mãe e Filha. I. Bueno, Bernardo José de Moares. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363

AGRADECIMENTOS

À família que me fez e a tudo que viveram antes de mim. Mas nunca vai ter agradecimentos suficientes que façam jus à história que todos somos.

Aos meus pais, Marilda e Claudio que estão sempre por perto e que tentam, desde que me conheço por gente, me conhecer também. A disponibilidade durante esse processo foi comovente e eu agradeço por cada informação e cada fotografia.

Ao Charles Kiefer, que respeito, admiro e a quem agradeço. Não fosse sua oficina e seu incentivo, eu provavelmente não teria dado continuidade a esse movimento que me levou de volta à literatura.

Ao meu orientador, Bernardo José de Moraes Bueno, que foi gentil, disponível, certeiro. Agradeço a confiança e todas as trocas e acho sorte que esse trabalho tenha sido feito sob essa orientação.

À Maria, Celso, André, Ciro, Annie, Ju e Tai, amigos que entraram na PUC comigo e que me inspiram e me agitam e me desafiam. Vocês foram um encontro bem feliz e se tivéssemos uma foto aqui, certamente não teria legenda, de tanto que.

Aos colegas e professores do mestrado, que me ensinaram um monte durante esses dois anos cheios de estímulos.

Aos meus dindos e meu primo, segunda família, que torceram, emprestaram um refúgio e entenderam toda a ausência que fui durante esse período.

Às amigas que estão ao meu lado desde que cheguei em Porto Alegre e acompanham de perto todas as minhas funções. Especialmente à Melissa, pela amizade de todos os dias, à Gabi Gru pela leitura atenta e à Trisch pela companhia e por não se importar que esse trabalho e seu caos virasse assunto de mesa de bar.

Eu tenho muita sorte com as pessoas da minha vida.

RESUMO

Este projeto de dissertação, pertencente à área de concentração de Escrita Criativa, é constituído por dois volumes: a narrativa ficcional *Dias de se Fazer Silêncio* e um ensaio crítico sobre o desenvolvimento do projeto. Partindo do processo criativo como uma organização - o cosmos que se forma a partir do caos, o ensaio tenta recuperar os caminhos percorridos para se chegar ao resultado final. Sem demérito, tento fazer as pazes com a minha própria falta de sistematização até perceber que a escolha pelo caos também pode ser, ela própria, um método. Aproveito o espaço ensaístico para discorrer sobre as escolhas que fiz com relação a vozes narrativas e a elementos da história que serviram como ferramenta para explorar o tema central que era a solidão. O ensaio se propõe, também, a ser um espaço onde posso refletir sobre a matéria afetiva que fez surgir essa história - que independe dela, mas que também importa.

Palavras-chave: Narrativa ficcional. Escrita Criativa. Solidão. Relação Mãe e Filha. Discurso Indireto Livre.

RESUMEN

Este proyecto de disertación, perteneciente al área de concentración de Escrita Criativa, está constituido por dos volúmenes: la narrativa ficcional *Dias de se Fazer Silêncio* y un ensayo crítico sobre el desarrollo del proyecto. Partiendo del proceso creativo como una organización - el cosmos que se forma a partir del caos, el ensayo intenta recuperar los caminos recorridos para llegar al resultado final. Sin demérito, intento hacer las paces con mi propia falta de sistematización hasta percibir que la elección del caos también puede ser, ella misma, un método. Aprovecho el espacio ensayístico para discurrir sobre las decisiones tomadas con relación a las voces narrativas y a los elementos de la historia que sirvieron como herramienta para explorar el tema central que era la soledad. El ensayo se propone, también, ser un espacio donde puedo reflexionar sobre la materia afectiva que hizo surgir esta historia - que, aunque sea independiente de ella, también importa.

Palavras clave: Narrativa ficcional. Escrita Creativa. Soledad. Relación Madre e Hija. Estilo Indirecto Libre.

SUMÁRIO

PARTE 1

Dias de Se fazer Silêncio - novela 9

PARTE II

Dias de Se Fazer Silêncio - ensaio..... 108

DIAS DE SE FAZER SILÊNCIO

Maria sentia o cheiro quando ainda era promessa, muito antes de chegar até a casa porque o irmão ainda levaria horas para chegar, mas o cheiro já estava por ali, transformado em algo pela simples iminência, impregnado no ar e nos móveis, na cortina que balançava aberta moldando a janela e que deixava entrar no quarto o vento feito vento de enxofre, na mãe que andava ansiosa de um lado para o outro batendo cobertas e espanando brinquedos e nela própria, também na Maria, que existia nesse espaço e que, existindo nesse espaço, acabava sendo uma parte incontestável dele, parte da casa, do quarto, da mãe e do cheiro, e isso lhe dava um certo asco culpado, perceber que de seus poros também podia sair aquele cheiro que era como de enxofre - era cheiro de morte doença hospital e era cheiro de irmão.

– Varre direito que tu não tá varrendo direito - a mãe passava o pano molhado logo depois que a menina passava a vassoura e essas ordens aleatórias deixavam Maria espumando de raiva, como se ela não estivesse fazendo direito exceto que ela estava fazendo tudo direito sim e ultimamente essa era a única motivação da mãe para falar com Maria, ordens e mais ordens para servir ao irmão, como se ela já não se esforçasse o suficiente e como se não tentasse com todas as forças fazer mais que o suficiente, e sozinha, tão sozinha, também pensava que se a mãe queria tanto que ela fizesse direito, bem, a mãe que fizesse direito também, porque Maria conseguia olhar para o canto e ver um rastro de poeira que, se não tinha sido tirada com a vassoura, seguia sem ser tirada com o pano e o pano molhado era função da mãe, que estava fazendo mal feita a única coisa que fazia ultimamente e essa coisa era transformar em limpeza os cuidados com o irmão.

– Tá – Maria respondeu e depois mordeu a parte interna dos lábios porque mordendo a parte interna dos lábios era mais fácil de se concentrar em não chorar, e tinha que lembrar de que não poderia derramar uma lágrima sequer, não queria dar esse gosto para a mãe, fingia que tudo acontecia em volta dela e perto dela e em cima e embaixo dela, mas que nada disso a atingia, porque logo tudo terminaria e a ideia era voltar a viver a vida a partir de um momento zero - não a mesma vida, isso ela sabia, mas uma vida diferente que trouxesse todos aqueles elementos da rotina de antes da doença do irmão, então mordida a parte interna dos lábios mesmo que a vontade fosse de literalmente chutar o balde e fazer com que a água suja se espalhasse por todo o quarto e tudo bem que apanhasse, nem se importava mais, podia apanhar e podia ter que trabalhar dobrado para limpar a bagunça e podia também ter que ficar ouvindo a mãe chorar durante horas até que ela, a mãe, se lembrasse de entrar mais uma vez em silêncio e, mesmo assim, tudo bem, ao menos ficaria desesperada achando que não daria tempo, que cada bactéria não teria sido devidamente extinta do quarto, que o ar que ela estava tentando preparar - como

se isso fosse uma possibilidade - não ficaria suficientemente esterilizado para a chegada do irmão e que isso acabaria adiantando, nem que fossem em alguns minutos, a inevitável morte dele. Mas para isso era preciso certa coragem e sangue frio. Maria não tinha coragem e não tinha sangue frio e também sabia que não existia naquele quarto cheiro nenhum que não fosse o cheiro de limpeza, feita com muito cuidado por ela e pela mãe para que, mais que cheiro de limpo, tivesse cheiro de nada.

Passaram a manhã deixando o cômodo o mais livre possível de qualquer coisa que pudesse ser nociva à saúde precária do irmão. Embora Maria soubesse que isso não fazia mais diferença e tinha certeza de que a mãe também sabia que isso não fazia mais diferença, não era algo que ousasse falar, esse nunca seria o tipo de comentário que faria para a mãe que se dedicava com afinco à tarefa silenciosa de deixar tudo muito limpo, mas bastava saber que ela sabia que tudo que fazia, fazia por nada. E, se sabia, por que não parava? Por que não olhava para o lado? Por que simplesmente não aceitava que as coisas não estavam todas em suas mãos, assim como Maria sabia que as coisas não estavam em suas mãos e preferia não ter que fingir que isso fazia qualquer diferença? Porque teve um tempo, antes de tudo, em que a mãe limpava a casa como uma mulher normal limpa sua casa, com cuidado, capricho e o suficiente, seguindo uma listinha de afazeres diários que deixava pendurada na porta da geladeira, esfregar as calças encardidas, encerar o chão, tirar o pó, lavar as janelas. Foi depois de tudo que a mãe passou a limpar a casa como alguém que usa a tarefa como sinônimo para amor e deixou de lado sua mania de listas porque agora não existia mais planejamento, era tudo uma limpeza compulsória que Maria era obrigada a seguir de perto todos os dias e Maria não amava dessa forma.

Estava exausta. Dormira poucas horas na noite anterior porque a mãe a liberou tarde da faxina e a chamou cedo para finalizar o quarto. Toda a casa - a parte de cá, ao menos, tinha sido praticamente esterilizada. O chão da cozinha foi esfregado, o fogão lixado, a caixa de lenhas esvaziada. Na sala, Maria tirou o pó de todo objeto disponível - e a mãe tinha uma coleção de louças em miniatura que apesar do tamanho ou principalmente por causa do tamanho conseguia acumular em cantinhos uma quantidade impossível de pó endurecido. Na noite anterior, enquanto passava um pano molhado e depois um pano seco em cada um dos objetos, Maria conseguia ver, pela porta, apenas uma parte do corpo da mãe lixando o fogão. Sabia que ela inspecionaria todo o serviço depois, quando Maria fosse para a cama. Não se importava: escolheu aleatoriamente e deixou para trás algumas das cerâmicas cheias de pó. Não que quisesse fazer mal ao irmão, sabia que não faria nada a ele, não tinha mais espaço para nenhuma coisa ruim acontecer com Rui. Ele tinha quase 11 anos e já tinha passado boa parte

da vida indo e vindo de hospitais. Maria tinha exatamente um ano a mais e passou boa parte da vida acompanhando todo esse processo e via que tudo o que já podia ter acontecido com ele, e tudo quer dizer a noção de tudo que compreende tão pouca idade, aconteceu. Menos a última coisa, aquela da qual ninguém falava mas que era a coisa definitiva e absoluta. Puxou para a frente da prateleira todos os objetos que deixou sujos - se fosse para fazer que fizesse direito. Se fosse para apanhar, apanharia. Qualquer coisa, justificaria desatenção por causa do cansaço, estava cansada mesmo, meu Deus como sentia-se cansada a Maria, nesses últimos dias, desde a possibilidade da alta do irmão que ela sabia que era a última até a sua liberação e a chegada na casa: tudo o que fazia era limpar e limpar e limpar. Não tinha mais descanso, não acompanhava mais Germano nas brincadeiras, não podia mais ficar à toa. Tinha que estar disponível para a mãe na sua loucura silenciosa. Seguiu a mãe porque não havia escolha - era filha, a outra filha, a filha saudável, aquela que não perdia nada. Perdesse tempo, ao menos, porque que sortuda tu és, Maria!

– Tá com muito sono, filha? – a mãe perguntou enquanto Maria bocejava ao sair do quarto e seguir varrendo pela sala. – Tu dormiu muito pouco ontem à noite, não é mesmo? Hoje tu dorme cedo, todos vamos dormir cedo mesmo – a mãe ensaiou um sorrisinho cúmplice na direção dela.

– Eu vou dormir quando a gente acabar.

– Quando a gente acabar o teu irmão vai chegar e daí nós vamos todos ser uma família.

A caminho de revirar os olhos, Maria parou, mas só porque a mãe olhava. Achou ridículo o horário marcado para serem uma família. Se agora, por exemplo, não eram elas duas uma família, o que eram? E qual o motivo para ter pressa em ser uma família se seriam uma família para sempre já que, apesar de Maria saber das coisas, ninguém tinha achado digno contar a exata verdade para ela? Mas, então, desde o irmão, deixaram todos de ser família? Fora do hospital, das visitas infinitas, do cheiro de doença, da luz clara demais, não eram família? Ou ainda, mais ainda, quando o irmão estava internado mas ela e a mãe e o pai estavam em casa, na parte de cá, não eram mais família? Se a mãe achava isso, era só porque estavam incompletos, faltava sempre um, e, logo mais, faltaria um para sempre e como será que seria, então.

– Tu passa o pano seco para lustrar o chão aqui que eu vou fazer o almoço.

– Eu posso ir almoçar ali com o Germano e com a tia, não faz almoço.

– Não, vamos almoçar nós duas hoje.

- Eu quero comer a comida da tia...
- Eu limpo eu a cozinha depois, Maria.

Teria sido melhor se não desse na cara o motivo pelo qual queria evitar que a mãe fizesse o almoço, mas chegava a sentir um desespero em pensar que continuaria limpando - ainda mais que a mania de limpeza da mãe não se aplicava a todas as partes de todos os processos e cozinhar era quase uma revolução - não restava louça nos armários para contar história. Maria já sabia que quando crescesse, usaria e lavaria a louça enquanto cozinhasse e também limparia a casa uma vez por semana apenas - quem sujasse muito que limpasse a própria sujeira. Quando tivesse filhas e elas crescessem, elas limpariam a sujeira de Maria também, porque Maria sentia que àquela altura já teria cumprido toda a cota de limpeza disponível para uma pessoa e daí, provavelmente, as filhas sentiriam a mesma coisa quando crescessem e fariam suas filhas, as netas de Maria, limparem as sujeiras delas também e então Maria daria início a uma linhagem de mulheres que limpariam as sujeiras de suas mães mas seriam incapazes de limpar as próprias sujeiras e para isso serviriam as filhas. Pegou os panos que a mãe tinha jogado no quarto e se pôs de joelhos. Um pedaço de flanela sob cada um deles e um sob cada mão: fazia toda a força possível para deixar aquele assoalho brilhando.

Terminou a tarefa e seguiu parada, prostrada de quatro, com o suor escorrendo perigosamente pela testa e, no caso, muito suor escorrendo pela testa por causa de todo o esforço, e perigosamente porque se formavam gotas que ela atacava com um braço quando sentia que iam pingar no chão ao invés de escorrer até o pescoço e era um perigo que pingassem no chão limpo. Olhou ao redor e percebeu que, com tudo que a casa já fora - e a casa provavelmente era a mais legal de todas e do mundo e com certeza da comunidade e não só dessa mas das outras comunidades também, porque Maria já fora várias vezes em várias festas das comunidades e passava em frente a várias casas e nenhuma chegava perto de ser tão legal quanto era essa, duas que na verdade eram uma que na verdade eram duas e, mesmo com toda essa grandeza, naquele momento a construção se resumia àquele quarto. Era como se a casa de duas partes iguais construída pelo vô e todo o pátio e todas as árvores e a horta e as plantações do pai e do tio e o chiqueiro e a estrebaria, era como se nada mais importasse depois da porta daquele quarto e das janelas e das paredes também. Tinha se transformado no primeiro lugar - era para aqui que todo o resto convergia e era esse espaço que sustentava mal e mal todo o resto nos últimos anos e todas as outras partes de toda a casa e da propriedade pareciam o resto que seguia o quarto de Rui. Imaginou os próximos dias e os dias depois e, nos dias depois, visualizou o quarto sendo fechado, interditado e, aos poucos, esquecido porque onde não há

movimento e nem vida não há nada e era assim que seria. A porta até se confundiria com a parede e ninguém mais carregaria o peso de quando a casa não era nada mais do que o quarto: frágil, solitário, iminente, embora a casa nunca tivesse sido isso só. Ela era todas as coisas. Sentiu uma gota de suor pingar e deixou que caísse no chão, afinal, ela suave, seu corpo era perfeito, era um corpo perfeito em uma redoma para um doente e que estranho isso, quanta culpa acumulada, quanta tristeza na culpa, que cor poderia ter toda a escuridão do mundo no sentido de qual seria a cor que ela naquele quarto percebendo o suor no próprio rosto e a doença do irmão no ar poderia ter. Não conseguia pensar em uma cor para isso mas também não fazia diferença encontrar cor para o que sentia e que cor será que teria a culpa? Um xadrez de preto e cinzas? Talvez fosse isso que a mãe tinha em mente quando exigia tanto dela e quando a punia tanto com a distância, que ela era perfeita e deveria sentir culpa. Talvez, desde sempre, a mãe tenha amado mais o irmão e culpasse Maria por não ser ela a que padecia. Será que era isso? Mas, antes disso, Maria não tinha certeza de que foram distintos os cuidados com ela e o irmão e a mãe podia ter sido meio louca e às vezes meio ausente mas também sempre fora amorosa e carinhosa porque sempre pôde ser tudo, a mãe, por que agora não podia mais? Talvez esse pensamento não tivesse nada a ver, não sabia. Uma vez a tia tinha explicado que Maria só teria ideia do que a mãe estava passando quando ela própria tivesse filhos.

– Antes disso, a gente nunca imagina, meu amor – dizia a tia, que morava na parte de lá da casa, era casada com o irmão do pai de Maria e era mãe do primo Germano e, também, desde que Rui ficou doente, alguém a quem cabia várias vezes os cuidados generosos com Maria, que percebia o quanto a tia tentava sempre não poupar nunca amor e atenção – sua mãe te ama muito, tanto quanto ao Rui, mas ela precisa cuidar dele agora porque é ele quem está doentinho e não pode estar por perto – e que fosse assim, Maria entendia, mas mesmo assim passava horas sentada nos joelhos dela e com a cabeça apoiada em seu ombro que era como se fosse o outro ombro de mãe. Só que não era o ombro da mãe.

– Se eu fosse eu a mãe eu ia querer amar também os filhos que estão perto.

A tia apertou-a mais forte e deu uma risada.

– Tu vai ser! E daí também vai ter muito mais sorte que a tua mãe. Vai ter todos filhos que quiser e vai amar muito todos o tempo inteiro.

Maria esfregou a testa no chão. Seu corpo suave e era um suor sem cheiro e saudável e ela viveria tempo o suficiente para fazer um monte de coisas diferentes e, se tivesse vários filhos e um deles ficasse doente assim, então ela cuidaria para amar muito esse desafortunado,

mas para amar mais ainda os filhos que estavam bem porque ela pensaria que poderiam ser eles e não o outro - a mãe só devia pensar o contrário: por que Rui e não Maria? Ouviu o chamado da cozinha e se apressou em dar uma última passada de pano seco na parte do assoalho manchada com seu suor. Chegou e a mãe estava com a mesa arrumada, comida servida, enquanto permanecia parada, encostada na pia, fumando um cigarro. Maria sentou enquanto a mãe acabava de fumar.

– Eu te sirvo eu, que tá quente – e esperou a mãe vir e montar seu prato com polenta, galinha com molho, salada e uma fatia do queijo que a mãe e a tia faziam no porão e que era delicioso quando soterrado sob a polenta mole, quente e amarela para depois ser misturado todo derretido. Comeu uma vez e depois comeu mais outra, essa era sua comida favorita em todo o mundo e a mãe cozinhava de forma sensacional. Teria sido melhor se a mãe tivesse almoçado também, mas estava ansiosa e Maria aceitou tranquila que ela fumasse um cigarro atrás do outro sentada ao seu lado enquanto comia com vontade. Secou a louça que a mãe lavou e depois foi mandada direto para o banho. Sabia que teria que tomar banho antes da mãe, que demoraria horas até ficar sem cheiro nenhum e completamente limpa - de uma maneira que nem Maria, nem o pai, nem o tio e a tia e nem Germano conseguiriam ficar, não importava quantos banhos eles tomassem.

A mãe um dia já teve o melhor cheiro do mundo

A mãe tinha um cheiro doce que era como cheiro de mel e de baunilha e sabão e especialmente de flor de laranjeira, mas de rosa também e copo de leite e do algodão que elas tinham ganhado de lembrancinha pelo nascimento do filho da vizinha e da geleia que a mãe fazia e mais ainda da geleia que a tia fazia que tinha um cheiro mais doce ainda e da rapadura que o pai comprava na bodega e da moranga caramelada que eles comiam aos domingos e também dos bolos e da nata com açúcar de cana e do doce de leite e da tarde quando era quase verão e de todos os corpos pós banho e principalmente a mãe tinha cheiro do corpo do pai depois dos banhos em que tirava a barba e também do perfume que o pai tinha dado de aniversário de casamento e que ela usava apenas quando iam para a missa e para as festas da comunidade e então cheiro doce como cheiro de missa e de festa e como o pudim e a torta e mais todos os outros cheiros doces do mundo que Maria ainda nem conhecia mas que faziam parte do cheiro da mãe que era um cheiro doce só dela porque a mãe tinha um cheiro doce de

mãe e Maria sentava no colo da mãe que mexia em seu cabelo, fazia carinho, cantarolava e depois falava algumas coisas e apertava e beijava Maria e não era nada disso que era o bom, o bom era o cheiro da mãe, um cheiro puro conforto e refúgio e não existia lugar mais seguro e confortável no mundo que o colo da mãe com o cheiro doce de mãe que exalava e acalmava tudo.

Até que um dia a mãe não tinha mais cheiro nenhum. Uma manhã Maria entrou na cozinha para tomar café antes de encontrar Germano na área da casa para irem juntos até a parada esperar a condução que os levaria para a escola a que o irmão já não ia mais. Entre uma lua e um sol, uma noite e uma manhã, um colo e o vazio, uma coisa e outra e, nesse espaço, um tempo suficiente para todas as mudanças, a mãe deixou de ter qualquer cheiro. Ela estava sentada à mesa da cozinha, fumando um cigarro como em todas as manhãs e tomando uma xícara de café como em todas as manhãs depois de preparar uma fatia de pão com nata e geleia e um copo de café com leite para Maria. Havia o café e o leite e o pão e a grama molhada lá fora e a bosta úmida de vaca e o cigarro e a nata e a geleia e o próprio cheiro, o cheiro que Maria sentia e que era seu, um cheiro do sono que pertencia ao seu próprio corpo toda manhã, que vinha como sua identidade, assim como o cheiro doce de mãe fazia parte da identidade da mãe e todos os cheiros aí, jogados, quebrados, sem harmonia. O cheiro que unia todos os outros já não existia mais e era como se eles se desintegrassem - agora cada coisa tinha seu cheiro específico e esse cheiro deixava de ser parte de algo maior, algo que parecia casa, lar, conforto, o cheiro daquilo que se conhece e em que se confia, o cheiro que mantém tudo unido e que mantém as coisas em seu devido lugar. Maria acostumou-se com a falta de cheiro da mãe - entendeu, também, que as coisas já não estavam no seu devido lugar.

A gente também sente nojo de quem ama e às vezes o nojo é só raiva

Já fazia um ano que a vida tinha sido tragada pelo irmão em suspensão e tudo bem, que a rotina, para Maria, era feita das ausências mais sentidas, das esperas mais injustas, dos espaços mais vazios e tudo bem porque a tia já tinha dito e a mãe tinha dito também que às vezes as coisas acontecem por algum motivo como se Deus soubesse o que estava fazendo mas disso, principalmente no começo, Maria não sabia o que falar porque há muita coisa para um ser só saber do mundo. Numa tarde, depois de não ver a mãe há duas semanas, Maria viu a ambulância chegar pela estrada de terra. Ninguém tinha avisado que, não apenas a mãe, mas também o irmão vinham para casa nesse dia e isso acontecia com frequência, ninguém avisava

porque podia ser que os planos de volta dessem errado e, enfim, assim que viu a ambulância, antes mesmo que tivesse a oportunidade de pousar os olhos e os braços nos dois, Maria correu para o banho. Rápido mas impecável, sentia que uma das coisas nas quais tinha se aprimorado nos últimos meses era em tomar banho e permanecer limpa porque a mãe não permitia nem que se pensasse no irmão sem estar praticamente esterilizada e esterilizada era uma palavra que a professora tinha ensinado para Maria na escola, depois de ela perguntar se existia algum momento em que o corpo ficaria limpo o suficiente para poder ficar junto de alguém doente sem causar mal pra essa pessoa. Um banho rápido, cabelo pingando, roupa limpa. Era melhor que a ansiedade pelo reencontro fosse controlada durante o banho e assim, também, não precisaria se sentir esperando porque a sensação é de que não há espera enquanto há ação, não há solidão quando há barulho, mas isso ela já sabia que não tinha nada a ver. Saiu, a ambulância já não estava estacionada, o irmão estava no quarto, a mãe na cozinha. Não sabia para onde corria antes e achou que correr até a mãe seria mais rápido e também sentia uma saudade diferente da mãe.

O ambiente já estava com a claridade diminuída porque a tarde também diminuía. Entrou limpa e vestida, arrumada para evitar aquelas atribulações que já conhecia e que a deixavam ansiosa, de mal ser tocada e já ser mandada para o banho. Chegou para dar um oi à mãe que não via há duas semanas e, embora a tia fosse ótima, a tia era a tia. Assim que pisou no cômodo e pisou leve porque essa também era uma coisa a que se acostumou nos últimos meses, andar leve, pisar leve e querer em voz alta muito muito levemente, ficou parada perto da porta olhando para a mãe sentada em uma cadeira com os braços apoiados na mesa. Foi uma sequência: a cara da mãe, que estava emagrecida mas também estava inchada, as marcas pretas sob os olhos, as lágrimas que escorriam sem encontrar nenhuma resistência, a respiração que parecia mais difícil, aquela luz que já era tão pouca na cozinha e fazia a mulher parecer ainda mais triste, a camiseta da mãe, que era amarela mas não combinava com o amarelo e trazia manchas de suor perto da gola e sob os braços, o cabelo oleoso e descuidado e o tempo que a mãe demorou olhando para Maria até conseguir de fato vê-la ali, parada, limpa, a filha mais velha que, até esse momento, sentia saudade.

A mãe estendeu um braço, deu um sorriso enquanto enxugava as lágrimas e disse oi, meu anjo, vem cá. Maria foi porque agora já não dependia dela, tinha sido chamada, permitiu-se ser abraçada e beijada pela mãe que deixou uma mistura de lágrimas e saliva na bochecha da filha. A culpa veio depois, de noite, enquanto revivia aquele momento e não conseguia escapar do mesmo sentimento da tarde.

Depois desse dia, todas as vezes, inevitavelmente, Maria sentia nojo da mãe quando a via chorando e a mãe chorava tanto que era desesperador até o ponto em que, em certos momentos, Maria odiava a mãe por fazê-la sentir nojo dela e sentir toda a culpa depois porque o nojo da mãe foi a primeira culpa.

Eram quase duas da tarde quando a mãe foi tomar o seu banho e Maria já estava pronta e limpa e com sono e esperando. Foi até a sala, na estante das cerâmicas, checar se sua transgressão tinha passado despercebida. Não tinha. A não ser que o fato de aqueles pratinhos e copinhos e xicarazinhas estarem completamente limpos e sem pó não significasse que a mãe tenha percebido a desobediência da filha, mas simplesmente que a mãe refizera todo o trabalho que tinha ficado a cargo de Maria na noite anterior apenas porque sim. Estavam todas limpas. Se era para refazer tudo, então, por que, em primeiro lugar, pedir que Maria fizesse, estando Maria tão exausta, quanta raiva ela sentiu, queria ter o poder de produzir pó e, se tivesse, espalharia pó em cada pedacinho da casa, embaixo de cada tapete, atrás de cada móvel, dentro de cada pote, incrustado em cada canto dos cômodos e, mais ainda, na parte de lá da casa, com o tio e a tia e o Germano e colocaria pó neles também e nela própria e, por último e principalmente, encheria a mãe de pó e seria tanto e em tantos lugares do corpo que ela poderia ficar para sempre no banho que nunca mais ficaria limpa o suficiente e teria que pegar no colo seu filhinho mesmo cheia de pó porque, se não, se tentasse eternamente ficar limpa, se tentasse ser o lugar mais seguro do mundo, não poderia nem estar perto quando acontecesse e Maria jogaria isso na cara dela para sempre. A mãe apareceu na sala, de banho tomado e bem vestida e, como a filha sabia que aconteceria, não emanava cheiro nenhum, limpíssima, quase transparente, como se não fosse uma pessoa que fazia as coisas que outras pessoas faziam, que fazia cocô e xixi e tivesse gripe e febre. Quando passou pela janela e o vento fez balançar seus cabelos, Maria chegou a aguçar a respiração porque ainda tentava, todos os dias, sentir algum dos cheiros da mãe, mas o vento trouxe para dentro o cheiro de todas as coisas da tarde e nada nada das coisas da tarde se assemelhavam agora às coisas que já foram um dia cheiro de mãe. Acompanhou-a com os olhos sentando no sofá e roendo as unhas, e imaginou que ela se segurava muito para não fumar agora mas sabia que ela não fumaria porque fumar tem cheiro ruim e tem fumaça também e o irmão já tinha que ficar com aquelas máscaras horríveis e, às vezes, ele já tinha dificuldade de respirar com aquela coisa, a fumaça provavelmente só atrapalharia, a própria Maria que respirava bem já respirava pior com toda aquela fumaça e, também, a própria Maria que já respirava bem sentia-se sufocada quando era obrigada a usar a

máscara para interagir com o irmão.

– Tu vai me ajudar a arrumar a festa de aniversário? – a mãe olhava para Maria, parada do outro lado da sala. Maria baixou os olhos e fez um tanto faz com os ombros, às vezes sentia que ela já não pertencia em nada àquela mulher sentada no sofá e sentia raiva da mãe porque sabia que, como filha, ela era da mãe, mas não sentia nada que indicasse isso. Mas então a quem pertencia Maria agora? Porque ao pai também não e ela ainda não era uma pessoa que pudesse pertencer apenas a si mesma. Na verdade, não sabia se as pessoas eventualmente tinham a chance de pertencer apenas a si mesmas, elas provavelmente sempre pertenciam a alguém, mesmo que isso fosse transitório, não sabia, mas seu corpo não reconhecia o corpo daquela mulher, principalmente em todas as vezes que assim, do nada, apenas olhando para ela sentada no sofá, Maria sentia uma repulsa que a percorria como um arrepio e sentia nojo de pensar que tinha saído de lá mas logo depois, também, sentia um monte de culpa mas agora ela já sentia outras culpas também então tanto fazia.

– Pro Rui?

– E pra ti também, os dois fazem aniversário juntos, não fazem?

– Sim, mas eu pensei que esse ano ia ser só dele.

– Não fala isso Maria, quem te disse uma coisa dessas? Aniversário é de quem faz aniversário, você faz doze, o Rui faz onze, os dois fazem aniversário – o rosto da mãe se transformou, se encheu de novo, a paz que ela estava se esforçando para criar simplesmente desapareceu e, se pedissem, Maria diria que a cor da mãe era tipo um cinza. Tinha feito isso de propósito. – Eu sei o que tu quis dizer e quero saber quem foi que te falou uma coisa dessas. Isso não é coisa que tu possa sair repetindo assim, não quero um comentário desses na frente do teu irmão, tu me ouviu? – a mãe tentava controlar o desespero da voz falando baixo e falando rápido e Maria queria bater na cara dela. Como se ela não soubesse da verdade e como se tivesse dito uma mentira! Ninguém tinha se dado ao trabalho de contar para Maria que o irmão estava morrendo, que isso estava irremediavelmente para acontecer, que as procissões da casa ao hospital e do hospital até casa chegariam ao fim porque, dessa vez, o irmão já não podia mais. Tudo o que ela descobria sobre a doença de Rui era se esgueirando pelos cantos, se escondendo no quarto dos pais no escuro quando ouvia que eles cochichavam, ouvindo a tia e o tio falando sobre o assunto, ouvindo a mãe chorando com a tia. E ninguém tinha achado importante contar para ela e para Germano, cara a cara, que os dois estavam perdendo o irmão e o primo e que a vida com fora nos últimos anos estava finalmente chegando ao fim, então,

realmente mesmo, ninguém tinha lhe contado uma coisa dessas que ela ousava jogar na cara da mãe. Sentia raiva da mãe e raiva também desse aniversário que teria que comemorar com o irmão como se alguém estivesse de fato comemorando alguma coisa. Balançou a cabeça enquanto olhava ofendida para a mãe que a olhava com uns olhos esbugalhados de cobrança.

– Por que tu não tem mais cheiro de nada? – como se fosse um desafio. Nesse momento a mãe provavelmente também sentia nojo dela.

– Teu irmão pode enjoar – simples assim, como se nem se importasse mais em ser desafiada, como se nem fosse um desafio, apenas uma das coisas que agora eram como eram.

– O pai ainda tem cheiro e a casa também e eu tenho cheiro também. – A mãe olhou para a filha, ficou em silêncio e encheu os olhos de lágrimas. Maria sentiu um misto de constrangimento e prazer pelas lágrimas da mãe, um sentimento que se equivalia a uma vitória daquelas não muito merecidas. Não tinha cheiro ali e Maria sentia que não sobravam mais afetos para ela, embora soubesse que essa associação não tinha que, necessariamente, fazer sentido e, por mais que fizesse, ainda havia um coração que, apesar de machucar, também era machucado e Maria queria infligir à mãe toda a dor que ela lhe infligiu, tudo isso antes dos dias melhores que viriam como se a vida agora fosse aquela última página do caderno usada para rabiscar um monte de coisas sem importância alguma porque é a última página e não tem nada depois, só um caderno novo. Preocupou-se, de qualquer forma. Se o irmão pudesse enjoar, não queria que isso acontecesse por sua causa, não nos últimos dias. Queria poder dar ao irmão toda a naturalidade e energia que eles tinham nos dias antes dos dias ruins. Talvez, então, ela mesma devesse se certificar de tomar banhos mais cuidadosos e trocar de roupas mais frequentemente e não correr muito antes de estar com ele. Por outro lado, por mais que tentasse disfarçar, Maria não suportava o cheiro que vinha com o irmão, que saía de sua pele e não se modificava nunca, não passava nunca, não importava o quão distante ele estivesse do hospital, o cheiro era sempre o mesmo, aquele cheiro que ela sentia no ar desde quando descobrira que ele vinha para casa de vez, então, quem sabe, não seja o hospital que tenha esse cheiro mas era o cheiro da doença e antes disso Maria nunca tinha pensado em doença como algo que tivesse cheiro também mas, desde o irmão, seu próprio corpo reagia, então era inevitável porque, no fim, era sempre Maria quem acabava ficando enjoada. Teria a morte cheiro também? Andou até o sofá, sentou-se ao lado da mãe que levantou um braço para envolver Maria e deu um beijinho em sua cabeça enquanto a abraçava confortavelmente. Não durou muito. Ouviram o barulho de pneus e era a ambulância que entrava pela estradinha de terra, o pai sentado à frente, ao lado do motorista. Atrás, estava o irmão que vinha, pela última vez, passar uns dias em casa.

Eu não sei o que é mais importante, se a primeira vez ou a última

Passava os dias zanzando para cima e para baixo esperando que Rui voltasse de uma vez. Não tinha muito o que fazer, a não ser ficar com a tia porque estava sozinha em casa e Germano tinha ido passar alguns dias das férias nos outros avós dele, e Maria não tinha mais vó ou vô nenhum então tinha que ficar por ali. Tinha decidido que dormiria todas as noites do lado do irmão porque ele devia estar cansado de ficar só e porque ela também não gostava mais da ausência de Rui e do quão solitária sentia-se naquela casa. Fazia dois meses já que ele tinha ido para o hospital e tinham passado o aniversário separados e foi o primeiro aniversário que passaram separados porque Rui tinha nascido no dia em que ela completava um aninho. Encheu dois balões que encontrou na cozinha e fez um cartaz com uma folha de caderno, tinha pensado em usar várias folhas e fazer um cartaz maior mas na hora desistiu e usou uma só. Seria bom ter o irmão de volta e um pouco de companhia. Adoecer é algo solitário mas também quando alguém adocece, todo mundo que envolve a pessoa acaba adoecendo de certa forma, a energia parece que diminui. Maria sentia-se assim, sem doença mas sem vontades. Arrastou o colchão de sua cama para o quarto de Rui e concordou em usar a mesma máscara que ele usava porque a mãe quis assim e, se a mãe cedera em deixá-la ficar algumas noites com o irmão, ela cederia nas paranoias da mãe que tinha certeza que todo mundo deixaria Rui ainda mais doente porque todo mundo era sujo demais para ele. Enquanto o irmão dormia, Maria ficava parada olhando seu rostinho, que estava tão pálido e cheio de manchas roxas que tentavam se camuflar sob a pele mas estavam lá. Maria dormia com o peito pesado de ansiedade e, como em todas as noites desde que a vida ficou inconstante, acordava e se escondia na despensa para chorar. Logo reestabeleceram a rotina que tinham só os dois, movidos pela intimidade de serem além de melhores amigos, irmãos. Conversavam antes de caírem no sono, depois que a luz já tinha sido desligada e os pais tinham ido dar o boa noite que indicava hora de dormir, embora, depois, viessem espiar porta adentro, revezados, a cada meia hora. De começo, Maria tinha muitos cuidados para lidar com o irmão porque a mãe pedira e explicara o quão sensível ele estava. Brigar era terminantemente proibido e o castigo ficava exposto em cima de um armário da cozinha, uma varinha de vime daquelas bem fininhas a que Maria e o próprio irmão já estavam acostumados. De qualquer forma, ela não se importava. Não passava pela sua cabeça causar qualquer aborrecimento ao irmão e ela tinha certeza de que não teria motivos para isso, ele estava doente. Então passavam as noites em claro, o máximo de tempo que conseguiam,

falando sobre coisas que estavam a seu alcance falar e fazendo brincadeiras que ajudavam o tempo a passar mais terno.

- Se eu pudesse eu te daria o mar inteiro.
- E eu, se pudesse, te daria todas as estrelas.
- E eu te daria o mundo.
- Mas as estrelas são maiores que o mundo.
- Não são não.
- São sim.
- O mundo é tudo.
- É mas as estrelas tão fora do mundo e elas são muito maiores que o mundo e são

Infinitas. Tu já esqueceu tudo da escola?

- Cala a boca, Maria.
- Cala a boca tu.
- Se eu pudesse, te daria a minha doença.

Pessoas doentes não eram como velhos afinal, todos bonzinhos. Maria pensou na varinha de vime em cima do armário e na promessa que fizera à mãe. Depois disso, ficaram em silêncio os dois e, naquela noite, quando acordou como em todas as outras, Maria simplesmente virou para o lado e dormiu de novo.

Qual é a origem das coisas e a origem nunca é num lugar só

Não teve um dia em que o irmão acordou, levantou e então caiu doente, mas teve um dia em que ele foi percebido doente e, a partir desse dia, quando a mãe olhou preocupada e atenta para Rui, todas as outras coisas se fragmentaram. Estava quente e brincavam durante uma tarde depois do almoço, incansáveis porque era o primeiro dia de férias e nos primeiros dias de férias as crianças geralmente querem absorver tudo que não podem em todos os outros dias do ano, os três com o mínimo de roupa em frente à casa, na grama verde e na sombra formada pelo manto de árvores que escondia a propriedade da estrada, tomando banho de mangueira e de balde e de bacia também, tudo que conseguissem encher para se jogarem água

e se refrescaram e fizeram toda a bagunça possível porque esse dia era quente e era férias e tanto faz que o dia anterior tinha sido um domingo, a primeira liberdade vem só na segunda feira e tudo estava permitido e como o humor da mãe estava precário nos últimos dias, era necessário aproveitar qualquer momento bom. A mãe e a tia estavam sentadas na área, olhando desatentas para as crianças enquanto conversavam, até que a mãe veio andando rápido na direção dos três. Puxou Rui pelo braço e perguntou se Germano e Maria estavam batendo nele porque eram mais velhos e Maria achou isso bem nada a ver porque ela era só um ano mais velha que o irmão, mas era menina o que, na verdade, não queria dizer nada, se quisesse poderia desmontar Rui, mas não era o caso e Germano nem chegava a ser um ano mais velho que Rui e, além disso, eles não se batiam por brincadeira, tinham uma regra mas talvez disso a mãe não soubesse: só batiam um no outro por motivo muito confirmado de merecimento e também nunca eram dois contra um, geralmente apenas os envolvidos no problema - embora uma vez Rui tivesse batido em Germano por Maria porque ela estava com muita dor no joelho ralado depois de cair um tombo provocado pelo primo, mas esses arranjos eram todos feitos na hora com a justiça pedida pelo momento. A mãe veio alarmada porque tinha visto o que Maria e Germano e o próprio Rui já viam fazia dias: marcas pretas estranhas se espalhavam pelo corpo do menino, hematomas nas costas e braços e peito que faziam com que o resto da pele ficasse ainda mais branco. Ninguém tinha dito nada porque todos ficaram com medo de apanhar e, naqueles dias, essa ameaça parecia sempre a ameaça maior, a pior coisa que poderia acontecer, o momento em que culminaria tudo o que eram e o que faziam e os fariam pagar pela desobediência porque, por mais que os pais os amassem e que tivessem comida e que fossem à escola e que pudessem brincar, por mais que tivessem infância e não consciência já que naquela idade não há como ter consciência dessas coisas, a ameaça de apanhar era uma constante já que, num primeiro momento, eles estavam proibidos de todas as coisas. A palavra de ordem era Não, até que se conquistasse o contrário. Antes não podiam ir para a estrada e, depois que foram e apanharam, passaram a poder ir para a estrada mas não podiam ir longe. A violência funcionava como uma moeda de troca, compreendiam, sempre que apanhassem alguma janela antes fechada se abria mas, estudadas as probabilidades, nenhuma janela se abriria ao perceberem que Rui estava misteriosamente machucado. E combinaram os três na ingenuidade de seus seis e sete anos: Rui pediu que eles não contassem e os dois ponderaram. Se contassem, poderiam apanhar porque achariam que eles eram os culpados. Se não contassem, Rui poderia usar isso contra eles e, de certa forma, eles ficariam à mercê das vontades do irmão, mas era ele quem queria segredo. Ninguém contava e todo mundo ganhava. Até porque, nos últimos dias, a mãe estava diferente, agindo estranho, furiosa por nada e Maria

e Rui - inclusive Germano porque todos os adultos tinham licença para machucar - ficavam o máximo possível longe dela. Não falavam muito e nem alto e nem perto dela e nunca repetiam uma pergunta ou um pedido. Se pedissem algo e a mãe não desse, se entretinham com qualquer outra coisa até sentirem que era seguro pedir de novo. Nesses dias, o tio tinha trazido um galo para casa e o galo era um bicho com muitas vontades próprias e um temperamento bem forte. O bicho se encarnou em Rui e deu uma surra no menino numa tarde em que brincavam no pátio, chegando a derrubá-lo na grama, o que foi bem engraçado mas ninguém riu. A mãe acompanhou a cena e berrou que eles saíssem atrás do galo e que só voltassem com o animal em mãos - que fossem cuidadosos mas que voltassem com o galo em mãos. Aquele foi o fim do bicho e Maria podia jurar que a ave foi depenada ainda viva por causa do tempo interminável dos berros que vinham do porão. Só serviu para os três terem ainda mais cuidado com a mãe, porque nesses dias era essa pessoa que ela era.

Isso antes do dia em que estava quente demais e todos ficaram com o mínimo de roupa possível, inclusive Rui que estava só de calçãozinho, sem pensar no perigo porque que perigo teria e a mãe viu e puxou Rui com força e ameaçou os outros dois e agora estavam todos como que em suspensão, respirando lentamente e se mexendo o mínimo possível, enquanto a mãe, nesse humor novo que tomou conta dela nas últimas semanas, examinava as marcas no corpo do filho com muita atenção. Não gritou, não brigou com ninguém, não fez nada. Beijou Rui enquanto todos viram que as lágrimas corriam pelos seus olhos, mas isso não era nada estranho porque, nesse mesmo dia, ela chorava enquanto lavava a louça do almoço. Disse que fossem brincar que ela ia preparar um lanche. Precisou ainda dois dias mais para que as dores de cabeça e os episódios de vômito começassem e, dias depois daquele dia, o irmão saiu para consultar na cidade e, pela primeira vez, não voltou.

Os dias que são os mais felizes também podem ser os piores

Diziam que Maria e Rui faziam aniversário no mesmo dia porque os pais quase não aguentaram seguir direito um negócio chamado quarentena, mas Maria não sabia exatamente o que isso queria dizer, só que era uma coisa da qual sempre tinha alguém para falar. Mas isso era bastante comum, principalmente entre as pessoas com a idade dos pais deles, que geralmente tinham irmãos com quase a mesma idade e também tinham muitos irmãos. Vai ver fizessem essas piadas nas festas de aniversário deles também. O pai era um caso muito raro na

região porque tinha só mais um irmão e a mãe era um caso mais raro ainda porque os dois pais morreram quando ela era bem pequeninha e ela até tinha irmãos em alguns lugares mas não se sabe onde porque acabou vindo pra comunidade e sendo criada por uma prima distante e solteira da mãe. Mas ela também nunca falava sobre o assunto então Maria não tinha como saber o quão pesado era ser assim, desde sempre, tão sozinha porque agora, além da família que ela criou, ela não tinha mais ninguém.

Maria e Rui tinham só mais um primo e é como se todos fossem irmãos. O mais legal é que Germano passava metade de um ano com a idade de Maria e, outra metade, com a idade de Rui e existiam os três, desde sempre, tão juntos, que não fazia diferença alguma que não tivessem mais primos, por exemplo. Na escola, havia colegas que chegavam a ter 25 primos, um monte de gente, aquelas famílias enormes, provavelmente cheias de barulho, o que deveria ser ótimo também. De qualquer forma, devia ser impossível ficar tão amigo de um monte de gente assim da mesma forma que Maria e Germano e Rui eram amigos porque eram em três.

Quando fez oito anos, Maria passou o dia com Germano e a tia e o tio e, por mais que a tia tivesse feito um bolo e tivessem cantado parabéns para a Maria e ela tivesse ganhado o presente que os pais prometeram e tinha balão pendurado, nada mais aconteceu. Sentiu, pela primeira vez, que não tinha mais ninguém e, embora soubesse que isso não era verdade, que os tios estavam aqui do lado e Germano também e os pais estavam cuidando do irmão que ficara doente e logo, logo, todos estariam em casa, essa foi a primeira vez em que a suscetibilidade das coisas foi sentida. O irmão estava fora de casa fazia mais de duas semanas já e os pais também estavam fora de casa fazia mais de duas semanas já, embora o pai tenha aparecido para pegar algumas roupas, falar com o tio, garantir o que chamava de ordem das coisas pois mesmo suscetíveis as coisas precisam de ordem, veja bem, era preciso colher o milho numa parte da terra e capinar o soja em outra e o tio estava dando conta de tudo sozinho. O pai chegou parecendo mais triste que cansado, pegou Maria no colo por uns momentos e foi tomar banho para tirar um pouco o hospital de si e foi isso mesmo o que disse dando dois tapinhas na perna de Maria para que ela saísse de seu colo.

– Vou tomar um banho pra tirar um pouco do hospital de mim, sabe, o hospital é uma coisa que fica na gente – Maria saiu e ficou sentada no sofá, esperando. Germano veio e sentou do seu lado, ia falar alguma coisa mas não falou. Ficaram em silêncio até que o pai apareceu na sala com o banho tomado e a barba feita.

– A mãe disse que a janta tá pronta – e Germano saiu correndo e Maria não correu atrás. Esperou o pai e foi do seu lado.

Naquela noite, depois da janta, quando estavam de volta na parte de cá da casa, o pai prometeu que ele ou a mãe voltariam para o dia do aniversário, que se dividiriam, um pai para cada filho aniversariante e todos estariam felizes, que, mesmo separados, seria como se estivessem celebrando essa data todos juntos porque todos estariam pensando em todos e prometeu para Maria a boneca que ela queria e prometeu também que ano que vem as coisas já estariam normais.

– Daí a gente faz de novo a festinha de aniversário para vocês, e ano que vem tu já vai fazer nove anos, uma moça! E Rui, oito! Ele sempre vai estar atrás de ti né, tem que correr muito para acompanhar essa margaridinha – e encheu Maria de cócegas e Maria riu e ficou grata por esse colo do pai, a quem ela amava mas que, geralmente, não fazia muita diferença porque o pai é quem fica fora de casa.

– Eu tô com saudade, pai. De ti e da mãe e tô com muita saudade do Rui também. Só o Germano não tem graça.

– Eu sei que sim, mas não se preocupa que daqui uns dias todo mundo vai estar em casa e vai ficar tudo bem. O mano vai ficar bem.

– Crianças não morrem, né? – porque para Maria as experiências de doenças mais sérias, que exigiam tanto hospital, estavam todas relacionadas a velhos e velhos morriam. O pai ficou em silêncio e Maria só pode sentir o movimento mais acelerado do peito. Ergueu os olhos e ficou apavorada e constrangida porque o pai chorava e homens adultos também não choram e ela se afastou arrastada daquele colo e daquele momento. O pai deixou que Maria dormisse com ele na cama e Maria dormiu um sono tranquilo e protegido porque o pai tinha dito que ele ou a mãe estariam de volta daqui uns dias, que um dos dois estaria com ela em breve para comemorar o aniversário - torcia, secretamente, poder ficar com a mãe.

Já era tarde da noite do dia em que Maria fez oito anos e a tia e o tio queriam que ela fosse dormir. Não foi. Disse que esperaria. Foram todos, menos ela. Na casa escura depois de um dia marrom de alegrias misturadas a tristezas, Maria estava grudada no vidro da janela da sala, olhando para fora e esperando a luz que fosse outra que não a da lua e a dos vaga lumes e a das estrelas e a dos olhos das corujas que espreitavam, ela já teve muito medo de corujas mas agora sabia que, apesar da cara, elas eram pássaros normais, apenas com hábitos de sono

diferentes, a professora tinha explicado que elas dormiam de dia e ficavam acordadas de noite, por isso os olhos delas brilhavam de noite e o barulho que faziam. Em momento algum a estrada se iluminou com o farol do carro e Maria acordou com a tia fazendo carinho em sua cabeça e dizendo venha deitar. A tia ligou a luz enquanto olhava atentamente para Maria, que foi incapaz de sustentar o olhar e começou a morder a parte interna dos lábios porque já sabia que, mordendo a parte interna dos lábios, era possível evitar as lágrimas mas ela estava bem melhor que o irmão, então nunca podia reclamar.

Existem palavras que só fazem diferença quando dizem respeito a algo que faz diferença

Já era a milionésima vez que o irmão voltava para o hospital e Maria não lembra quando foi que parou de contar as vezes que o irmão ia e vinha do hospital. A mãe estava com ele e o pai e o tio estavam sentados na área, fumando um palheiro e conversando com calma, com pausa, lembrando de coisas de quando eles eram mais novos, como se pudessem tirar um tempinho para se agarrar no passado e, assim, evitar de cair o tombo causado pelo mundo virado de cabeça pra baixo.

– Lembra do porre de vinho com os piá do Darci? Eu nunca mais consegui tomar vinho, depois daquilo, tu vê – o tio soprava lentamente a fumaça do palheiro.

– Bah, eu passei uns bons anos sem conseguir provar de novo mas foi aquela coisa, depois do primeiro gole desceu que é uma maravilha. Se é bom é bom, vai fazer o que – o pai riu e o tio também.

– Foi o mais novo do Darci que desmaiou né, nem lembro, mas ele tinha o que, uns dez anos?

– Eu tinha catorze, tu uns doze, deve ser. Sobrou pro mais velho que apanhou de cinta até ficar os vergão.

– É, mas isso porque a gente roubou o vinho – os dois estavam gargalhando lembrando da história e Maria achou tudo muito querido. Queria ter acordado Germano que dormia um sono depois do almoço para que ele ouvisse também mas teve medo de perder o resto das fofocas que eram as lembranças dos dois irmãos. Às vezes esquecia como o tio e o pai deviam ter sido crianças tão ligadas quanto eles três agora. Era sempre engraçado saber o quanto os pais também aprontavam quando eram novos e olhar para os dois era meio alaranjado, não o

laranja vivo, mas aquele que parece quase um marrom clarinho, como se fossem, eles próprios, uma fotografia de porta retrato. – Imagina quando a gente tiver que lidar com os nossos fazendo dessas – o tio continuou mas sua cara se contorceu assim que ele acabou de falar. O pai também parou de sorrir e os dois ficaram entretidos com seus cigarros e suas fumaças.

– Rui é terminal – essa foi a primeira vez que Maria ouviu a palavra. – É isso e deu, agora a gente se esforça para fazer com que seja o menos pior, sabe. Não bom, mas menos ruim – o pai olhou para o tio apenas o tempo de dizer toda essa frase e depois voltou a olhar para o pátio e as árvores e qualquer coisa além. O tio também ficou em silêncio e pareceu que o silêncio era exatamente o que se precisava naquele momento. Maria percebeu que ainda não sabia viver um momento desses, se estivesse ali de fato, como o tio, teria tentado entender, tentado dizer alguma coisa. Sentiu pena do pai, sentado fumando, com o rosto já sem nenhum traço de riso. Percebeu que só relevava a dor da mãe na história toda porque achava que na verdade o pai não sofria tanto quanto ela e quanto a própria Maria, mas isso não devia ser verdade. Sentiu tristeza ao imaginar que aquela pessoa que fora o pai jovem, pouco mais velho que ela, feliz bebendo vinho e se divertindo com os amigos, tivesse que lidar com a tristeza e injustiça que é ter um filho que sofre de uma doença há tanto tempo já.

Na escola, pediu o dicionário emprestado para a professora. Já tinham aprendido a achar as palavras, mas Maria nunca precisou procurar nada lá com tamanha urgência, só o que a professora mandava e ela não sentia muita urgência em achar as coisas que a professora queria que ela achasse mas mesmo assim era uma aluna bem boa. Presumia que terminal fosse algum tipo de doença porque, por mais que ela e Germano insistissem e pedissem doente de quê ninguém usava um nome para falar sobre o que o irmão tinha, apenas doente de doente. A mãe dizia que saber isso era suficiente porque toda doença, no fundo, é igual: tira energia da pessoa e quem está em volta tem que se esforçar o máximo possível para dar um pouco da própria energia para ela, com atenção, carinho, amor e favores.

Terminal: que termina; que marca o fim. Que ocupa o ápice.

Não entendeu tão rápido assim, porque terminal parecia estar relacionado a coisas e a acontecimentos e uma festa termina, as férias terminam, a sobremesa termina e termina também o verão e os amendoins da Páscoa mas o pai tinha dito que o irmão era terminal e será que queria dizer que a doença estava terminando mas ele disse Rui é terminal e não a doença é

terminal. Foram alguns segundos ou minutos, não tem como saber, foi esse tempo que não se marca no relógio até que a ficha caiu e Maria não apenas entendeu perfeitamente mas conseguiu também sentir que o irmão era terminal. Depois de tanta dor e tanta solidão e da mãe ficar tão mal e tão outra e do pai ficar tão quieto e tão desatento e da Maria ficar sozinha e tão sozinha e do irmão ficar triste e tão machucado e chorar tanto e sentir dor e estar sempre perfurado e ficar tão feio, tadinho, depois dos últimos meses em que tudo quase foi sofrimento, tirando as partes boas, quando o irmão voltava, quando estava sem dor, quando podiam brincar e a mãe fazia doces e Germano dançava em volta deles, tirando essas partes boas, agora ela sabia que, em algum tempo, não sabia quanto tempo, não sabia se o pai ou o médico sabiam quanto tempo, ela não sabia mas ela também não deveria nem saber que o irmão era terminal então em algum desse tempo que agora também era impossível de marcar no relógio mas que provavelmente seria tempo pouco demais, o irmão terminaria. Nem toda dor vinha para abrir uma nova janela, então. Azul muito escuro e ao mesmo tempo claro demais.

Se uma criança pode morrer todas as crianças podem morrer

Antes eles faziam um monte de coisas que não deveriam fazer porque era perigoso e eles poderiam morrer porque eles não tinham medo da morte. Tudo podia matar aquelas crianças porque nada, de verdade, representava um perigo real real mesmo. Quando diziam vocês vão acabar morrendo os três entendiam que, se fossem pegos iam acabar apanhando porque todas as promessas de morte eram cumpridas com chineladas, puxões de orelha e varinhadas nas pernas. Apenas pessoas velhas morrem, assim como a vó tinha morrido depois de intermináveis dias de cama e o vô, antes ainda, quando eles nem existiam, de cama também, velho também, longe demais porque velho e velho porque, com certeza, tinha feito antes todas as coisas que eles faziam agora. Era tipo uma lei que não era passada no papel mas com a qual todo mundo estava de acordo. Eles tinham provas: já viram muitas mortes, muitos corpos, foram em muitos velórios, e nunca de gente nova. Cada vez que não morriam aprendiam que não morreriam ainda e iam mais longe, testavam desafiadoramente os limites, mais e mais, porque era só isso que tinham para fazer, só isso com o que se preocupar. Até o momento em que Rui ficou doente para sempre e passou a desaparecer em hospitais: talvez fossem tão vulneráveis, mas, também, talvez não fosse nada e ele voltasse para casa saudável em pouco tempo e os três continuassem aprontando as mesmas coisas e outras coisas mais. Durante as ausências de Rui, Maria e Germano davam conta de todas as travessuras que podiam, ainda

mais que agora, de certa forma, ninguém ligava muito para eles. Mas isso até o momento em que Maria ouviu a palavra terminal e uma criança doente terminal ia contra tudo o que eles acreditavam. Era como se a liberdade, de repente, fosse um conceito que eles entendessem porque tinham acabado de perder, não eram tão livres assim.

– Eu descobri que o Rui vai morrer.

– Nada a ver.

– O meu pai falou pro teu pai e foi o médico que disse que o Rui é terminal. Eu pesquisei hoje na escola.

– Quando?

– Eu não sei quando, eles não falaram.

– Vai ver vai morrer também quando for velho e já que todo mundo morre então quer dizer que todo mundo é terminal, Maria.

– Acho que não.

– Eu acho que sim.

Ela sabia que ele também achava que não, mas era preciso muito silêncio para entender que, talvez, a morte não fosse apenas uma coisa destinada aos velhos, mas a todos eles em todos os momentos. Poderiam muito bem morrer também. Podiam muito bem já ter morrido, os dois, porque talvez, então, não era só doença que matava. As formas de morrer passaram a ser palpáveis e apanhar deixou de ser a pior realidade com a qual eles lidavam.

– Acho que é bom a gente se cuidar, então – disse Germano, quase lendo os pensamentos de Maria. Talvez todas as vezes divertidíssimas em que ouviram dos pais que quase morreram ou em que não ouviram nada porque conseguiram esconder o que tivessem aprontado ou ainda em que acreditaram mesmo que estavam morrendo, talvez todas essas vezes divertidíssimas só existiam porque a morte que conheciam era diferente. Agora eles tinham outra consciência e uma lista da qual se envergonhavam - mas que ainda os fazia sentir poder. Seria com a sorte que lidavam? Como naquela tarde em que, não importava a quantidade de advertências que já tivessem ouvido sobre a mistura, tomaram leite pouco tempo depois de se empanturrarem de melancia gelada, cortada em fatias generosas pela mãe de Rui e Maria. Devoraram a fruta à sombra da cortina de pinheiros, se curpiram as sementes com força tentando acertar o rosto um do outro e tinham acabado de jogar as cascas com marcas de mordidas na horta quando a tia saiu da parte de lá da casa e os chamou. Esperava os três com

bolo e leite e acontece que, às vezes, o bolo pede o leite e são como um conjunto que se complementa e eles diziam de coisas que se complementavam que eram como bolo e leite. Nem se deram conta do perigo nem quando comeram a última garfada e beberam o último gole. Foi só na hora em que Rui pediu mais leite, por favor, que eles perceberam que mais leite implicava em já terem bebido leite. Depois de comer melancia. Se olharam apavorados mas agora estava feito e não podiam nem contar porque, se contassem, apanhariam. Já tinham sido avisados mil vezes de que, com leite, a melancia empedra no estômago e pedra no estômago é morte na certa. Não sabiam quanto tempo ainda teriam, mas conversaram de canto e decidiram se preparar. Vestiram suas roupas de domingo porque morto sempre deve se apresentar bem vestido no caixão. Rui e Germano com calções e camisas brancas e Maria com um vestidinho azul que tinha renda nos braços e nos babados da saia. Foram para o quarto da cama de mola, que já tinha sido da vó e onde a vó, aliás, morrera e, antes dela, o vô que nenhum dos três conheceu. Deitaram um do lado do outro de mãos dadas e esperaram a morte por horas, até que pegaram no sono. E nada mais que isso aconteceu, não morreram e nem passaram mal e também nem apanharam mas sentiram um pavor que depois que passou era um pavor engraçado. Assim como aquela outra vez em que talvez meio que foram longe demais, quando ultrapassaram a cerca elétrica durante a tarde, no horário em que os bois e as vacas ficavam soltos no pasto, algo terminantemente proibido - queriam brincar no riacho que passava no fundo das terras. Não tinha boi nenhum à vista e, se fossem silenciosos o suficiente, também não teria nenhum boi, a área era grande e não era como se o boi fosse um atropelador natural de criancinhas. Era um dia quente e verde, entraram no riacho, se esbaldaram na água que, não importava a temperatura da vida, era sempre gelada e, quando cansaram, decidiram ir mais um pouco porque para lá nunca tinham ido e foi exatamente lá, em algum lugar depois do riacho, que os três viram o boi. Pararam e ouviram o barulho do próprio coração, sentiram o próprio coração e foi a primeira vez que perceberam que, de verdade, é possível sentir forte o coração mesmo quando parado. O boi riscou o pasto e olhou para os três e Maria gritou corre e todos deram meia volta e correram e correram tanto quanto nunca tinham corrido e correram rápido e forte e sentiam dor na lateral da barriga de tanto que corriam e no peito também de tanto que não davam conta de respirar e chegaram de novo no riacho, atravessaram o riacho e Germano gritou que não olhassem para trás e continuassem correndo e não olharam para trás e continuaram correndo e correram de volta até a cerca deitaram no chão rastejaram por baixo de toda a eletricidade e ficaram lá, jogados na terra, arfando, o coração, agora, pulando pela atividade exagerada, pulando da forma que reconheciam enquanto levantavam e iam, caminhando de volta para a casa, sem nem se perguntar o que teria acontecido caso não

conseguissem correr, caso um deles caísse, caso um deles tivesse que ficar para trás, caso nada porque nada tinha acontecido e, naquele tempo, ainda era assim mas agora Germano e Maria se olhavam e concordavam que era hora de se cuidar.

A mãe abriu espaço enquanto o pai e o enfermeiro entravam apoiando o Rui. Ele queria caminhar, mas estava fraco e precisava de ajuda. O moço olhou para Maria, que fitava ansiosa o irmão e disse, gentil, que ele precisava apenas descansar um pouco e estaria pronto para algumas brincadeiras, mas nada de muita aventura como fugir de bois. Maria arregalou os olhos para o enfermeiro que lhe deu uma piscadela enquanto o irmão protestava com um Ei, é segredo! Os pais se olharam e sorriram confidentes para o homem que agora trazia uma maletinha com alguns medicamentos para Rui. Maria ficou levemente preocupada se eles, especialmente a mãe, saberiam de todas as vezes em que eles se aventuraram nas áreas proibidas ou se estavam apenas entrando na brincadeira do enfermeiro, mas a preocupação passou quando se deu conta de que não fazia nenhuma diferença, que sem noção de achar que isso faria diferença agora. Agora só o que fazia diferença era o fato de Rui estava terminando e será que Rui teria consciência de que estava terminando? Enquanto ela cresceu tanto nesses últimos anos, parecia que o irmão reduzira pela metade. A pele parecia fina, assim como os braços e as pernas, e era surpreendente que ele ainda tentasse esforço de ficar em pé sozinho, sendo ele próprio seu único apoio, mas essa fraqueza toda era algo que Maria só tinha como supor e o fato de ele não ter crescido muito podia não ter influência nenhuma na sua capacidade de manter-se em pé porque também queria dizer que ele era menos peso para se sustentar. Sob os olhos, o irmão trazia grandes manchas roxas, que evidenciavam ainda mais o ar terminal e Maria sentiu-se envergonhada por reclamar que estava cansada, mas ela reclamava só por causa da mãe e nunca por causa do irmão e pelo irmão, nesses últimos dias, ela viraria acordada todas as noites, já que estava acabando. A mãe pegou o filho no colo e encheu-o de beijinhos e abraços, dizendo que ela e Maria iriam preparar uma festa maravilhosa para o aniversário deles.

– Eu vou fazer 11 anos já!

– Sim! E Maria 12, eu já não tenho mais bebês, onde foram parar os meus bebês? – a mãe exagerava no drama e dava risadas enquanto fingia lamentar.

Mas Maria percebeu que a mãe mordida a parte interna dos lábios e seu peito se fez uma coisa tão pequena que, se pudesse, daria ela própria colo para a mãe que segurava o filho terminal nos braços e enquanto pensava isso também mordida a parte interna dos lábios.

Disfarçou qualquer tristeza quando seus olhos encontraram os olhos do irmão que ria divertido com o exagero da mãe. Rui foi cuidadosamente colocado e afofado na cama alta, no quarto impecável e completamente limpo, enquanto Maria ficava em um canto do cômodo, esperando, tentando permanecer fora de qualquer trânsito para não ouvir um Maria, sai dos pés dito de forma ríspida porque sabia que era isso que sobraria para ela assim que entrasse em qualquer campo de visão que envolvesse em primeiro plano as atribuições com Rui. Mas não.

– Matem a saudade, vocês dois – Maria estava sem aquela máscara horrorosa quando a mãe falou e recebeu um sorrisinho de sim, sim da mãe, que queria dizer que podiam se abraçar e respirar por alguns segundos praticamente o mesmo ar e isso deixava ainda mais claro para Maria e provavelmente para o Rui também, de que ele era definitiva e irremediavelmente terminal - a mãe suavizava.

Se abraçaram e Maria ficou por aí, aquele silêncio que sempre sucedia a volta para casa, silêncio íntimo, nunca desconfortável, nunca constrangido, nunca o tipo de silêncio em que a pessoa tem vontade de estar em outro lugar mas, dessa vez, durante esse silêncio de reconhecimento, tudo o que ela queria era estar do lado de lá da porta porque vendo o irmão assim, partilhando das mesmas rotinas de volta com ele, tudo isso fazia Maria sentir uma imensa vergonha do seu desejo mais íntimo e também incontrolável que era que ele morresse de vez. Depois de uns minutos, a porta abriu novamente e o enfermeiro entrou para se despedir de Rui. Os dois se abraçaram e trocaram um aperto de mão e o moço ainda ensinou Maria a fazer o cumprimento, antes de jogar mais um aceno de mão e sair do quarto. Pela janela, viram a ambulância fazendo a volta em cima da grama e voltando pela estradinha de terra que a tinha trazido até a casa.

– Tu tá com dor?

– Agora não. Mas também eu já acostumei então se não for uma dor muito forte, eu nem me incomodo mais.

– Mas e se for uma dor muito forte?

– Daí eu choro porque ainda não consigo não chorar e rezo muito também.

– Que merda, Rui.

– É – e Maria já nem sabia como repetir mais uma vez o quão horrível era isso quando foi salva pela mãe que impôs a presença e prescindiu palavras.

– O pai tá terminando de tomar banho e depois eu vou preparar um lanche. Que tal?

Rui foi acompanhado até a cozinha, onde uma poltrona que era da sala esperava para que ele ficasse mais confortável. Na mesa, a mãe colocou café e suco de laranja e tinha bolo de chocolate e bolinho de chuva ao mesmo tempo e nem estava chovendo, além de pipoca e pão com queijo e salame para o pai que, aparentemente, estava faminto. Sentaram todos em volta da mesa, que a mãe colocou sozinha. A mãe cortou um pedaço de bolo para Maria, serviu suco, fez o café com leite que o Rui pediu e sentou ao lado do filho para auxiliá-lo a comer, caso precisasse. Fazia tempo que ele não comia bolinhos de chuva e era a coisa de comer de que ele mais sentia falta nos dias de hospital.

– E também, mãe, esse é o melhor bolinho de chuva do mundo com certeza.

– Eu estava com saudade de ti, meu anjo, agora se tu quiser, eu faço bolinho de chuva todos os dias. A mãe faz até chover se tu quiser comer bolinho de chuva como tem que ser, tu duvida?

Todos riram muito desse último comentário, inclusive Maria, mas ela via que a mãe não comia nada e mordida com força a parte interna dos lábios e via também o semblante cadavérico do pai, que acompanhou o filho nessas últimas semanas de internação e via também o irmão, que já era outra pessoa que não aquela que se descobriu doente há anos e ela sentia que não havia ninguém exatamente saudável ali e, mais ainda, que não havia ninguém e ponto, mal havia eles, mal havia ela e os tios e Germano na casa do lado e, às vezes, tudo o que havia era a casa que à muito custo também não perdia a sua força de lar mas essa casa, ao menos, era lar antes deles então nunca não haveria nada.

A casa não é só uma casa mas também é uma história por causa das pessoas

Tijolo por tijolo, a casa foi feita pelo vô, a vó contava o tempo inteiro. Depois de adoecer e ficar de cama para nunca mais sair da cama, a vó adicionou detalhes a história como se a proximidade com a morte trouxesse uma ânsia de se livrar de todas as coisas da vida e deixá-las por aqui. E, enquanto a vó morria, Maria descobriu que o vô era um homem diferente daquele que sempre ouvira falar porque, se a casa se erguia com suas marcas em todos os cantos e é preciso força e persistência para isso, para levantar uma casa que, na verdade, são duas e são iguais e impecáveis, já que a casa sempre pareceu muito impecável a Maria, também há que ter um tanto a mais de uma força descomunal para manter os planos até o fim custe o que custar. Quando começou a construir, o filho mais novo acabava de nascer e o mais velho já

existia há pouco mais que dois anos e era assim que ia ser. Não teria mais filhos porque não teria como alimentar mais filhos e, pelo que sabia, filhos bastava querer e todo mundo queria muitos para ajudar na lida da roça, mas ele daria jeito de sempre ter todo o trabalho feito, mesmo que só com dois. Dia após dia, enquanto a mulher cuidava da casa, das crianças, ajudava na roça, tirava o leite das vacas, ele fazia o que tinha que fazer para erguer a casa. Misturava argamassa, esquentava o barro, cortava a madeira, separava os tijolos e assim seguia. A vó contou que os dias entraram em uma espiral curiosa: ao mesmo tempo em que o vô não os via passar, eles se tornavam intermináveis, como se estivesse sempre preso naquele um dia só, no dia em que começou a casa. Uma manhã, mal tinha deitado, como sempre acontecia, o galo começou a cantar, como sempre acontecia. O vô levantou e saiu decidido do quarto. Foi até o galinheiro e torceu o pescoço do animal. Queria, desesperadamente, que o dia terminasse de vez, que o dia nem começasse, que, por uma noite apenas, a vida acontecesse em turnos separados, assim como antes, e ele pudesse descansar. Durante alguns dias, ficaram sem galo no galinheiro e a vó não falou nada. Numa dessas noites, a mulher acordou com o choro do filho mais novo e encontrou o marido parado ao lado do berço, com o travesseiro na mão. Pediu para que ele lhe alcançasse o bebê. O vô virou-se e a vó contou que era como se não tivesse mais nada dentro da pessoa, como se ele estivesse esvaziado e parecia uma noite de lua minguante meio nublada. A vó repetiu o pedido e, só então, recebeu um olhar ansioso. O vô largou o travesseiro e saiu do quarto que dividia com a família. Só depois a vó percebeu. Na manhã seguinte, um galo voltou a cantar no galinheiro.

Conforme a casa crescia, o vô definhava, como se transferisse de si a matéria para construir o lugar. Maria sempre soube o quão custoso tinha sido para o avô construir a casa sozinho porque essa era uma coisa que a avó sempre falava. Maria sempre se sentiu ligada ao avô, como se morasse um pouco dentro dele. Sempre que brincava de esconde-esconde com Rui e Germano, ganhava. Os meninos a acusavam de roubar na brincadeira, espiando quando era a sua vez de contar, mas a verdade é que Maria sempre ouvia com mais clareza os estalos que a casa dava e, por mais silencioso que os dois fossem, por mais meias que usassem, ela sempre conseguia ouvir na casa seu deslizar pelo chão. Sentia que tinha um pacto diferente com o lugar e, de certa forma, sentia que conhecia um pouco o vô definhado.

A casa, madeira por madeira e tijolo por tijolo, ia crescendo no seu ritmo, que era o ritmo do vô. A vó jura que ele fez tudo sozinho, mas Maria sempre teve suas dúvidas apesar de decidir abandoná-las. Como pode um homem só fazer um telhado, por exemplo? Subir tão alto assim carregando os materiais? Naquele dia em que a vó queria se livrar de tudo, ela contou

mais sobre a história da casa para Maria. Disse que, dez meses depois de começar a empreitada, quando à casa faltava o revestimento e as aberturas e a tintura que seria azul e branca, a vó estava parada na cozinha da casa velha, debruçada sobre o fogão a lenha cozinhando o feijão quando o vô entrou e viu e, quando a vó virou-se para olhá-lo parado na porta, ela mesma viu que ele tinha, enfim, visto, e desatou a chorar porque o marido via com olhos loucos. A vó, enquanto podia, sempre fora a pessoa mais doce e mais gentil do mundo com Maria, era uma que valia por duas já que a outra avó não existia. Nos primeiros anos da neta, cuidou como se fosse sua e ninguém, nem mesmo a mãe, tirou isso dela, que chamava a neta de minha menina. Naquele dia em que o vô viu a vó com outro filho na barriga, perdeu a cabeça que já estava meio perdida e, afinal, as coisas não eram exatamente do jeito que ele imaginara. Filhos podiam vir do prazer, mas não vinham da vontade.

Quando a vó contou isso para Maria, enquanto quase morria, disse que sentia, desde sempre, um perdão magoado pelo vô e Maria não entendeu direito. Se fosse com ela, pensava, se fosse com ela que isso se passasse não importa em que lugar do mundo e nem feito por quem, Maria sempre iria querer fazer algo de ruim de volta. A vó disse que ela dizia isso porque era nova demais para entender as pessoas, apesar de já entender as pessoas bastante bem.

Também naquele dia, o vô arrastou a vó para a estrebaria e a amarrou lá, com sogas nos pés e nas mãos, junto com as vacas e foi lá que ela ficou, presa, durante dias e noites, abandonada e sentindo-se abandonando os filhos pequenos, a casa, o trabalho na roça, as próprias vacas, os ovos no galinheiro, as folhas que caíam na grama, e a vida que estava dentro dela, que precisava dela e pela qual ela não podia fazer nada porque estava presa ali. Foram noites e dias ouvindo de longe o vô seguindo com a casa, ouvindo, às vezes, as crianças chorarem, sentindo fome e frio e sede e o corpo até que um dia, sabe-se lá quantos dias depois, Maria não tinha como saber e a vó usava a palavra todos para contar desses dias, então, depois de todos os dias, enquanto prendia as vacas depois do pasto, o vô viu que a vó sangrava, soltou-a e a levou para casa, onde cuidou dela, deu banho, deu comida, fez compressa para espantar a febre e carinho em seus cabelos enquanto ela gritava de dor e a vó disse isso a Maria, que perder um filho dói tanto quanto ter. O vô deixou a mulher repousar por todo o tempo que quisesse, até que ela própria saísse da cama e fosse seguir a vida. O casal nunca mais falou sobre isso, a vó nunca mais entrou na estrebaria para tirar o leite das vacas, o vô nunca cobrou isso e a vida seguiu normal, mas agora eles sabiam melhor como nunca mais ter filhos e nunca mais tiveram porque os planos eram uma casa feita duas, um filho para cada casa, eles amparados quando mais velhos e um futuro possível.

A vó dizia que entendia, que percebeu que, no fundo, tudo aconteceu porque o vô sabia que não daria conta de construir mais nada quando terminasse essa casa e que essa casa era toda a força, a dignidade e a humanidade daquele homem. A história, quando a vó contou, fez com que Maria lamentasse ainda mais não ter conhecido o pai do seu pai e do seu tio.

Às vezes a gente não quer tanto uma coisa que chega a esquecer as coisas que a gente quer

Tinha uma jabuticabeira enorme no jardim de casa, verde bem escuro e ela toda bem escura porque quando dava frutas, as frutas deixavam ainda mais pesada a cor da árvore que era uma das maiores árvores que eles já tinham visto, que só não era mais alta que os pinheiros da beira da estrada, mas os pinheiros de beira de estrada eram muito finos, o que acabava tirando um pouco do efeito de toda aquela altura e fazia com que eles não fossem, nem de perto, tão majestosos quanto a árvore que os três tinham no jardim de casa e que era muito majestosa. Majestosa, aliás, era uma palavra ótima que a professora tinha ensinado para a Maria quando ela estava na primeira série e queria escrever um poema sobre a jabuticabeira que tinha no jardim de casa. Depois disso a árvore passou a se chamar Majestosa, embora Germano tenha reclamado por um tempo, mas ele podia reclamar o quanto quisesse porque nome é nome e ninguém pode resolver um problema quando se trata de nome, tu tem o nome que tem e fim de história, no máximo pode conseguir um apelido, mas isso só acontece se as outras pessoas se dispuserem a lhe chamar de outra coisa que não do seu nome e não era o caso com a jabuticabeira porque o caso com a jabuticabeira, para Maria, era apenas Germano fazendo caso mesmo.

Brincavam muito em volta dela, os três. Rui escalava a árvore como se fosse um macaquinho e conseguia, sem problema nenhum, se agarrar no tronco e subir toda a distância que não possuía galho para apoio dos pés. E ele não sabia explicar como fazia, apenas que fazia, como se fosse um dom natural muito merecido que ganhou junto com a vida e, às vezes, de repente, Maria pensava que o irmão era realmente muito abonado pela vida em detrimento dela desde sempre e que, se uma coisa ruim tivesse que acontecer em cada lugar, uma por vez, talvez ali nas terras e ali na casa essa coisa ruim tenha acontecido com ele para equilibrar as coisas: que fosse ele, e não ela porque as coisas para ele tinham sempre sido mais fáceis. Que fosse ele e não a mãe porque a mãe nem mãe tinha, que fosse ele e não o pai porque o pai já é homem e dizem que para alguém se transformar em homem um monte de outras coisas tinham que acontecer mas Maria não sabia muita coisa sobre o que pode ter acontecido com o pai a

não ser a história que a avó contou quando morria. O irmão passaria por isso e então seria, ele também, um baita homem, daqueles que conseguem resolver tudo e conquistar muitas coisas e ter ainda mais terras e ainda mais gado e também uma esposa muito gentil, assim como o pai tinha a mãe e o tio tinha a tia e Rua seria muito melhor que eles fazendo filhos, quantos filhos o irmão teria, não conseguia nem imaginar, ela mesma se perguntava se um dia teria filhos, era preciso saber, era preciso estar preparada, era preciso ter algum conhecimento de causa para estar lá para todos então, quando vê, o irmão sairia dessa de uma vez, esperaria um pouquinho, casaria e começaria a ter filhos e ela poderia continuar morando com ele e ajudando com as crianças porque ela achava que provavelmente todas as mulheres precisam de ajuda com as suas crianças. Até mesmo a tia, que tinha um filho só, às vezes parecia não dar conta. Germano, aliás, aprendeu rapidinho a subir na árvore - não igual a Rui porque assim ninguém conseguia, mas Maria achava que não fazia diferença de que meios ele se utilizava para estar lá em cima, contanto que estivesse lá em cima. De qualquer forma, o primo não conseguia sem ajuda e, como Maria ajudava, ninguém estava lá para ajudá-la e ela ficava sempre no chão e sempre fazia um drama que era muito falso com relação a isso porque, na verdade, nem com ajuda ela saberia alguma forma de estar lá em cima. Eles empurravam um banco velho para perto da árvore e, sobre o banco, colocavam outro ainda mais capenga. Maria segurava com força enquanto o primo subia primeiro e, dali, tomava impulso para escalar o tronco cheio de frutinhas - ou sem frutinhas nenhuma porque eles não resumiam as brincadeiras apenas à primavera. Quando era época, Maria ficava no chão, com uma bacia, e recolhia o que eles jogavam. Às vezes, eles atiravam com força, tentando acertá-la de qualquer jeito só porque estavam em segurança, que é muito mais fácil agredir alguém que não pode se defender, era assim que pais agiam, batiam quando quisessem porque as crianças não têm como se defender, não por serem crianças, mas por serem filhos e por isso era tudo muito injusto. Quando as jabuticabas machucavam, Maria ficava furiosa e, por mais que não pudesse se defender na hora, podia se vingar depois. A temporada de disparos foi bem curta porque Maria os recebia no chão com beliscões profissionais, mas essa nem era a pior parte. O insuportável para os dois era ver a menina endiabrada virando toda a bacia cheia de jabuticabas gordas no chão e pisando em cima do máximo que conseguisse, desperdiçando não apenas frutas como também o trabalho deles, que, apesar de ser muito mais diversão do que trabalho, Maria sabia, também tinha para Rui e Germano um valor pelo baita empenho e ninguém queria ver o próprio empenho jogado no lixo então Maria foi alvejada com jabuticabas certeiras apenas algumas vezes e depois nunca mais porque ninguém queria ela como consequência e ela gostava muito de pensar que majestosa também era ela, embora nunca podia dizer nada porque se eles se dessem conta disso

acabariam encrencando e, mesmo sendo nome, poderiam emburrar a ponto de precisar começar a chamar a árvore de outra coisa.

Mas essa função toda era ótima, com as frutas e tudo o mais. Quando não era época, Maria sentia desespero em ficar lá, no chão, esquecida, como se fosse ela a peça menos importante daquele trio que formavam e que essa desimportância sempre viria à tona, se não com a incapacidade de subir nas árvores, com a incapacidade de se sentir tranquila e, se não agora, depois, quando crescessem, quando cada um seguisse sua vida ali, quando, quem sabe, Maria quisesse sair ver outras coisas, não sabia direito o quê, mas fora da época de frutas, Maria sempre tentava organizar a programação de brincadeiras para que elas não chegassem nem perto da árvore porque sentia uma tristeza muito grande em ser esquecida. Meio dissimulada, manipulava Rui e Germano, emendando uma brincadeira na outra sem intervalos, sempre se antecipando para sugerir a próxima, sem permitir que um dos dois tivesse alguma ideia porque a ideia poderia levar à árvore. Dava trabalho ficar observando o tempo inteiro e tentando entender o que eles queriam e, às vezes, ela percebia que acabava esquecendo dela própria: de tanto que não queria a árvore, nem sabia o quê, exatamente, queria.

Mulheres sempre recebem mas receber também é se doar

Depois das três da tarde, quando a casa já estava limpa, a louça lavada, as bolachas ou o bolo assados, o quintal já fora varrido, a roupa ainda balançava no varal, o leite já tinha sido tirado uma vez e, em algumas horas, seria tirado outra vez, os ovos já tinham sido recolhidos e as galinhas alimentadas, nesse espaço de tempo em que todas as coisas já tinham sido feitas e logo antes de todas as coisas precisarem ser feitas mais uma vez, a roupa a ser recolhida, o leite a ser tirado, a janta a ser preparada, as crianças a serem mandadas pro banho e pros temas de casa e todas as outras atividades que porventura interrompessem a rotina e exigissem atenção, uma vaca em trabalho de parto ou uma criança machucada ou um marido muito bêbado ou uma morte de velho, entre tudo isso, nessas breves horas do meio de uma tarde, as mulheres se reuniam. Desde pequena, quando olhava para a mãe e para a tia, Maria tinha a impressão de que assim que se começa a fazer coisas que têm que ser feitas na vida, uma pessoa não para mais e a tia nunca parava e a mãe nunca parava e nem o pai nem o tio paravam e ninguém mais parava para um pouco de nada, a não ser nessa hora, às três da tarde, que era o momento de espaço em todas as casas da comunidade, em todas as propriedades, em todas as rotinas que eram diferentes mas também eram as mesmas, a mesma janela aberta para todas as mesmas

coisas então, às três da tarde, por um momento, para as mulheres, tudo deixava de acontecer e começavam as visitas - os homens tinham a bodega, tinham a cachaça no armazém quando iam para a cooperativa comprar fertilizantes ou saber qual a cotação do soja e do trigo, tinham o papo furado com outros homens cujos problemas eram sempre práticos demais. As mulheres tinham umas às outras e o chimarrão e a casa umas das outras então, por isso, às três da tarde começavam as visitas. Maria gostava muito de receber visitas, gostava muito mais do que quando tinha que ir porque ir causava um certo estranhamento, um despertencimento e ela se perguntava em que lugar estava e mesmo que soubesse exatamente, não sentia-se estando nesse lugar e essa falta de conexão trazia um desamparo, como se sua existência estivesse diretamente atrelada à casa em que nascera, às árvores em frente ao pátio, que traziam uma sombra e eram tão bonitas, à grama bem cuidada na qual era possível brincar sem incômodo com o sol mesmo que fossem duas horas da tarde e ali também tinha o cheiro de grama e água e terra e bosta de animais e da cozinha, tudo junto, tudo muito específico e tudo muito confortável, um cheiro que não causava nojo porque não causava estranhamento e a casa dos outros podia até ser um lugar de descobertas mas ainda era a casa dos outros. Não conseguia imaginar que existisse muita coisa interessante por lá, coisas a mais que na sua casa e a sua casa ainda tinha uma história que ela respeitava, ares que ela conhecia, hábitos que ela seguia e também em casa era ela quem mandava porque as vizinhas traziam os filhos e eles três gostavam mesmo era de ser os chefes das brincadeiras.

Então às três da tarde as cadeiras eram colocadas na área, a mãe e a tia recebiam as mulheres que chegavam uma por uma. O dia era dia de sol porque sair de casa com chuva era muito sujo e trabalhoso e, dia obrigatoriamente de sol, com as árvores balançando e o vento fresco da tarde de interior, a roda se formava na grama em frente à área da casa, onde todas as cadeiras esperavam a primeira a chegar, para começar a passar a cuia com chimarrão. Por volta das quatro, a tia trazia as bolachas, a mãe o bolo ou vice e versa e, além da cuia, passavam o prato com a comida. Traziam um banquinho de madeira, o pai de Maria tinha feito porque a mãe pedira. Não era pequeno como os outros, mas tinha as pernas um pouco mais altas e o que seria o assento era um pouco maior: fora feito especialmente para que os pratos fossem colocados. Aquilo era, na verdade, uma mesinha um pouco menor, mas podia também ser um pouco de cada uma das coisas que virava outra coisa. Às crianças, além da comida, traziam suco, daqueles feitos de pó, bem colorido e doce, que todos adoravam e esperavam. As mulheres falavam sobre tudo que pudessem falar, porque talvez nem tudo sobre o que quisessem falar fosse permitido. Reclamavam de filho, mas não de tê-los, reclamavam do

marido, mas não de terem casado, reclamavam do trabalho duro mas não da vida. Falavam umas das outras, das filhas das outras, das mães das outras, no limite em que a outra não se transformasse nelas próprias - todas eram iguais e todas eram diferentes e falavam disso e das receitas de bolos e sobremesas e da melhor maneira de preparar a galinha e o porco e dos ladrões que invadiam o porão de madrugada e roubavam todo o queijo e o salame produzido para ser vendido ou consumido e de como era importante estar atenta ao cadeado bem fechado e falavam da vaca que estava dando menos litros de leite e as tetas em carne viva porque, mesmo assim, era muito leite.

– Só sendo mulher para saber que não há animal pior para se ser do que uma vaca – comentava uma e todas riam e diziam Deus me livre e faziam o sinal da cruz e era essa a forma de elas conversarem sobre tudo de uma maneira que sempre parecia leve demais e só mais tarde Maria foi entender o porquê das vacas sempre darem leite e o porquê de as mulheres terem pavor de imaginar essa realidade.

Maria sempre ficava parada no canto da área quando as mulheres começaram a chegar. A mãe chamava para que fosse cumprimentar as visitas e logo vinha Germano no encalço e também vinha o irmão logo atrás. Uma por uma, todas as crianças eram beijadas antes de serem devolvidas para sua rotina de brincadeiras. Durante muito tempo - alguns minutos, os três ficavam parados em um canto da área brincando sem exatamente brincar porque esperavam também. Às vezes davam sorte, às vezes não e ficavam sem mais crianças para correr por aí. Certas tardes, Maria abria mão dos seus para ficar entre as mulheres, ouvindo suas conversas. Na primeira vez em que isso aconteceu, ela tomou uma decisão para a vida. De noite, enquanto a mãe arrumava a janta, Maria, bem novinha, com uns cinco ou seis anos, chegou perto da sua barriga na pia. Sofria, mas trazia certezas.

– Quando eu crescer eu não vou ter filhos.

– E por que não?

– Eu não gosto de ter que falar só de crianças.

A mãe sorriu:

– Nada que as mulheres, com o tempo, não aprendem a esquecer.

– As crianças?

– Não, de falar do que gostam.

A mãe estava nervosa no dia seguinte à chegada do irmão porque todo mundo sabia que o menino doente deles tinha, enfim, voltado para casa. Ela e a tia conversaram muito sobre o assunto, na sala de casa, como se Rui, Maria e Germano, que tinha se juntado aos dois, não fossem capazes de ouvir nada do quarto do menino.

– Ninguém vai ser rude - dizia a tia.

– Comigo tudo bem, mas e se fizerem perguntas demais para ele e deixarem o menino mais cansado?

Rui olhou para Maria e deu um sorrisinho. Queria que a irmã fosse avisar à mãe que ele estava pronto para responder qualquer tipo de perguntas e que ninguém precisava se preocupar, as pessoas podiam ser curiosas sobre como é um hospital que ele responderia. Quando deu o recado para a mãe, ela encheu os olhos de lágrimas, era isso que fazia o tempo inteiro agora, chorar ou morder a parte interna dos lábios para não chorar, não parava nunca e Maria, de novo, sentiu o misto de constrangimento e felicidade pela dor da mãe e depois sentiu muita culpa também e voltou para o quarto onde Rui e Germano estavam deitados na cama alta cada um com a cabeça nos pés do outro.

As cadeiras já estavam colocadas na área, tanto na parte de lá quanto na parte de cá da casa, reunidas em espera porque, em breve, seriam transportadas para o pátio, na grama, sob a sombra das árvores. Depois do almoço, a mãe assou um bolo e a tia assou outro bolo, então hoje seria um dia em que apenas bolos seriam servidos, sem bolachas, e Maria achou sem graça porque fazia tempos que não tinha as bolachas de manteiga em casa e ela gostava muito de bolacha de manteiga - gostava de bolo também, mas hoje queria bolacha que bolo tinha sempre porque a tia sempre fazia. Bem, ao menos hoje tinha o bolo da mãe também que era muito bom e era diferente do da tia e, de qualquer forma, ela pensava que deveria poder comer sempre o bolo da mãe porque a mãe é que era a sua mãe e não a tia, mas ela gostava muito da comida da tia também mas isso não fazia diferença.

Maria estava arrumada - o que escapava da rotina das visitas que aconteciam antes do irmão voltar para casa, quando qualquer tarde era apenas uma a mais e não havia necessidade de cerimônia. Agora as coisas mudavam e todos os dias eram, sim, um dia a mais, não do mesmo jeito, mas pensando em soma, cada dia um novo milagre. Era um dia solene, tipo missa, quem vinha, vinha para saber como estava Rui e como estava a mãe e como a vida se desdobraria nos próximos dias. A mãe estava nervosa, o que era muito irritante porque não era como se as vizinhas fossem roubar Rui e sair correndo ou machucar o irmão ou qualquer coisa

parecida - nem sujar a casa, elas nem iriam entrar na casa. Por mais que a mãe tivesse relaxado com relação às máscaras e, desde o dia anterior parado de fazer Maria limpar como se a vida fosse um eterno deixar o cenário arrumado pra inspeção do padre, mesmo que ainda estivesse maníaca pela limpeza e Maria via que o menor detalhe fora do lugar, a menor partícula de pó, já a deixava meio perdida - agora que não limpava mais, Maria sentia um prazer perverso na sujeira natural do ambiente. Durante as últimas duas semanas, ninguém tinha aparecido para visitar, mas isso era comum desde que o irmão tinha adoecido - havia épocas em que a casa quase não recebia ninguém. A mãe não saía de casa a não ser para ir ao hospital com o pai. A tia seguiu o protocolo de visitas, mas ela não tinha um filho que era terminal. Ela sempre levava Germano e Maria consigo, deixando a mãe sozinha na casa e Maria não gostava da ideia de deixar a mãe muito tempo sozinha porque ela poderia ficar ainda pior e Maria tinha muito medo que a mãe ficasse ainda mais triste.

As visitas começaram a chegar pontualmente às três da tarde e quando eram três e quinze as cadeiras já estavam dispostas em um círculo no pátio com duas cuias de chimarrão passando porque uma só não dava conta de tantas mulheres. Um dez mulheres e Maria achava essa coisa de duas cuias de chimarrão estranha porque parecia impossível respeitar a roda quando uma cuida vem de um lado e depois outra cuia vem de outro lado e assim tinha gente que acabava de tomar uma cuia e já estava recebendo a outra cuia e Maria achou interessante que não rolasse nenhuma dor de cabeça por causa disso porque sabia que, se fosse na roda das crianças, a justiça da roda das cuias seria pano para desentendimentos, mas na roda das crianças nunca tinha chimarrão e também as crianças nunca ficavam em roda, menos hoje, hoje todas as crianças estavam em roda também porque a mãe e a tia tinham trazido o Rui para fora, era bom que pegasse um pouco de sol e um pouco de ar fresco e um pouco dos amigos que estavam ali para vê-lo e Maria tinha certeza também, assim como ouviu a certeza da mãe, de que todas as pessoas estavam aí hoje por causa de Rui, para vê-lo e entender como ele estava e o quanto do que era dito de casa em casa pela comunidade se confirmava. Devia ser muito desagradável para o irmão porque as pessoas não disfarçavam muito a sua curiosidade em torno dele, menos ainda as crianças, e Germano e Maria sentiram necessidade de montar a guarda e ficarem um de cada lado de Rui, como se pudessem barrar qualquer coisa de chegar até ele, o que era impossível, eles eram duas crianças que não tinham meios de controlar outras crianças e Rui dava risada da postura da irmã e do primo e dizia que agora precisava mesmo de guarda-costas para o pátio. Maria ficava realmente chocada com o quanto o irmão parecia um adulto e as piadinhas que fazia eram uma prova disso: apenas adultos fazem piadas desnecessárias em

momentos desconfortáveis e o que fazia a irmã achar Rui ainda mais evoluído que todos eles era que adultos geralmente fazem essas piadas para deixarem de se sentir mal com uma situação desagradável mas o irmão fazia porque queria que os outros deixassem de se sentir mal com a situação. A doença ininterrupta durante anos tinha deixado Rui mais inteligente e o melhor de todos eles e Maria se perguntou como seria a vida ao lado de uma pessoa assim embora isso nunca seria possível porque ela não teria tempo de descobrir e, se não fosse para o irmão morrer, ele não teria passado por tudo isso e daí provavelmente ainda estaria apenas uma criança normal.

Estavam todos os três e mais quatro filhos de vizinhas todos mais ou menos da mesma idade, sentados no cobertor leve que elas tinham colocado no chão. Jogavam cartas, tinham escolhido bisca em solidariedade a Maria porque embora todos quisessem jogar canastra, ela nunca fora capaz de entender o que se fazia com aquelas cartas ou como o jogo funcionava e já que ela sempre era a cabeça da brincadeira, bisca foi dada como uma ótima opção e, como eram em muitos, jogavam com dois baralhos para que cada rodada não fosse rápida demais. Maria começou o jogo com dois de copas, um quatro de copas e outro quatro de basto: ou seja, tudo sem valor nenhum e quase as cartas de maior valor: o um de qualquer naipe valia 11 pontos e o 3 era a segunda mais alta, valia 10. Estava entre os maiores pontos do baralho mas pegou as cartas sem pontuação nenhuma e quase gritou que aquela merda não tinha sido embaralhada direito mas seria xingada pela tia provavelmente por causa do palavrão e faria o irmão se sentir mal porque foi ele quem deu as cartas. Então se entregou ao jogo sem ambições, já sabia que não ia muito longe e também não fazia diferença, ganhar o jogo não era sua maior função e ela sabia disso desde mais cedo, enquanto orgulhosamente ajudava a mãe a organizar o cobertor e as almofadas na grama, arrumação que tinha sido ideia sua, aliás, porque a mãe, que estava ansiosa com tudo, estava ansiosa também que as crianças corressem e não brincassem com Rui.

– Vou confiar em ti pra ficar de olho em tudo por aqui, tá? Eu cuido da parte de lá com as mulheres falando que nem papagaio e você cuida da parte de cá.

– As crianças também falam que nem papagaio, me irrita às vezes, e falam uma mais alto que a outra e daí já tão berrando. As mulheres ao menos não berram.

– Verdade, elas só falam bem alto, mas não se preocupa, em alguns anos é tu quem vai ter que receber e daí aposto que vai sentir saudade de cuidar da roda das crianças.

– Mas eu gosto, sabe? Quando vem visita...

– É? Que bom, então, porque sempre tem muita visita né.

– Às vezes tem visita demais.

– Shh isso tem que falar baixinho se não vão achar que a gente tá mandando visita embora!

– Tu ia gostar se elas fossem logo embora, ou se elas nem viessem?

– A gente lida com o que a gente tem – e a mãe deu um sorriso e um beijo em Maria e na hora Maria não soube definir exatamente qual era o sentimento, mas mais tarde a palavra veio e daí ela sentiu-se triste por estar em sua própria pele mas o que tinha sentido era gratidão e o sentimento foi tão forte que ela nem conseguiu dar a devida atenção para a frase da mãe, aquele conformismo dito em voz alta, a gente lida com o que a gente tem, e nem pensou em como ela mesma se agarrava naquela frase todos os dias e como poderia usá-la para eximir um pouco a culpa dos seus desejos mais horríveis e de como tudo o que mais queria era algo que ela também não queria mas ela só queria porque era o que ela tinha para querer e essa frase poderia suavizar um pouco o horror que era o fato de que o irmão ia morrer e, apenas por isso, o fato de que ela queria que ele morresse.

Enquanto jogavam biscoito, todas as crianças em uma roda, exatamente ao lado da roda das cadeiras das mulheres, Maria foi incumbida de assumir os cuidados pelo irmão, de calar qualquer boca que não soubesse se comportar e de fazer tudo seguir naturalmente, o que não era fácil pois era um naturalmente forçado e o natural era que alguém perguntasse o tempo todo como era estar doente assim ou o que acontece no hospital ou tu já viu alguma criança morrer? Vez ou outra Maria olhava para a mãe e a mãe estava sempre olhando também e Maria se surpreendeu que, em todas as vezes que ela olhou para a mãe, a mãe lhe dava uma piscadinha porque estava olhando exatamente para ela.

Perdeu três partidas seguidas e estava fazendo um esforço muito grande para não prestar atenção nisso e focar no fato de que hoje era um dia diferente e especial, um dia verde iluminado, e que o que ela fazia aí era muito mais que jogar um jogo mas se irritou na terceira vez e não conseguiu disfarçar o sentimento do olhar do irmão, que baixou as próprias cartas e disse que não queria mais jogar. Maria ficou constrangida porque agora essa superioridade que o irmão adquiriu porque estava doente e sofria muito era jogada na sua cara da forma mais simples e elegante - ela estava sendo mesquinha. Por sua própria culpa agora teria que sugerir alguma brincadeira que todos pudessem brincar de onde estavam, sentados em círculo um ao lado do outro. No momento ela não se importava com nenhuma das outras crianças, mas

também queria mantê-las atraídas para aquele pedaço muito específico de chão ocupado por um cobertor, um menino quase morrendo, ela, Germano e mais dois meninos e duas meninas. Dois deles, aliás, os dois meninos, eram irmãos também e Maria se perguntava como será que se sentiriam se um deles estivesse em seu lugar e será que alguém pensava como deveria ser estranho e triste estar em seu lugar e, mais ainda, será que algum deles, eventualmente, já tinha pensado como seria estar no lugar de Rui? Ela e Germano e certamente Rui, mas eles não falavam sobre isso, passaram a ter uma consciência assustadora da morte porque ela era próxima demais, os outros não eram obrigados a pensar sobre isso. Olhou para os outros que baixavam as cartas também e perguntavam o que faziam agora e sentiu inveja mas não teve muito tempo para remoer isso porque não podia deixar que decidissem brincar de algo que envolvesse corrida ou subir em árvores, por exemplo. O irmão se sentiria mal, quer dizer, ela achava que ele se sentiria mal, mas não tinha como saber, já não tinha mais muito poder para antecipar nenhuma das reações de Rui a coisa nenhuma, elas eram sempre mais tranquilas ou maduras porque ele estava doente e as pessoas doentes adquirem uma sabedoria maior e ela se perguntou, de repente, se sabedoria é algo que vem em cota para cada pessoa durante a vida, como se nascessem com uma quantia de sabedoria já designada, tu vai saber tudo isso e deu e, se fosse assim, quando a pessoa adoecia toda a sabedoria que ainda faltava e que viria aos poucos ano por ano vinha tudo de uma vez só, atropelando o tempo, porque o importante era cumprir a meta e por isso o irmão era tão sábio, agora que terminal. Embora na verdade isso não fizesse sentido nenhum pois muitas pessoas morrem de acidentes e não tem como alguém prever um acidente e organizar para que a pessoa fique muito sábia antes de ser atropelada ou tomar uma descarga elétrica. A não ser que deus existisse mas, se isso acontecesse, aí não existiriam acidentes e nem crianças como Rui então tudo era uma grande besteira e certamente o que fazia uma pessoa ficar tão sábia assim era todo o sofrimento acumulado e isso, a quantidade de sofrimento do irmão, ela tinha certeza de que nunca teria como saber, assim como a maneira que ele agiria se as crianças simplesmente saíssem correndo deixando-o para trás.

– Vamos decidir. Maria, o que vamos fazer agora? – perguntou um dos irmãos

– Eu não sei, não tenho mais ideias.

– Vamos brincar de esconde-esconde – quem sugeriu foi a Aline, a vizinha de mais pertinho deles e que era um pouco mais nova que todos. As crianças se olharam e o outro dos irmãos deu um cutucão na Aline. Então eles tinham vindo preparados. Maria olhou para o irmão e viu ele dando de ombros, dizendo é uma boa, vão vocês, eu estou cansado, e se deitando

estendido na coberta.

– Eu fico contigo – disse Maria, e Germano disse eu também e não que precisasse porque ninguém se mexeu para sair daquele pedaço de chão e ir correr e se esconder pela propriedade e, por um tempo, ficaram todos num silêncio pesado e constrangedor, o que era outra coisa que Maria achava que só podia acontecer se adultos estivessem envolvidos e com vontade de sair correndo.

Só que o silêncio constrangedor permaneceu e, de repente, tornou-se maior que eles próprios, o tipo de silêncio que Maria estranhou antes de se constranger porque, em dois segundos, percebeu que tudo estava quieto. As mulheres, por mais que hoje falassem mais baixo que em todos os outros dias, o que fazia bastante sentido já que as pessoas encaram silêncio como uma forma de respeito e hoje, mais que nunca, as mulheres que vieram, apesar de toda a curiosidade, também queriam mostrar que respeitavam e se solidarizavam e também que estavam disponíveis para qualquer coisa que a mãe precisasse, qualquer coisa mesmo, uma delas, inclusive, se ofereceu para ajudar com as vacas, mas Maria achou que a tia ficou ofendida porque ouviu ela respondendo, ríspida, que conseguia dar conta de tudo e ajudar a cunhada, as outras crianças já se viravam sozinhas. Mas a tensão tinha acontecido um pouco antes, quando todas ainda falavam em vozes mais baixas que o normal, e agora o silêncio constrangedor da roda das crianças que Maria sabia que só aconteceu porque ela quis pagar para ver e ser uma pessoa ruim, se estendeu até a roda.

Maria virou-se para ver a mãe olhando para frente na direção da estradinha com uma cara que parecia misturar a falta completa de sentimentos com uma fúria infinita e era, na verdade, a cara que ela fazia nos momentos em que estava louca e todas as outras mulheres se olhavam discretamente e fitavam o chão e se olhavam mais uma vez, olhares que se encontravam de lado e saídos do chão. Maria estranhou e olhou ela também para a estradinha e lembrou na hora da mulher que acabava de chegar, porque ela já tinha vindo uma vez até a casa, logo antes de Rui ficar doente e lá vinha ela andando daquele jeito estranho que era causado, provavelmente, porque seu corpo ocupava todo o espaço que Maria já tinha visto um corpo ocupar e deveria ser difícil equilibrar tanto corpo em pernas tão curtinhas e mesmo se as pernas fossem as maiores pernas do mundo, ainda assim, seria difícil equilibrar todo aquele corpo que seguia a cintura acima daquelas pernas e ela vinha vindo na rapidez que podia, com não muito menos dificuldade do que naquele dia que chovia tanto e aquele dia que chovia tanto Maria achou que a dificuldade em andar fosse mais pela chuva que pelo corpo, mas hoje via que não. Tinha sol e tinha um dia lindo e uma estrada seca à frente e os passos eram difíceis

também e Maria pensou que preferia não ficar tão velha se fosse para ficar tão gorda porque provavelmente ela não poderia mais fazer um monte de coisas já que pelo visto até andar era difícil e a mulher chegava, cheia de dificuldades, com um sorriso no rosto que era um sorriso intrigante porque quando alguém chega num lugar onde todo mundo olha do jeito que a mãe olhava ou que as mulheres olhavam, quando é assim que se é recebido, no mínimo, a pessoa chega sentindo o clima. Não ela, ela tinha todo o sorriso no rosto e um tipo de sorriso que parece que nunca acaba. As crianças já não estavam num silêncio constrangedor, apenas em silêncio, naquele calar tenso em que todos imergiram e que só não atingia as vacas mugindo e os porcos grunhindo e os pássaros cantando porque eles são maiores que todas essas coisas mas as crianças não, talvez, quem sabe, eles já não fossem mais tão crianças assim, ela tinha certeza que ela não era e tinha certeza que Rui também não e entre eles três, Germano era o mais criança mas também não era tão criança assim porque viviam no mesmo lugar.

Maria e Germano puxaram Rui cada um por um braço e ele voltou a ficar sentado e observava ele também o que acontecia porque eles também reconheceram a mulher da história que Maria contou sobre a visita numa tarde aleatória e de como todos concordavam que a mãe tinha começado a ficar louca assim bem naquela tarde em que chovia.

Por que será que a gente não pode controlar todas as coisas e muito menos todas as pessoas

Maria não fazia ideia de quem era a senhora que chegou com um guarda chuva, bateu na porta do lado de cá e ficou esperando. Era alta e gorda, a figura mais gorda que Maria já tinha visto e vinha estranha se balançando pela estrada de terra que dava na casa. Carregava um guarda chuva, mas a única coisa que o objeto protegia da chuva era a cabeça. O quanto será que precisava comer para ficar gorda assim e será que não dava trabalho carregar aquele peso todo de um lado para o outro? Se bem que a mulher já vinha velha e as pessoas mais gordas que Maria lembrava de ter conhecido eram velhas já então pode ser que aquela mulher fosse ainda mais velha que os velhos todos que Maria conheceu na vida, porque vai ver a gordura fosse acúmulo de comida da vida inteira, por isso era fácil ficar gorda assim, principalmente se tu for mulher, como era a senhora e a Maria, porque mulheres geralmente ficavam mais gordas que homens, o que queria dizer, então, que viviam mais, o que fazia muito sentido porque olha só a vó, tinha morrido não fazia tanto tempo mas o vô, por outro lado, eles nunca chegaram a conhecer e a vó também era gorda antes de ser doente.

A mulher ainda vinha na estradinha quando Maria desgrudou da janela e correu chamar a mãe que estava na cozinha preparando bolinhos de chuva para todos e Maria adorava muito os bolinhos de chuva que a mãe fazia, todos gostavam, a tia nunca fazia porque essa era a especialidade da mãe e será que ao longo da vida quantos bolinhos de chuva ela comeria e o quanto eles contribuiriam para ficar do tamanho daquela senhora? Avisou que vinha vindo uma mulher bem gorda e a mãe disse que Maria não deveria falar assim. A mãe levantou, a porta fez barulho e ela foi abrir, com Maria presa na saia. Viu a mãe ficar surpresa e olhar para a mulher, dizendo que entrasse, por favor, vou pegar uma toalha para a senhora. Ela tirou as botinas sujas de barro, esperou a toalha, secou-se, entrou. A mãe disse que estava preparando uns bolinhos de chuva e disse a Maria:

– Cumprimente quem ajudou você a vir ao mundo, filha.

Maria ficou muito intimidada porque ainda não entendia sobre como alguém pode ajudar alguém a vir ao mundo, ainda mais alguém tão velha e também tão gorda. A mulher olhou para Maria e beijou a bochecha dela, depois ergueu uma mão enorme, tão rechonchuda quanto ela inteira e tão cheia de anéis que parecia ser feita de ouro e não de carne, pousando-a no ombro da mãe.

– Venha, querida, me leve a um lugar onde possamos conversar nós duas – a menina foi mandada para a parte de lá da casa, onde Germano e Rui brincavam com um quebra-cabeça da Turma da Mônica. Parou no meio do caminho e ficou sentada na área, gostava de olhar a chuva e, apesar de não poder brincar, gostava muito da chuva. Estava quente e ela podia aproveitar a oportunidade que tinha visita na casa para o caso de a mãe ficar braba - ela ia prometer uma tunda de laço mas nada se faz na frente de visitas e valia a pena o risco, estava bom demais o dia, as árvores que separavam a casa da estrada balançando levemente com o vento, o céu de um cinza que era meio alaranjado, a chuva geladinha. Tirou a roupa e foi para baixo da água. Estava se jogando em uma poça quando ouviu a porta abrir e a senhora sair de lá com uma cara muito ruim e viu a mãe, parada à porta, com uma cara ainda pior. A velha calçou as botas, pegou o guarda chuva, abraçou Maria, mesmo que esta estivesse molhada, sem se importar em nada com isso e talvez ela fosse um tipo diferente de pessoa adulta ou talvez os velhos todos ficassem mais gentis que os meio velhos e Maria abraçou de volta a quantidade de corpo que alcançava da senhora.

– Fique com isso, sim? Guarde bem guardado nas tuas coisas mais queridas, sim? – a gorda estendeu um arame dourado bem fino e entregou para Maria que não entendeu muita coisa e não entender muita coisa quer dizer que não entendeu nada, mas disse que sim e correu para a área a tempo de parar em frente da porta da parte de cá da casa e ouvir a mãe gritando

chorando e atirando a bacia onde estava fazendo a massa dos bolinhos de chuva direto no chão, sujando a cozinha inteira. Maria entrou pingando pela casa e guardou o fio de metal dentro de uma caixinha que tinha sido da avó.

– Boa tarde, minhas queridas – o sorriso era um sorriso muito muito bonito, envolvido por um tanto de pele e bochechas descomunais e nada a ver com o tipo de sorriso que se espera de alguém que volta a um lugar de onde saiu deixando um rastro de berros e lágrimas e massa de bolinhos de chuva no chão. Era um sorriso iluminado e não amarelo e Maria pensou que a cor para aquele sorriso era um tom de violeta bem clarinho e pura luz enquanto olhava para todos os detalhes da mulher incrivelmente gorda e incrivelmente bonita. Talvez as pessoas precisassem de um tempo até se decidir sobre a aparência dela porque as pessoas sempre se decidem sobre a aparência de alguém mas Maria achava que depois que se decide a sua decisão é muito gritante e até óbvia e a pessoa deve se perguntar como, desde o início, não pensou que mulher linda porque ela é muito linda. E poderosa. Todas as mulheres que até então olhavam para baixo e olhavam umas para as outras e diziam um oi tímido não resistiram muito tempo até retribuírem-lhe o sorriso e dizerem cheias de vontade um boa tarde senhora e como vai a senhora e que bom ver a senhora. Maria achou que essa recepção fez a voz das mulheres subir um pouquinho e ficar o mais próximo do que costumava ser mas será que todo mundo sabia daquela vez que a mãe tinha quase expulsado a senhora da casa? A tia estava sem saber o que fazer, disse oi, mas ficou um segundo parada, mas queria agir, mas olhava pra mãe, mas tinha que fazer alguma coisa, mas também tinha que cuidar da cunhada que estava transtornada, mas não podia deixar a ilustre visita em pé, mas e a cunhada e Maria via tudo isso acontecendo nas mãos e no rosto da tia mas principalmente nas mãos que se apertavam e não paravam de mexer uma na outra até que se decidiu porque enfim ela deveria cuidar da cunhada mas ela não era a cunhada e não tinha remorso algum pela parteira.

– Senta, senta aqui, pode sentar, eu vou pegar uma outra cadeira.

– É uma gentileza, querida, você sempre foi muito gentil, que sorte tem sua mãe e seu filho também.

–Ora, não é nada de mais – a tia foi como que brilhando pegar uma cadeira dentro da casa, enquanto a mulher, que Maria sabia que havia feito o seu parto e o do irmão e o de Germano e provavelmente o de todos os outros quatro que estavam sentados no chão sobre o cobertor, se dirigia até eles todos antes de sentar-se no lugar liberado pela tia exatamente ao lado da mãe que ainda não tinha se mexido e também não tentava disfarçar mais nada em frente

às vizinhas e Maria se perguntou se a mãe, também de tão cansada e sofrida, percorria uma espécie de caminho exatamente contrário ao Rui e virava mais criança, que não se importava em ser rude diante das visitas.

– Ora, olá vocês todos, que bom ver de novo todas essas carinhas. Eu lembro de cada um de vocês, vejam bem – e Maria sabia que ultimamente sentia que tudo girava em torno de Rui e de uma forma muito estranha girava em torno dela também, mas ela jurava muito juradinho muito muito jurado que na maior parte do tempo a parteira olhou pra ela e pra Rui e só para ela e pra Rui, não pra Germano ou para os outros, apenas os dois. Provavelmente devia ter a ver com o dia da chuva e com o que quer que tenha acontecido lá, mas, de qualquer forma, todos quase entrarem para dentro de si mesmos de vergonha daquela mulherzona que sorria para eles e, sorrindo, impunha sua presença naquele pedacinho de chão ocupado pelo cobertor.

Porque não importa como fosse a reação das mães, as crianças ainda não tinham bagagem o suficiente para saber como lidar com essa mulher a não ser a própria Maria que já teve um contato prévio com ela há tantos anos. Mas ela era adorada porque ela era a parteira da comunidade isso desde que a comunidade era comunidade e ninguém sabia dizer muito bem quantos anos ela tinha, mas estava em algum lugar como o das avós de todas essas mulheres e a maioria das avós dessas mulheres já não vivia mais. Pelas mãos dela passaram suas mães e elas mesmas e seus próprios filhos e com a graça de Deus ainda passariam seus netos, porque todas acreditavam que a idade era um limite do qual a parteira conseguia se sobressair e também todas acreditavam na magia de suas mãos que nunca perderam uma criança. Sempre graças a Deus que deu a vida e graças a mãe que deu à luz e graças a parteira que deu a saúde. E todas, até agora, davam graças assim, mas de todas, até agora, a mãe de Maria era a primeira que estava prestes a perder uma criança. Crianças não morriam naquela comunidade por causa daquela mulher e agora uma criança morria mas isso não era algo em que elas quisessem ficar pensando.

A tia voltou com a outra cadeira, que foi colocada a algumas de distância da cunhada, não longe o suficiente que acabava ficando de frente e forçando o contato visual. Deixou uma escolha para a parteira, sentar ao lado da anfitriã desconfortável à sua presença ou diminuir o desconforto que veio com a sua chegada e prova disso é que a tia disse um aqui está e não sentou e também não ficou perto da cadeira em que estava antes e nem perto da nova cadeira que tinha sido colocada, mas sim voltou para dentro da casa dizendo que ia pegar os bolos que tinham sido preparados e que estavam, modéstia a parte, uma delícia, especialmente o da cunhada que tinha uma mão ótima para bolos mesmo, sem dúvida alguma, os dela acabavam

sendo sempre os melhores. Ainda sorrindo, a parteira se virou pesadamente e com muito trabalho e andou até a roda e todos acompanharam meio que ansiosos para onde ela mirava e ela aparentemente também não queria lidar com a cara de louca da mãe, sentando-se na cadeira em que era sensato sentar. Talvez fosse injusto dizer que a mãe tivesse feito o caminho inverso ao de Rui e desistido de manter as aparências em frente às vizinhas porque apesar da cara de louca ela não estava berrando e nem chorando e isso significava muita coisa já que geralmente ela berrava e chorava e Maria tinha essa lembrança de que a mãe jogava coisas também.

Depois que todas estavam novamente organizadas e sentadas e depois que a presença da parteira entre elas deu um novo tom à tarde e à conversa, a roda das crianças ficou particularmente chata. Não queriam mais jogar cartas, ninguém queria mais fazer alguma coisa específica tipo jogo de tabuleiro ou dominó e nem nada que não exigisse movimento e que, por não exigir movimento, davam liberdade a Rui e nenhum deles se sentia falando sobre qualquer coisa. Apesar de Maria estar louca para confabular com o primo e com o irmão sobre o que motivava aquele comportamento meio maníaco da mãe, não era nada que ela faria na frente dos outros quatro porque, além de o assunto não pertencer a eles, também ia ficar difícil de refletir sobre o que estava acontecendo com crianças interrompendo e tentando entender do que ela estava falando e ela não queria apenas falar disso, mas sim refletir muito sobre aquela cara da mãe que se fechou e nunca mais se abriu, sobre o comportamento quase rebelde que fez a mãe levantar-se logo depois que a parteira sentou, entrar na casa, pegar um maço de cigarro e um cinzeiro, voltar para a roda ao mesmo tempo em que a tia trazia os bolos e acender um cigarro atrás do outro, fumando como se não tivesse ninguém lá pensando que era indelicado fazer isso assim no meio das visitas. Maria nem sabia se era uma coisa que todo mundo concordava, a indelicadeza de fumar desesperadamente em público.

A gente só deve esconder quem é de verdade das pessoas que não importam

A mãe acendeu um cigarro encostada na pia da cozinha. Estavam apenas as duas em casa e Maria tinha acabado de completar o tema da escola na parte de lá da casa junto com Germano. Entrou na cozinha em tempo da primeira tragada e perguntou quantos cigarros ela tinha fumado enquanto Maria estava com o primo. A mãe olhou curiosa para Maria e disse que esse era o quarto ou quinto.

– Então hoje tu fumou 31 ou 32 cigarros.

– Ah, é? Pois eu não estou contando, sabe?

– Pois nem eu, tô só te contando, caso tu queira saber – Maria sorriu e a mãe sorriu de volta. Achava que ela ficava bonita fumando, mas só porque achava a mãe bonita – Se tu precisasse ficar sem, quanto tempo tu conseguiria?

– Todo o tempo que tiver muita gente em volta é o tempo que eu fico sem fumar.

– Mas a gente tá sempre em casa e tu tá sempre fumando, sempre que eu almoço, tu fuma.

– Hmm, verdade – a mãe faz cara de quem pensa e concorda – Então eu quis dizer que consigo ficar sem fumar durante todo o tempo que tiver gente que não é minha por perto, com as minhas eu não tenho problema e considerando que tu saiu de mim tu é minha, ou tô errada? – e a mãe seguiu soltando fumaça de cigarro e fazendo caretas para Maria que fazia uma cara de nojo divertida que era a resposta padrão para toda a vez que a mãe usava o argumento Tu saiu de mim.

– Mas tu não fuma perto do Rui também.

– É que ele tá doente, né, Maria. Daí é diferente. Não pode fumar perto dele, o pai e o tio também não fumam nada quando ele tá em casa.

– E qual a diferença de uma pessoa qualquer vir aqui e tu não fumar, então?

– Não quero que todo mundo veja que eu não consigo ficar sem fumar, se pra elas é normal pra mim eu sei que não é. Só por isso.

– As pessoas não se importam.

– É verdade, tu tá certa, eu só tenho medo que sim.

– Não contigo, eu digo, com o fumar, sabe, se é fraqueza ou não, tanto faz, acho.

– Pode ser também, mas eu não quero imaginar que as pessoas tão ali pensando em como eu sou uma fraca e compulsiva. Não quero lidar com elas lidando com o que eu não quero lidar. Pegou? – Ela apagou a bituca na água da pia e jogou no lixo. Maria não tinha pegado. – Vai dormir que amanhã tem aula, filha.

A mãe com certeza era uma pessoa muito louca.

A conversa tinha um leve fio de desconforto com o silêncio da mãe que queria mostrar que já não se importava mais. Um cigarro atrás do outro não faria nenhuma diferença porque

ela estava vulnerável de uma forma que jamais esteve e na frente de todas aquelas mulheres e, mais tarde, quando elas chegassem em casa e contassem da tarde, estenderiam a vulnerabilidade dela a suas mães e seus maridos e, ainda, àquela comunidade inteira que pensava nela como a mulher que está perdendo a cabeça porque o filho vai morrer e sabe-se lá mais o que acontecia que provocava aquele comportamento estranho com relação à parteira e Maria sentiu um misto de pena e de amor pela mãe porque devia ser tremendamente difícil para ela lidar com a própria fragilidade a ponto de abandonar as máscaras. Queria que ela tivesse seguido à risca sua convicção de não fumar tanto na frente de outros porque ali, naquela situação em que Maria podia olhar como sendo alguém de fora, era insuportável e constrangedor vê-la escancarar a própria dor. Mas Maria amava a mãe e amava a mãe demais ou será que na verdade não amava tanto assim ou será que, mais ainda, aquela desconexão que sentia às vezes, como se não pertencesse mais à mãe, não tivesse mais vínculo verdadeiro com aquela mulher, que se potencializa em determinados dias e também se acalmava em outros tantos, mas será que essa desconexão, sentida uma vez, seria sentida sempre e Maria meio que nunca mais seria da mãe, ao menos não daquele jeito de que a mãe falou quando acendeu um cigarro na cara da filha naquela vez?

– Vamos lá com elas – a menina que tinha antes sugerido que brincassem de esconde-esconde agora trazia essa ideia muito mais plausível e executável e todos concordaram na hora, principalmente Maria, que queria ver bem de perto o que estava acontecendo na roda do lado, queria ver de perto como era a mulher gorda de sorriso perfeito. Levantou-se dizendo que deveriam ajudar Rui e o próprio Rui se posicionou para receber melhor o apoio do primo e da irmã porque todo mundo queria mesmo estar naquela roda agora, habitar o cobertor no chão já tinha sido o suficiente para todo mundo por hoje.

As crianças pegaram um pedaço de bolo e o suco que a tia tinha feito pra elas e sentaram no meio da roda das mulheres que também comiam e falavam de amenidades como a última vez que tinham ido na cidade e ficado chocadas com o preço das roupas que precisavam comprar para os filhos, como eles crescem rápido, aliás, e que quente esse verão mais quente que todos os outros e Maria sentiu-se bem em ver tantas mulheres reunidas falando sobre como a vida acontecia todos os dias e a própria Maria lembrou-se que toda a culpa que sentia era pelo tanto que ainda acreditava que a vida podia acontecer todos os dias, mesmo que agora, nesse momento, nessa existência que todos da família partilhavam, a continuidade da vida era algo completamente aterrorizante porque todos sabiam que ela seguiria, mas não sabiam como e menos ainda se queriam que seguisse. Não era o caso de Maria. Ela queria muito a continuidade

de todas as coisas e se adaptaria facilmente até que as coisas voltassem ao normal porque essa ainda era a melhor opção entre as únicas opções, mas o que será que pensaria a mãe? Continuar era uma opção para a mãe? E, se não fosse, se a mãe decidisse que nada mais importava e nenhum outro motivo era bom o suficiente, de que adiantaria a continuidade para Maria? Tinha o pai mas o pai era só o pai, Maria o amava mas os filhos sempre escolhem a mãe porque a mãe sabe mais e as crianças vêm dela.

A mãe tragava um cigarro após o outro enquanto as mulheres seguiam suas conversas, agora já tão naturalmente como se nenhuma delas tivesse compartilhado aquele momento de silêncio e olhares baixos minutos antes. As crianças comiam, Rui estava deitado com a cabeça apoiada nas pernas de Maria e todos passaram a prestar a atenção quando uma delas começou a falar da cobra que o marido tinha encontrado na estrada no outro dia.

– Ele teve que descer do trator, porque diz que não tinha como passar e diz ele que conseguiu matar ela a pedradas, mas vocês conhecem a peça, não conhecem, pois é, conhecem e eu duvido muito que tenha matado, vou te dizer, deve tá ainda por aí.

– Ah, mas e do tamanho tu não desconfia?

– Nah, tanto faz, o tamanho não faz lá tanta diferença – e todas riram enquanto as crianças se olharam meio perplexas porque parece que uma cobra de dois metros e uma cobra de meio metro fazem muita diferença, embora tenha todo o perigo do veneno, mas as cobras grandes te abraçam e te enlaçam e quebram os teus ossos e isso não é nada que uma cobra pequena consiga fazer. Se bem que tem o bote.

– Deus me livre de cobra, eu tenho trauma – disse outra – só Deus sabe o que eu passei com o meu mais velho, bom, vocês sabem a história, não é mesmo?

– Que história, querida, acho que dessa eu não sei – a parteira era tão gentil quanto gorda e parecia que as mulheres se sentiam especiais toda vez que ela falava com alguma delas.

– Logo que o meu nasceu, tinha nem um aninho ainda, eu tinha que ir pra roça abrir mato e ia fazer o que, levava junto, né? Meu Deus, não consigo nem pensar, a gente é tão novinha quando começa a ter os filhos, isso que esse meu hoje tá com quase trinta anos, homem feito já, tem que ver só, um amor, trabalhador, não sei se a senhora lembra dele mas foi a senhora que me ajudou também, deus a abençoe, mas enfim, abrir mato, não tinha quem fizesse, tinha eu que ir fazer e eu levava ele sempre junto comigo, era um menino querido pra vê só que amor de menino, daí ia junto comigo, né, eu sempre cavava um buraco pequeno, colocava um cobertorzinho e deixava ele lá dentro e ele ficava lá eu dava a mamadeira e deixava ele com

um ursinho que o pai tinha feito e ele ficava lá e foi quando ele começou a ficar doente e imaginem meu horror, eu tinha vinte anos na época fiquei sem saber o que fazer, o menino tava diminuindo de tamanho, a mãe veio passar um tempo lá em casa e deu uns dias ele tava bom eu nem me atinei né, e a mãe ainda dizia que era só falta de experiência, imagina a minha culpa, daí a gente voltou a fazer o que fazia sempre que era ir abrir mato, ele esperando no buraco que eu fazia e eu lá abrindo mato até que foi começando de novo a perder peso e tu acredita, a senhora, a senhora acredita que um dia eu olhei pro lado na hora e vi que uma cobra, uma cobrinha fininha e cinza e marrom, nunca esqueço da cor e da pele da cobra, tava lá enfiando o rabo na boca do nenê, daí ele vomitava e ela comia todo o vômito. Eu nunca me perdo por não ter visto isso antes e ainda dei sorte que tá aí e tá bem mas quase deixei aquela cobra sugar meu bebezinho, a senhora não imagina o pavor, não imagina, mas também a gente novinha, depois vai vindo os outros, vai aprendendo, vê mais as coisas, que eu sempre digo que mãe tem que tá atenta o tempo inteiro se não depois acontece isso, ou o filho fica doente ou acontece algum acidente e aguentar depois né, porque as crianças, elas não tem medo de nada e se a gente não cuida... – ela terminou balançando a cabeça, procurando as outras para o sinal de concordância e encontrando, mais uma vez, os olhares baixos e perdidos de todas.

A mãe pareceu ter sido a única a não perceber a escorregada na fala da vizinha. Fumava seu cigarro, agora com tranquilidade, enquanto encarava sem baixar a cabeça a mulher que não conseguiu disfarçar a cara de quem sabia que tinha dito uma imbecilidade sem tamanho. Parecia que a mãe tinha até se ajeitado na cadeira, crescido de tamanho e largura e importância e até a fumaça que soltava tinha um efeito superior, como se a mãe fosse melhor que todas e provavelmente a mãe era melhor que todas mas fazia tanto tempo que Maria não via aquela superioridade na mãe, aquele ar que fazia com que todos em volta sentissem que estavam lhe devendo algo. Maria também tinha percebido o absurdo que a vizinha tinha falado, como se pudesse ser culpa de todas as mães do mundo todas as coisas ruins que aconteciam aos seus filhos, como se as mães pudessem sempre dar tudo o que os filhos precisavam e sentiu-se muito muito culpada por, intimamente, exigir da mãe qualquer coisa a mais do que ela estava lhe dando porque Maria não precisava de muito mas ela queria mais, quem precisava era o irmão e, ao irmão, a mãe se dava com uma força arrebatadora que Maria nem sabia que existia, provavelmente porque a mãe não tivesse essa fibra até o momento em que teve que. Olhava triste e com a tão comum culpa de sempre para a mãe que desviou seu olhar congelante da vizinha e pousou-o na própria filha. Maria deu um sorrisinho tímido e a mãe respondeu com outro sorriso, avisou que ia entrar, mas que ficassem todas à vontade e Maria percebeu que,

enquanto sorria, a mãe mordida a parte interna dos lábios.

Os dias seguiam com pressa e essa era a primeira vez que os dias seguiam assim, incontrolláveis, quando vê já era noite quando vê já era hoje quando vê já era sábado. As exclamações recorrentes de meus Deus como o tempo passa rápido e meu Deus já é natal e meu Deus já é deixaram de significar frases vazias para adquirir sentido, mas o sentido também aparecia nas coisas mais improváveis, como nas frases sobre o tempo e também nos silêncios prolongados da mãe e na necessidade de manter tudo impecável. Passar um dia de sol trancados dentro de casa, pensar que nem todos os dias, talvez, fossem obrigados a ter uma cor própria eram coisas que não estavam diretamente relacionadas com o irmão mas que, por causa do irmão, faziam Maria pensar que o amor era uma construção de pequenas coisas e, ainda, um estado de espírito. Mais alma que toque porque ao mesmo tempo em que tocar era necessário, também afastava. Toda vez que queria abraçar Rui, se perguntava porque queria abraçá-lo e a iminência de que ele partisse a qualquer momento fazia com que encostar nele fosse quase profano. Como Maria, apesar de seus desejos mais profundos, ousaria tocar num ser humano tão puro quanto Rui em seus últimos dias em casa? Tinha que pensar no amor e amar sem corromper e, também, tinha que fazer esforço para não odiar todos os dias e não deixar crescer o ressentimento com a mãe que também não dava mais abraço e nem beijos em Maria, mas também já não conseguia mais nem ser tudo o que o irmão precisava.

O atropelo dos dias era só um jeito de se ver as coisas porque sabia ser necessário preencher com o máximo de memórias possíveis um tempo que era inconstante e volátil, que corresse, tudo bem, mas eles não tinham como saber até quando ainda valia virar as folhas do calendário. A volta definitiva de Rui para casa criou uma rotina metódica de cuidados que, em partes, fazia as faxinas parecerem brincadeiras e Maria não sabia como explicar que os dias que passavam tão rapidamente, na verdade, se arrastavam também. Gostava de olhar para Germano, que parecia ser quem mais sofria com o novo ritmo imposto a todos porque estava sempre muito entediado. O primo, que sempre foi o mais agitado entre os três, sentia com força a nova configuração e Maria percebia o esforço que ele fazia para manter a naturalidade já que, agora, o natural era uma coisa completamente diferente. Para ele, o tempo passava mais devagar porque tinha menos ação e ele se esforçava para ficar parado também, mas toda manhã ele acordava e corria para Maria dizendo que horror que já não é mais ontem e com isso queria dizer será que é hoje. Hoje era sempre um dia aterrorizante porque todos sabiam o que podia significar, mas cada um vivia seu terror em mundos separados. Germano e Maria com as suas verdades descobertas quase à espreita e os adultos com a função de fazer com que fosse o

melhor dia possível. Hoje, todos os dias, era um dia limite para o qual ninguém tinha estrutura emocional o suficiente mas, quando chegava a noite, todo mundo estava um pouco mais forte, depois de ter lidado com 24 horas a mais de ansiedade e tensão e tentado, durante 24 horas, disfarçar a ansiedade e a tensão. Todo mundo se dava como preparado.

Nas primeiras noites logo depois que Rui voltou, Maria dormiu no quarto dele, rotina que fazia parte de todas as voltas do hospital mas, dessa vez, com muito mais liberdade, o tipo de liberdade que os dois não tinham desde quando Rui ficou mal, sem pais espionando a cada quinze minutos e sem aquelas máscaras horríveis que a mãe obrigava todo mundo a usar. Mesmo assim, sentia que não tinha como aproximar-se do irmão da mesma forma que antes porque, bem, agora tudo estava diferente e ela estava diferente também e não conseguia parar de imaginar o que o Rui devia sentir mas, ao mesmo tempo, não conseguia parar de pensar em como se sentia. De noite, enquanto conversavam ela contava dos assuntos que tinha aprendido na escola, como os planetas, por exemplo, e as cores, as cores primárias e as cores secundárias e confessava que, desde que percebeu as cores não conseguia dissociá-las da vida, que podia ver cores em todas as situações.

– Que cor a gente é agora? – a respiração de Rui fazia um barulho ritmado e alto que desconcentrava Maria. Achava que eram azul marinho quase preto mas talvez porque fosse noite e azul marinho quase preto parecia pesado demais.

– Me parece que laranja, sabe? Que tu acha? – laranja sempre parecia uma cor de lembrança e de felicidade.

– Acho que sim, que pode ser – e suspirava com mais dificuldade.

Por pior que fosse e mais desamparador e dolorido e errado, o que sentia não era nada se comparado ao que Rui vivia, embora talvez fosse importante também. Sabia que não era ela quem tinha perdido todas as coisas legais dos últimos anos ou quem sentia dores absurdas nem quem tinha que acordar de manhã pensando que poderia ser a última vez que acordaria de manhã, mas, mesmo assim, se sentia parada em meio a uma tormenta de experiências traumáticas, imóvel, não fosse o movimento provocado pela água que acabava empurrando-a de um lado a outro. Toda noite quando iam dormir ela ficava ansiosa pensando se essa seria a última noite ou não e sentia-se péssima porque não era uma ansiedade daquela que machuca, era mais uma ansiedade daquelas de quem espera e o que mais doía, fora da dor primeira de sentir-se tão só, era a culpa que sentia e se perguntava se quem sabe mais tarde na vida, em outra fase e vivendo outras histórias, não se lembraria da época em que o irmão sofria tanto e

ela agia de forma egoísta, sentindo pena de si mesma, e veria que era inevitável que se sentisse exatamente da forma que se sentia e daí, quem sabe, se perdoaria ao menos um pouquinho e, ao menos um pouquinho, aliviaria essa bagagem que a acompanharia para sempre porque se alguém deseja a morte do irmão a marca fica para sempre. Mas talvez fosse esse o problema da barreira que ela nunca via fim: acreditava que se prestasse tanta atenção em si mesma não conseguiria se colocar no lugar do irmão porque, de qualquer forma, isso era impossível, ninguém pode, de verdade, se colocar no lugar do outro, mas apenas na sua ideia do que é o lugar do outro e assim acabava, invariavelmente, voltando para o seu próprio lugar.

Nas noites em que dormiu no mesmo quarto que o irmão, voltou ao hábito de vê-lo dormir enquanto não conseguia mais pregar os olhos. Tinha sono o tempo inteiro e sentia que o tempo inteiro não dormia. Até que, de repente, acordava de manhã com a mãe mandando que ela saísse e fosse para outro lugar porque precisavam de espaço para Rui e ela se arrastava para outro lugar, meio perdida por ter sido acordada, sem saber ao certo o quanto dormira e sem sentir o efeito do sono no seu corpo. Durante as madrugadas, Maria não conseguia controlar as lágrimas, e nem queria controlá-las, os dias inteiros eram tão cheios de momentos em que ela era obrigada a morder a parte interna dos lábios que quando todo mundo dormia o silêncio era um alívio e poder chorar uma calmária. Queria chorar o tempo todo e, se pudesse, deitaria ao lado de Rui na cama alta e deixaria as lágrimas caírem até molhar o travesseiro e ela e o próprio irmão e o quarto inteiro e todas essas lágrimas por ele e por ela própria e pela mãe e pela saudade que ela já sentia de todos embora todos estivessem presentes o tempo inteiro mas que forma era essa de estar presente se ela era tão solitária?

Rui não se interessou tanto pelas cores quanto pelos planetas, queria saber tudo o que Maria se dispusesse a contar e ela tinha toda a disponibilidade do mundo. Enquanto falava sobre o sol e as estrelas e o fato de o próprio sol ser uma estrela e da lua não ter luz própria mas apenas refletir a do Sol, Maria se perguntava se, em cada crise aguda de dor que ele tinha, temia que a próxima seria ainda pior e imaginava também se, quando estava sozinho por questão de segundos, temia morrer bem naquele espaço de tempo, sem ninguém, sem se despedir, sem olhar nos olhos de quem amava sem poder dar um sorriso gentil porque ela acreditava que o irmão daria um sorriso gentil se pudesse olhar nos olhos de cada um deles antes de morrer porque Rui estava nesse lugar agora, o de viver uma existência da qual nenhum deles podia dizer menos que iluminada.

– E se tem todas essas coisas no céu, onde será que Deus fica? – Rui quis saber, claramente fascinado.

– Dizem que ele está em todos os lugares né – mas Maria não acreditava mais.

– Pois é, e onde será que é todos os lugares, hein? – Rui deu uma risadinha, mas ele ainda acreditava.

– Não faço ideia.

Quando a gente deixa de acreditar as coisas não deixam de existir

A mãe já não rezava mais. Enquanto a tia aumentava a quantidade de terços aos quais se dedicava por dia, dia após dia, três por vez, a mãe foi fazendo o caminho contrário. Antes, quando estava em casa, rezavam as duas juntas e Germano e Maria sabiam que quando se aproximasse a hora da reza era bom sair do campo de visão porque quem estivesse por perto era agarrado junto e tinha que se ajoelhar também. Não é que sempre tenham sido assim, as duas. Rezavam sempre, mas nunca tanto e foi depois que Rui adoeceu que começaram a dedicar tantas horas para as ave-marias e os pais-nossos. Ela achava que isso acontecia porque enquanto Rui estava fora e longe e doente e os médicos agiam e os remédios agiam e as agulhas furavam a pele fina do irmão, não havia nada que estivesse mais ao alcance delas do que pedir desesperadamente por ele. A reza era o que tinham e por isso rezavam e, provavelmente, acreditavam muito em cada palavra que proferiam e cada pedido que faziam até que um dia, depois de tantas e tantas horas rezando a deus, até que esse dia, Maria não sabe dizer se foi aos poucos porque teve um dia só que foi o primeiro em que ela reparou na tia rezando sozinha, então pode ter sido nesse dia ou até em dias antes, mas não faz diferença, teve um dia que Maria percebeu que a mãe já não rezava mais, não do jeito convencional, não juntando as mãos e ficando de joelhos, não respondendo à Ave Maria da tia e depois chamando ela própria a Ave Maria. Será que a mãe também, em meio a toda a realidade a qual eles foram jogados ou talvez por causa da realidade, tinha percebido que, possivelmente, deus não existisse de fato ou, se existisse, era outra coisa que não a que eles esperavam porque era impossível um ser só, não importa qual ser fosse esse, dar conta de responder a tantas orações o tempo inteiro e no mundo todo.

Maria estava há dias com medo já, um medo que não podia confessar para ninguém a não ser Germano e Germano não tinha poder nenhum de protegê-la embora ultimamente ela achasse que ninguém estava muito preocupado com isso, com protegê-la e talvez, na verdade, ela nem precisasse ser protegida mas ainda acreditava que sim, que precisava, que era uma

criança. Mas isso tanto fazia, o problema era o medo que não podia confessar porque alguém iria xingá-la e dar-lhe umas tundas de laço e gritar que isso era pecado, talvez a tia fizesse isso porque a tia parecia ainda a única que se importava em dar-lhe umas tundas de laço mas disso, de apanhar, ela já não tinha tanto medo, tinha medo do desamparo mesmo porque aí ela estaria desamparada por todos os lados, sem a mãe e sem o irmão e também sem deus. Já fazia uns dois anos que Rui vivia já tão magro e mirrado, tão diminuído ao invés de crescido como ela e como Germano. Maria estava deitada, suando porque já estava ficando quente de novo, ouvindo o irmão chorar no quarto ao lado com o pai e a mãe falando coisas e percebeu com muita certeza essa verdade que ninguém falava em voz alta e que devia ser um pecado tremendo mas deus não existia.

O irmão adormeceu no quarto ao lado e ela seguia sem se mexer muito enquanto não dormia porque a rede que evitava que os mosquitos a devorassem estava meio que solta em volta da cama e se enrolar naquela rede dava agonia e, acordada, não suportava mais aquela agonia, depois, dormindo, que se enrolasse o quanto quisesse porque no sono se suporta tudo e esse drama era comum de todas as noites de calor, mas era uma pena que ultimamente dormisse tão pouco e tão mal, se conseguisse, permaneceria dormindo muitas horas do dia mas, talvez, também, a agonia quisesse muito ser sentida e influenciasse diretamente no sono, talvez não tivesse o que fazer e era uma descoberta recente essa, a agonia, e mais recente ainda a maneira de evitar a agonia e ainda mais recentíssima o fato de que, talvez, a agonia não fosse algo feito para ser evitado, era algo a ser sentido, algo horrível, doía sob as unhas e doía o peito também, não era nada, diziam, era por causa do irmão, queria atenção, mas doía sim e ela descobriu, com a professora, a palavra agonia e era agonia então. Que todo mundo dissesse que não era nada tudo bem, mas ela achava interessante conseguir nomear a coisa, para sentir que o que era, era algo, uma coisa, então aquele mosquito ficava se enrolando na perna dela que estava meio suada e que também se enrolava no lençol e ela não podia reclamar e não podia nem pensar em reclamar porque o irmão vivia o que vivia, agora mesmo estava chorando, ele sim estava em agonia. Talvez ela ainda precisava descobrir outro nome, mas enquanto isso, sentia agonia também, uma agonia diferente da do irmão porque a dela vinha de dentro e a dele vinha de fora, das internações e das manchas roxas e das agulhas na carne. Certamente ainda existiam vários outros tipos de agonia contidas nas agonias que vem de dentro e nas que vêm de fora e deviam ser infinitas as agonias no mundo. Tem a agonia de quem sente fome, os que vêm sempre pedir comida porque têm fome, eles devem sentir agonia também e o pai e a mãe por causa do irmão estão em extrema agonia e as vacas todo dia com o leite sendo tirado por pessoas que não se importavam, deviam sentir agonias também e o porco quando morre faz um

barulho tão alto que deveria ser a maior agonia do mundo, a vó enquanto morria, o vô enquanto construía a casa, a professora com todo mundo na sala de aula e tendo que ensinar coisas diferentes para cada aluno e o barulho que cada aluno fazia e o homem da prefeitura que abria as estradas e aquela máquina fazia muito barulho e continuava a agonia. Levantou-se e pegou o caderno que usava na escola e, na penúltima página porque a última já estava cheia de rabiscos e desenhos, fez uma lista de todas as agonias próximas das quais conseguia lembrar, uma por uma, começando no irmão e terminando no barulho da máquina e enquanto escrevia percebeu que se algum dia precisasse justificar sua descoberta, não tinha como saber que não precisaria explicar o porquê de saber que deus não existe, diria que se ele existisse seria impossível apontar tantas agonias assim em tão pouco tempo e, mais ainda, ela diria que a agonia que imaginava que o irmão sentisse não poderia ser tão absurda ao ponto de ser impossível ser nomeada.

Obrigava-se todos os dias a tentar esquecer a descoberta, como se ela pudesse ser desfeita e, esquecida, deixasse de existir, mas era impossível, era grande demais e perigosa também. Se deixasse de acreditar em deus, deixar de acreditar poderia ser pecado? Mais um pecado somado aos que cometia com seus sentimentos pela situação do irmão. As pessoas diziam deus sabe o que está fazendo, e Maria tinha vontade de revirar os olhos e empurrá-las porque se fosse verdade e tudo tivesse um propósito, então o sofrimento do irmão acontecia por alguma razão superior como se, mais especial que o irmão, fosse o que acontecia com ele, o que acontecia com o irmão fosse mais especial que o próprio irmão. Não há nada de especial em desaparecer pouco a pouco em uma cama de hospital, mas na época Maria ainda não tinha ouvido a palavra *terminal* e não sabia que o irmão estava no fim porque, se soubesse, ela teria berrado e exigido justificativas para frases tão vazias quanto deus sabe o que está fazendo. Depois que escutou a palavra, percebeu que todo mundo passou a ser mais cuidadoso com o que dizia. Era como se as palavras fossem o ponto final para transformar o vazio em uma realidade concreta, ou as coisas que podem ser ignoradas todas as noites ao deitar a cabeça no travesseiro em problemas verdadeiros que precisam de solução na manhã seguinte e ninguém achava que existia um porquê para a morte anunciada do irmão. A tia, que rezasse todos os terços que quisesse, mas fazia isso sem imposições, principalmente depois que a mãe parou de acompanhá-la no rosário.

A mãe parou de rezar bem na época em que Maria ouviu a conversa do tio e do pai. Depois de saber que o filho era terminal, deve ter percebido que quando as palavras finalmente são ditas elas têm a força de concretude, mas que quando elas são ditas frequentemente, dia após dia, podem se esvaziar e perder a essência. Se a reza a acalmava antes porque era o que

ela tinha nas mãos, agora já não fazia diferença porque eram várias palavras repetidas centenas de vezes e ela poderia repetir qualquer palavra centenas de vezes que o resultado prático seria o mesmo. Um dia a mãe estava fumando um cigarro na cozinha, enquanto descansava de esfregar o chão de joelhos, ritual que antes era de toda a sexta-feira, mas que agora era repetido em todo o dia que ela estivesse em casa, quando Maria achou seguro contar que também estava no mesmo lugar.

– Eu também não acredito mais em deus – sustentou o olhar da mãe, que se surpreendeu com a aparição repentina de Maria e não com a colocação da filha.

– Também...

– Tu não acredita mais também. Não reza mais.

– Eu acredito, sim. Tenho medo de Deus.

– Por quê?

– Porque ele só tira e nunca dá nada, mas ele tira.

– Não é ele que tira. É a vida.

– Tu devia acreditar, Maria. Devia temer também, filha.

Maria teve que se resolver sozinha com seu medo, mas isso não era muita novidade porque ela já achava que tinha que se resolver sozinha o tempo inteiro embora isso não fizesse nenhuma diferença. Agora sabia que pecava e, mais que isso, sabia que deus estava em uma espreita constante para puni-la por sua falta de fé. Mas acontecia que ela já era punida o suficiente e que mais que isso não fazia diferença então deus não existia e ponto, ele que fizesse o que quisesse fazer.

Estavam todos sentados na grama na frente de casa, esperando o entardecer que era um dos horários mais bonitos porque ainda era claro e via-se perfeitamente mas estava tudo na sombra menos o topo das árvores e o telhado da casa. Ali ainda parecia que o sol se demorava, mas isso não era uma coisa porque ele não tinha exatamente pressa para ir embora. A mãe e o pai e a tia e o tio e Rui estavam todos sentados sobre o mesmo cobertorzinho que tinha sido promovido oficialmente ao ar livre nesses últimos dias. Tomavam chimarrão, a tia tinha acabado de preparar um novo e a mãe fazia carinho no rosto de Rui, que estava deitado e pousava a cabeça em suas pernas. Maria e Germano estavam entretidos matando os mosquitos em volta de todos, os borrachudos formavam pequenas nuvens acima das cabeças e a cada palmada as mãos saíam carimbadas. Era calor, mas estava agradável porque também era anoitecer e Maria lembrou de quando a mãe falou que na hora que Rui chegasse eles todos

seriam família. Tinha se ofendido tanto com esse comentário, mas, olhando agora, tinha vontade de chorar de gratidão porque o cenário era perfeito, com a casa ao fundo tão imponente, dividida e uma só, tão cheia de suas próprias histórias, assim como cada um deles ali, talvez ainda não histórias suficientes, mas histórias próprias. Talvez fosse isso que a mãe tenha visualizado quando queria que fossem todos família. Quem bom que estavam todos família agora, Maria sentia-se feliz e queria que esse momento durasse para sempre e será que Rui pensava nessas coisas, em como ele queria que esses momentos durassem para sempre?

Tinham comemorado o aniversário de Maria e Rui mais cedo e a festa tinha terminado há pouco quando todos os vizinhos foram embora. A mãe, com a ajuda da tia e também de Maria, montou uma mesa na área de casa, em frente a um cartaz com palavras coloridas que diziam Parabéns Rui e Maria e que era rodeado por balões de todas as cores. Tinha um bolo que era alaranjado - Maria tinha escolhido a cor e Rui tinha concordado e mesmo quando a mãe perguntou se ele não queria que metade do bolo fosse azul, o irmão disse que não, que queria tudo de uma cor só e que tinha que ser alaranjado.

– Não sei daonde que vocês dois tiraram que o bolo tem que ser alaranjado, nunca vi – disse a mãe na manhã anterior, antes de mandar o pai à cidade comprar as coisas para que ela fizesse as comidas para a festa.

– É porque alaranjado é uma cor feliz – disse Rui e quando a mãe o olhou com uma cara de quem não está entendendo nada, ele acrescentou rapidamente: – Foi a Maria quem disse, pede pra Maria.

– Eu acho alaranjado uma cor feliz – Maria falou já baixando os olhos porque percebeu que, enquanto a olhava, a mãe mordida a parte interior dos lábios e surpreendeu-se que sua reação imediata foi morder, ela também, a parte interior de seus lábios.

– Corante laranja, então, tu não esquece. Se esquecer a gente vai ter que comer um bolo triste – todos riram e o pai deu um beijo em cada testa e saiu porta afora e Maria achou bem gentil o beijo em cada testa porque sentia, sem muita importância, que o pai ultimamente já nem aguentava muito estar por aí.

O bolo era um retângulo enorme e cheio de merengue alaranjado. De um lado tinha 12 velinhas e de outro, 11. Olhando de longe era muita velinha junta e, na hora de assoprar, Maria teve que soprar com bastante força para equilibrar o esforço que o irmão não podia fazer. Foi uma tarde animada, cheia de amigos e vizinhos e colegas da escola. Os adultos se reuniam em uma roda na grama e o pai era responsável pela cerveja enquanto a tia cuidava de servir os

salgadinhos. A mãe ficou o tempo todo em volta das crianças e se esforçava para não sufocar o filho, ao menos era o que Maria percebia quando a via se levantando e fingindo sair de perto mas parando logo ao lado sem fazer nada ou vindo oferecer qualquer coisa, dizendo tu quer em vez de está tudo bem. Rui provavelmente não estava se sentindo sufocado, gostava de ficar perto da mãe, ela era confortável e ela era carinhosa e ela era generosa e para ele ela era tudo. Várias crianças brincavam por conta, correndo pela propriedade, montando em árvores e perseguindo os galos e as galinhas. Maria e Germano ficaram o tempo inteiro com Rui na área, na parte montada com todos os jogos que os três tinham e o tempo inteiro estavam acompanhados por outros amigos que pareciam se revezar entre correr e jogar tabuleiro e Maria achou isso uma coisa muito muito legal e, por um momento de descuido, quase não teve tempo de morder a parte interior dos lábios e foi correndo ao banheiro porque por que estaria chorando na própria festa de aniversário não é mesmo e que motivos que tu tem, Maria?

Quando voltou, viu que a parteira chegava com todos os seus anéis e toda a gordura do seu corpo, ainda mais bonita que no dia das visitas, com o cabelo bem penteado para trás e com uma espécie de casaquinho leve e esvoaçante sobre um vestido que dessa vez era preto. Olhou para a mãe e entendeu que a velha não tinha sido convidada, apenas apareceu porque sabia que dia era o dia de hoje e Maria quase se perguntou como é que ela sabia. Carregava uma pequena sacolinha nas mãos e chegou na casa com o mesmo esforço que das outras vezes. Foi recebida pela tia, que largou uma das bandejas no colo do marido e pegou-a pela mão, levando-a até a área. A tia era uma mulher normal que não era gorda mas também não era magra e chegava a ser divertido como ela desaparecia ao lado da parteira.

– Venha cá, minha querida, deixe-me te dar um abraço e um beijo de feliz aniversário – Maria olhou para a mãe que deu-lhe um sorrisinho e deixou-se abraçar pela parteira – Eu lembro exatamente do dia de hoje há 12 anos, sabia? Foi um parto difícil o seu, não foi, querida? – agora ela olhava para a mãe – Sua mãe levou tantas horas para lhe colocar no mundo que a gente até perdeu as contas.

– Sessenta e seis – a mãe respondeu, em pé ao lado das crianças que tinham parado os jogos para ver a mulher chegar – Eu lembro de todas as horas.

– Claro que sim, foi modo de falar. Quem sente nunca esquece – ela abriu aquele sorriso encantador e olhou para Rui, que estava sentado no chão ao lado de Germano – Ora, e você também, meu querido. Eu lembro exatamente desse dia há 11 anos. – Ela aproximou-se e passou a mão na cabeça de Rui, que devolveu-lhe um sorriso ainda mais cativante.

– Duas horas – a mãe disse e encheu os olhos de lágrimas. A parteira aproximou-se dela e puxou-lhe para um abraço.

– Eu sinto muito minha querida, tanto tanto que nem sei – as duas ficaram abraçadas durante um bom tempo e Rui, Maria e Germano se olharam. Será que elas tinham feito as pazes? Quando? De qualquer forma, ninguém sabia porque elas tinham brigado, para começo de conversa. Quando as duas se largaram, a parteira abriu a sacolinha e tirou dois caderninhos com a capa toda colorida e cheia de brilho e duas canetas que também eram brilhantes e coloridas e entregou um de cada para cada um dos aniversariantes.

– É só uma lembrancinha pra vocês escreverem as lembrancinhas de vocês, olha só!

Depois que a parteira foi embora, logo após entregar os presentes, resistindo às ofertas da tia para provar o bolo ou tomar um refri, Maria perguntou para a mãe porque aquela vez anos atrás ela tinha feito aquele escândalo com a visita no dia de chuva. A mãe ficou surpresa que a filha lembrasse desse dia.

– Ela me contou que o Rui ia ficar doente e não me contou como deixar o Rui bem.

– Por que não?

– Porque ela não sabia. Mas isso não é assunto de criança, Maria.

– Eu não sou criança.

A mãe olhou para Maria em silêncio, puxou a filha para um beijo e um abraço e depois deu-lhe dois tapinhas nas costas, que voltasse a brincar com os amigos. Maria sentou-se ao lado dos dois e contou a conversa que teve com a mãe.

– E agora ela contou para a mãe como me deixar bem? – Maria sentiu-se uma ridícula por ter jogado aquela história no colo de Rui sem sensibilidade nenhuma. Ele ainda tinha esperança.

– Acho que não – ela disse enquanto Germano dava uma batidinha no ombro do primo.

– Tudo bem, então tá tudo normal.

Maria e Germano sentaram-se junto com o resto da família e agora a noite já tinha chegado, não completamente, mas a tarde já era apenas um vestígio que ficava para trás. A mãe perguntou se eles tinham gostado do aniversário e os dois responderam que sim e Germano também respondeu que sim e todos riram porque o Germano era engraçadinho.

– E vocês vão querer jantar ou já comeram de tudo hoje de tarde?

– Eu quero bolo! – Rui levantou os braços animado e batendo palminhas, parecia que o aniversário tinha sido responsável por repor uma quantidade de energia que fazia tempo que seu corpo não via.

– Assim, se tiver, eu também como, sabe... – Germano se fez de desentendido mais uma vez e arrancou risadas de todo mundo.

– E tu, Margarida Maria, vai querer um bolinho também? – o pai brincou com Maria e nesse segundinho de noite, era como se fossem uma família normal. Fazia tanto tempo que o pai não lhe chamava de margarida embora, quando fosse bem criancinha, Maria odiasse o apelido que não teve origem em lugar nenhum a não ser na vontade do pai.

– Acho que não, acho que eu gostaria de uma polenta com galinha se não fosse pedir demais, por favor – O pai fez cócegas em Maria, chamou-lhe de margarida abusada e Maria riu muito e alto porque o dia tinha sido tão bom que até piada todos faziam naturalmente. Se o dia hoje tivesse cor, com certeza seria todas. Se a casa tivesse que lembrar de uma história só, seria dessa, do momento em que todos ficaram na grama, esperando a noite e aproveitando a companhia um dos outros. Sete pessoas sendo, enfim, família, sem passado e sem futuro, mas sem o peso da ausência dos próximos dias porque eram completamente presente. Tinha sido um dia bem bom.

Como é possível que todo mundo seja pego de surpresa quando algo que está há anos previsto para acontecer, acontece? A própria Maria que sabia que estava completamente preparada, embora muito triste, embora muito culpada, mas totalmente preparada para o momento em que a mãe choraria ainda mais alto e o pai choraria ainda mais baixo e a casa rangeria ainda mais porque o resto seriam lágrimas e silêncio, mas ninguém escutaria os barulhos da casa porque nesse dia teriam ainda menos ouvido do que tinham agora, quando já quase não escutavam a casa ranger, a Maria chorar, os animais fazerem os sons de animais, e o dia chover ou relampejar ou fazer sol com pássaros, coisas que a Maria seguia prestando a atenção mas ela também não estava preparada. Ninguém nunca tinha puxado Maria pela mão, dado-lhe um colo e dito meu anjo, são essas as coisas que vão acontecer mas, exatamente por isso, por perceber que era tão deixada de lado que nem ao menos a consideravam digna de absorver todas as informações, que Maria sabia de tudo e achava que se preparava para tudo porque se nunca a tinham colocado como parte desse mundo novo da doença do irmão, ela

queria mostrar que sempre esteve ali, sempre esteve em volta, sempre percebeu o que acontecia porque ela seguia olhando para todos os lados então, mais que o preparo para amenizar todo o sofrimento que sentia, Maria queria se preparar para mostrar que estava preparada, que sabia das coisas porque ela sabia sim, sabia desde muito tempo, sabia porque escutava, escutava porque estava presente e estava presente porque não tinha nenhum outro lugar para ir que não o entorno da mãe que passou a orbitar em volta do irmão e, como planetas, Maria também era atraída para esse sol e, embora achasse que isso fosse garantia de que estivesse preparada, não podia imaginar que não estaria e, depois que aconteceu, também não conseguia mais imaginar que houve um dia em que achou que a morte do irmão fosse algo para o qual ela pudesse estar pronta.

Naquela manhã, quando ainda não tinha clareado, Maria acordou com o barulho da casa, levantou-se, sentou-se no chão da cozinha e ficou, apenas ouvindo o barulho da casa porque essa foi uma outra coisa que aconteceu totalmente ao contrário do que ela imaginava que seria: que a morte trouxesse silêncios era apenas uma ideia muito vaga que ela tinha tirado não sabia de que lugar e que não estava nenhum pouco de acordo com a realidade, não porque a mãe berrasse, não porque o pai chorasse, por mais baixo que isso fosse, não porque a tia falasse alto um monte de lamentações e orações e o tio dissesse, ele próprio, coisas como Ele foi em paz, mas porque a própria Maria, se isso fosse possível, estava mais cheia de coisa que jamais esteve antes e, quando pensava na morte do irmão, o pensamento era acompanhado por dúvidas sobre o que aconteceria na casa e com os pais e com a sua própria vida, mas nunca tinha pensado que existiam outras coisas ensurdecedoras que se passariam dentro dela e fariam desse o dia mais insuportavelmente barulhento que tinha vivido até agora.

O dia começava a virar dia e ela ouviu um barulho na cozinha, olhou para o lado e era Germano que chegava, devagarzinho, olhando bem e procurando por ela, vindo dos quartos com uma cara que já não era mais cara de sono. O primo sentou-se ao seu lado e eles se olharam até que não aguentaram mais se olhar porque agora seria apenas o rosto dos dois que estaria em todas os momentos e eles teriam tempo o suficiente para ficar encarando um a cara do outro e Maria se perguntou se toda vez que olhasse para Germano e que Germano olhasse para ela, se toda vez que os dois brincassem ou trocassem qualquer confiança, se isso sempre traria a lembrança de Rui.

– Você não chora? – o primo perguntou, olhando para os pés estendidos enquanto arrancava a carne que envolvia a unha do indicador da mão esquerda com o indicador da mão direita, o que deixava Maria extremamente agoniada porque sempre imaginava que ele ia cutucar tanto que ia acabar arrancando um naco de carne e ficar com sangue escorrendo e isso

acontecendo muitas vezes ultimamente, por isso ela pousou as mãos sobre as mãos do primo que entendeu e parou.

- Não sei, acho que sim, mas eu ainda não fui lá.
- Mas já aconteceu igual.
- Eu sei, não é como se eu não soubesse, mas ninguém me avisou.
- Eu tô te avisando.
- Mas tu sabe que eu sei.
- Eu sei, mas eles não sabem. É pra tu ir lá.

Maria e Germano se olharam de novo mas dessa vez Maria pensou outras coisas e provavelmente Germano pensasse outras coisas também, mas Maria pensava que tinham incumbido Germano de chamá-la para ver o irmão morto, queriam que Germano lhe desse essa notícia que seria a maior de todas as notícias porque, por mais que não fosse para o primo lhe contar, por mais que o primo tivesse encontrado Maria deitada na cama, no quarto escuro e ainda dormindo, por mais que todas essas coisas fossem verdadeiras, sempre, em todas as versões e suposições dessa história, ela seria acordada antes do dia por Germano e ouviria o choro no outro quarto e saberia imediatamente o que tinha acontecido e odiaria o primo pelo tempo que agora parecia para sempre porque, por mais que não fosse sua culpa ou até mesmo sua função avisar-lhe da morte, era isso que a sua presença faria. Se abraçaram, ela e Germano, e ficou feliz que o primo não tenha precisado acordá-la e nem olhar para ela com os olhos de quem conta o horror, mas sim apenas avisar-lhe que esperavam por ela e ficou feliz que, na verdade, a ninguém tenha cabido a missão de dizer Rui está morto porque ela estava há tantas noites dormindo sonos tão acordados que não existia possibilidade de deixar esse fardo nos ombros de alguém e pensou que, talvez, os pais não quiseram ser eles os encarregados de acordar a outra filha, agora única, para dizer que seu irmão tinha morrido porque parece ser um peso muito insuportável para jogar nos ombros de alguém isso, a morte de uma pessoa amada embora parecia também que, depois que a pessoa estava morta, não cabia mais a ninguém o controle de coisa alguma e não contar por medo de ficar marcado fosse uma coisa egoísta mas quem era Maria para acusar qualquer pessoa no mundo de egoísmo, não é mesmo, não era ela que estava há meses e meses esperando por esse momento e justificando a espera com o fato de que ela própria não podia fazer nada pelo irmão e nem mudar sua situação e que o próprio irmão não aguentava mais sofrer mas ela também sabia que tudo que justificava eram mentiras e que ela era a pessoa mais egoísta que conhecia mas isso não fazia diferença porque ela também não tinha como saber que o que sentiria num dia como hoje meio que não caberia em lugar nenhum.

Saíram do abraço, ela e o primo, se levantaram e foram. Pararam na porta do quarto e todas as coisas do quarto, a luz amarela, a cama mais alta, a cômoda com fotos nos porta retratos, a cortina que estava fechada e a janela que estava escondida atrás da cortina fechada, o guarda roupa de madeira e de duas portas todo riscado com palavras e desenhos feitos com a ponta de chaves, as cadeiras que estavam lá e o sofazinho de dois lugares que ficava encostado numa parede desde que o irmão adoeceu e começou a voltar para casa, alguns brinquedos que estavam todos organizados em uma estante porque não tinham mais utilidade frequente fazia tempo, eles não gostavam mais, o crucifixo pendurado na parede, a madeira do assoalho e das paredes, o tio e a tia, o pai e a mãe, nada preenchia aquele espaço que foi o maior espaço em branco, maior espaço vazio, maior nada que Maria já viu na vida, isso contando todos os anos que viriam depois e os que viriam ainda mais além, nada era e seria suficiente para fazer parecer que existiam coisas lá porque agora, na verdade, não existia mais nada. Tudo era o corpo morto do irmão.

– Vem cá, Maria, se despede do Rui – a tia chamou, estendendo o braço para a sobrinha e puxando Maria para um momento que nem cabia na realidade porque que despedida ainda sobrava para fazer quando o que existia estendido naquela cama era um corpo sem vida? Maria fez sinal que não com a cabeça, quase abraçando a madeira do vão da porta, como se pudesse, fundida com aquele material, ficar para sempre grudada aí, naquele entre lugar, bem no meio do que era a casa e da rotina que sempre tinha e do que seria a vida deles a partir de agora, com a casa que também era, entre todas as coisas, a morte do irmão. A tia insistiu, balançando a mão estendida com energia e repetindo vem cá, Maria: – Não faça essa desfeita com Rui, ele gostaria dessa despedida.

– E como ele vai saber? – longe demais era uma expressão usada o tempo inteiro para as crianças, sempre quando elas estavam prestes a apanhar: vocês foram longe demais e chineladas ou, então, vocês foram longe demais e algum sermão que eles tinham que fazer esforço para não revirar os olhos ou, ainda, o momento em que alguém corajosamente soltava um pio depois que um dos adultos tinha dito que não queria ouvir mais nenhum pio. Longe demais era sempre um momento palpável, sabiam identificar, sabiam dizer quando tinham extrapolado as linhas impostas pela autoridade e estavam sendo audaciosos e respondões e todas as coisas das quais eram acusados todas as vezes que demonstravam alguma vontade própria que não era a vontade de um dos pais. Sabiam tanto o que significava ter ido longe demais que nesse momento tanto Maria quanto Germano puderam sentir que nunca antes nenhum deles tinha ido exatamente tão longe porque ninguém falou nada, ninguém contestou, ninguém avisou tu foi longe demais, o silêncio e os olhares que todos trocaram, a mãe

levantando a cabeça que até então mirava o chão ou o corpinho do irmão, o pai retirando as mãos do rosto e se virando para Maria, todos em silêncio, todos sem falar nada e Maria sentiu o peso do que disse em voz alta e que, por mais que todos esperassem há tempos, transformar em palavras fez com que fosse real. No fim, ninguém carregou o fardo de contar a ela da morte do irmão e ela seria a responsável por dizer isso para todo mundo: o irmão está morto.

– Então venha por ti, se não vier tu vai te arrepender depois – continuou a tia, que agora já tinha baixado a mão que chamava Maria e parecia ofendida a ponto de não sentir diferença alguma se Maria fosse ou não até o irmão morto e Maria foi.

Uma coisa que parecia não ter cabimento algum é que depois que a vida acaba existem coisas que precisam ser feitas e, aparentemente, leva um bom tempo até tudo acabar de vez. Quando se gira em torno da morte iminente, ainda se gira em torno da vida, mas depois tudo meio que deixa de fazer sentido. Era a um corpo vazio que serviam todos eles em todas as funções que precisavam ser organizadas e que foram assumidas pelos tios. Maria ficou muito consternada com o quão tranquilos e eficientes eles dois estavam para dar conta das coisas que precisavam ser feitas e também ficou muito consternada com a quantidade de coisa que precisava ser feita. Nunca tinha reparado nas necessidades exatas e urgentes que sucedem a morte e quando pediu a Germano se ele tinha já tinha pensado sobre isso, o primo respondeu que tudo era meio óbvio mas que nunca tinha pensado em nada direito, apenas na ideia de que na morte se chovia também, obrigatoriamente, embora eles já tivessem ido várias vezes em vários velórios de velhos que morriam em dias de muito sol. Lembraram de quando a vó morreu e o caixão dela ficou durante um dia inteiro e uma noite inteira dentro da sala de casa, com velas acesas e pessoas rezando sem parar. Na época nenhum dos dois prestou muita atenção no assunto, nenhum dos três, na verdade, porque quando a vó morreu Rui era tão real como os dois. Do dia do velório dela, o que lembrava era dos três e mais várias outras crianças da vizinhança correndo por toda a casa, brincando de esconde-esconde, quando Maria deu um berro ao ser encontrada por um dos amigos. O berro escapou embora a brincadeira toda fosse muito silenciosa, o máximo de silêncio que podiam fazer enquanto contavam baixinho até trinta e saíam se esgueirando entre as pessoas no local, mas Maria deu um berro e estava justamente perto da mãe que puxou-a pelo braço, os olhos encharcados das lágrimas que chorava pela sogra morta. A mãe chacoalhou Maria com tanta força que ela pensou que ia ser desmontada e disse baixinho da próxima vez eu te arranco os cabelos e disse também se eu te ver correndo por aí tu vai ver e quando Maria ia dizer mas o Rui também tá brincando e mas todos estão brincando e mas é só comigo que tu faz isso, quando ela abriu a boca para dizer mas, sentiu

vontade de chorar, olhou para o lado e o pai e o tio estavam sentados em um sofá, um ao lado do outro, os dois em silêncio e com os rostos molhados, um ao lado do outro chorando juntos e em silêncio e, logo após disso, havia um padre também e o padre falou alguma coisa, bem naquela hora o padre falou algo que Maria não lembra e Germano também não lembra e então bem naquela hora que o padre falou, a mãe puxou Maria pelo braço, sem violência dessa vez, e colocou a filha de frente para o caixão, parando atrás de Maria e cruzando os braços de mãe no seu peito e Maria se lembra muito fortemente disso, do momento em que o padre falou e a mãe lhe puxou sem violência e ela olhou para frente e viu, na altura de seus olhos, o rosto branco e cadavérico da vó, daquela vó que lhe chamava de minha menina e que lhe contou os segredos da casa e que era, também, a única vó que ela tinha e que o agora daquele momento faria ser o último momento em que Maria veria aquele rosto e tudo isso tão junto, tudo isso tão forte e dramático que Maria lembra de começar a chorar desesperadamente, a mãe atrás dela chorando também, o pai agora parado do lado da mãe, bem vestido, diferente de todos os outros dias do ano em que ele usava uma calça rasgada e camisas manchadas que, mesmo limpas pareciam detonadas, e Maria sentia o cheiro bom do pai, cheiro de perfume ou de um negócio que ele passava depois de fazer a barba e que não tinha nada a ver com o cheiro que o pai emanava todos os dias e, quando o pai parou ao lado da mãe trouxe junto consigo Rui e Rui pegou na mão de Maria e do lado do pai estava o tio e do lado do tio estava a tia e entre eles estava Germano e todos choravam porque perdiam a vó e o caixão se fechou. Maria já tinha visto vários caixões fecharem-se diante de si, mas dessa vez tinha sido diferente, ficou traumatizada e agora, enquanto ela e Germano estavam parados, sentados no sofá da sala, percebia que aquele negócio que as pessoas dizem por aí, de que a morte é uma coisa natural, só faz sentido se a morte é de alguém que tanto faz, quando é alguém que você ama, é apenas injusto.

– Mas quando a vó morreu não tava chovendo – isso foi uma pergunta que Germano entendeu.

– É que agora é o Rui, é mais triste que quando é a vó de alguém, mesmo que a vó seja a nossa. Eu acho que a morte do Rui é a morte mais triste do mundo.

Maria disse eu também quando a tia puxou os dois, um por cada braço e os arrastou gentilmente até a cozinha da parte de lá da casa para servir o café da manhã. Ela cortou duas fatias de pão, passou geléia e encheu dois copos com leite gelado. Eles não quiseram comer e disseram que não queriam comer ao que a tia respondeu que não tinha problema, mas ia deixar tudo aí para quando quisessem, e disse isso apressada, saindo da cozinha, dando um beijo em cada cabeça e saindo deixando que eles decidissem se quisessem comer e quando quisessem

comer. Maria percebia que a tia mordida a parte interior dos lábios e isso provavelmente queria dizer que ela sentia que precisava ser a mais forte do lugar e que as lágrimas que ela deixasse de derramar agora, enquanto ia atrás de coisas importantes e abandonava as crianças uma aos cuidados da outra, fazia diferença no tanto que a mãe de Maria poderia desabar e Maria pensou que por mais que a mãe não tivesse irmãos ela tinha a tia que era como uma irmã para ela e daí Maria pensou que ela mesma, agora, poderia dizer que, por mais que eu não tenha irmãos, tenho o Germano, que é como um irmão para mim.

A casa estava com uma espécie de barulho silencioso e Maria sabia que provavelmente barulho silencioso não fosse uma coisa, de fato, mas era como se todo mundo fizesse tudo da forma mais suave possível e isso, a tentativa de evitar o barulho das coisas batendo nas superfícies, do chão rangendo e das portas encostando aumentava o volume de todos esses sons porque era como se a intenção fosse muito barulhenta. Não era nada normal. Maria não voltou ao quarto do irmão e, por um tempo que pareceu muito, ela e Germano acompanharam da cozinha da parte de lá da casa toda a movimentação que passava pela área, as vozes baixas que não chegavam a ser um sussurro vindas lá de fora. Maria não sabia como existir naquele momento e puxou Germano pelo braço para que fossem os dois lá para a área. Saindo da porta de casa, sentaram cada um em uma cadeira que estava encostada na parede, uma planta enorme ao lado de Maria, Germano, Maria e a planta, um do lado do outro, a planta, só folhas, balançando a cada soprada de vento, de um lado para o outro e para frente e para trás e se mexendo tanto a cada vento que fazia os dois parecerem ainda mais parados e imóveis e estáticos que são todas palavras para a mesma coisa e então Maria pensou que a imobilidade dela se justificava porque ela de verdade não sabia como existir naquele momento e talvez o primo, talvez Germano, que perdeu um melhor amigo e alguém que ele provavelmente diria eu não tenho irmãos mas tenho Maria e Rui e eles são como irmãos para mim, talvez o próprio Germano, naquele momento, não soubesse como existir e, parado ao lado de Maria, sem se mexer de forma alguma e sem querer se mexer, respirando quase o mínimo possível porque talvez ele, assim como Maria, naquele momento em que estavam sentados um ao lado do outro vendo as coisas acontecendo como quem pede desculpas por acontecer, quisesse olhar para todo mundo e pedir desculpas também, desculpas por ter sido ele e não eu.

Durante algum tempo, viram o que acontecia através de quem passava pela área: veio um médico primeiro e pode ser que Germano teria gostado de comentar que ele sabia disso, que quando uma pessoa está em casa e morre é preciso que venha um médico até o local dizer que ela está mesmo morta e dar um atestado de óbito que diz onde ela morreu e como morreu

e também por que que ela morreu. Foi o tio que acompanhou o médico da área até dentro da casa e, pouco tempo depois, de dentro da casa até o carro que estava parado esperando na entrada da estradinha e Maria teria gostado de comentar que ela achava muito emocionante que o tio estivesse ajudando tanto e sendo tão prestativo e que irmãos eram mesmo importantes demais e foi o tio também quem acompanhou outro homem que chegou em um carro muito comprido e entrou arrastando tipo uma tábua e um ajudante no seu encalço, ambos muito exageradamente silenciosos e que saíram carregando cada um a ponta daquela tábua e em cima da ponta da tábua tinha algo que com certeza era o corpo de Rui e Maria pensou que, nessa hora, Germano quem sabe teria gostado muito de chorar e se abraçar na mãe e ela própria pensou que ela, nessa hora, queria poder pensar em outra coisa que não em como aquilo que era levado pelos homens em cima daquela tábua e colocado naquele carro comprido, em como aquilo podia ser feito de qualquer matéria, ser qualquer coisa e objeto mas não podia ser o irmão porque Rui era um menino que estava doente mas estava no quarto ao lado e estava a ponto de morrer mas não morria, estava em dor e era tão sábio por isso e era alguém, assim como ela, alguém de carne e osso e que valia e era especial. Aquele corpo era como se fosse a própria casa, uma construção muito maior do que podia ser vista porque, mais do que uma estrutura, era um lugar de histórias e sentimentos tão fortes que ela, mais uma vez, não sabia nomear. Então, enquanto o carro saía levando aquilo que era como era a casa, Maria disse para Germano, eu acho que o corpo de Rui é como essa casa é.

– E o que essa casa é?

– Não assim, eu não sei dizer assim, o que essa casa é, mas eu sei explicar o que a casa é.

E então enquanto os dois estavam aí, um sentado do lado do outro do lado de uma folhagem que se mexia como se nada mais que o vento estivesse acontecendo, durante um tempo que eles não sabiam medir porque sabiam que, naquele dia, o mais importante que podiam fazer era desaparecer e não estar nos pés de ninguém e se bastarem como nunca tinham se bastando antes, então nesse tempo todo Maria contou para Germano a história que lembrava da vó ter contado anos atrás e quando o primo não entendeu Maria explicou de novo e percebeu que, talvez, tinha coisas que ela entendia com mais facilidade só porque era menina porque sabia que Germano era tão inteligente quanto ela e, assim, pensou também que, talvez, tivesse coisas que ela só sentia porque era menina, sentimentos que a atravessavam e enchiam de culpa e também que eram incontrolláveis. Explicou que Rui era como a casa porque não se encerrava naquele corpo porque eles tinham que ser capazes de dizer em voz alta e aceitar com toda a coragem que o próprio Rui merecia, que aquilo que acabou de passar, aquilo que viram entrar

naquele carro e sair pela estradinha era a mesma coisa que tinham visto tão assustadoramente imóvel deitado na cama de Rui e que estava na cama de Rui porque era o próprio Rui, alguém que era muito mais do que aquele corpo que logo, logo passaria, mas que também era aquele corpo que estava prestes a ser enterrado. A casa era história e estrutura, sentimentos e abrigo e era isso que Rui também era, história e corpo, terminados, sim, mas também e ainda causadores de sentimentos e um abrigo para eles dois que agora eram só os dois, fisicamente, mas que sempre teriam a presença do caçula. Dessa vez, porque não tinham como e porque agora entenderam que deveriam prestar esse tipo de homenagem, dessa vez os dois choraram, Maria e Germano, deixaram as lágrimas rolaem pelo rosto enquanto viviam seu próprio luto e quando uma voz bem dentro de Maria sussurrou em sua cabeça que ela deveria, na verdade, estar feliz, porque ela tinha desejado isso tantas vezes antes, ela nem tentou explicar para a voz e nem tentou se desculpar ou aplacar a culpa. Ela sabia que tudo o que sentia era uma tristeza muito pura e autêntica e não tinha pedacinho nenhum do seu ser que teria escolhido isso se tivesse tido, nem que fosse por um segundo, uma oportunidade de escolha. Maria nunca se sentiu tão sozinha.

Estavam chorando em silêncio, sentados olhando para frente, de mãos dadas os dois, quando a tia saiu de dentro da casa e disse-lhes que deveriam comer alguma coisa e que iriam comer mesmo que não quisessem e que depois deveriam os dois tomar banho. Ela foi muito gentil e sentou-se numa das cadeiras e puxou os dois para o colo, cada um deitado em cada lado do seu pescoço que, Maria não pode deixar de notar, tinha um cheiro doce de pele que ela nunca tinha reparado. Maria só percebeu que precisava muito de um colo depois do colo da tia, que preparou um almoço rápido enquanto, um por vez, tomavam banho.

– Tá tudo bem, anjo? – a tia perguntou enquanto Maria estava sentada em uma cadeira na mesa, esperando a comida e sua vez de tomar banho. Ela não conseguiu responder porque, quando abriu a boca tudo o que saiu foi um soluço e ela se entregou mais uma vez às lágrimas.

– Oh, meu amor, eu sei... – e a tia largou o que cozinhava no fogão, puxou uma cadeira, sentou-se e puxou Maria para mais um pouco de colo e de abraço. Maria queria saber como estariam seus pais, se, do lado de lá da casa o pai conseguia formular alguma palavra para consolar a mãe e a si próprio, se, do lado de lá, o pai estava chorando ele também ou sentindo necessidade em permanecer impassível e forte porque a mãe estaria a um passo de um desmoronamento total, a linha tênue que a permitira atravessar os dias pelos últimos anos totalmente partida e um coração tão quebrado que não era mais possível nem identificar uma forma de corpo. De repente Maria foi tomada por um pavor crescente de que, com o fim do irmão, a própria mãe se desintegraria, perderia as formas e os jeitos que a faziam ser ela, que,

com a morte de Rui, a mãe, que agora era mãe apenas de Maria, deixasse completamente de ser. Temia que a mãe tivesse deixado de existir de uma forma tão intensa que ela própria olharia para aquela mulher chorando à beira de um caixão e não reconheceria ou sentiria nada e isso, a tristeza por essa segunda perda fez Maria chorar tão forte e tão alto e com tanto desespero que a tia se desesperou também e tentava em vão dizer calma, minha filha, calma e Maria não sentia que conseguiria algum dia voltar a ter calma porque tinha acabado de perder o irmão e sentia uma culpa arrebatadora por uma morte que nunca esteve no seu controle mas que ela desejou e, além disso, além de perder o irmão, ela também sabia com toda a certeza do mundo que tinha perdido a mãe também, que a mulher que estava do lado de lá da casa e que estava antes sentada em uma cadeira ao lado da cama do irmão morto e que provavelmente fazia com que o pai mantivesse a calma e não derramasse lágrima nenhuma, ao menos não agora, já não era mais alguém e Maria não conseguia explicar a dor que sentia no peito porque ela ainda sabia quem era, sabia a forma que tinha e, apesar de toda a dor e culpa, ainda tinha uma forma, mas quando a tia pedía meu amor o que foi, ela não conseguia dizer essas palavras, não conseguia dizer nada, só conseguia sentir que ela ainda tinha uma forma mas que a mãe, do outro lado, deveria ter se desintegrado de tanta tristeza e Maria estava se dando conta de uma coisa que seus desejos mais íntimos não tinham percebido, que era que a morte do irmão causaria uma desintegração da mãe, que seguiria existindo mas deixaria de ser e que a vontade de que Rui enfim morresse para voltar a se conectar com aquela mulher era uma vontade impossível porque assim que Rui deixasse de existir, aquela mulher, aquela exata mulher que era a mãe do Rui e que estava ausente e que Maria amava acima de todas as coisas, aquela mulher também deixaria de existir e Maria sentia um desespero e uma dor muito forte no seu peito porque tinha acabado de perceber que uma vida em que ela, exatamente quem ela era e a mãe, exatamente quem a mãe tinha sido, nunca poderia existir porque a mãe já não poderia ser mais e enquanto ela gritava inconsolavelmente uma mulher entrou pela porta e tomou Maria nos braços, apertou-lhe contra o peito e disse-lhe que ficasse bem e que tudo ficaria bem e Maria não percebeu quem a mulher era até que, em algum lugar que devia ser sua alma, Maria percebeu um cheiro muito sutil de cigarro e de doce e de leite e de todas as coisas porque aquela mulher era a mãe.

Como tu está Maria me conte como tu te sente as coisas em que está pensando e as coisas que está sentindo e o que imagina que vá acontecer daqui para a frente e me conte também como te sente com relação às coisas que tu acha que vão acontecer daqui para frente mas isso depois, primeiro eu quero, meu amor, minha Maria, que tu me conte como te sente

com todas as coisas que estão acontecendo agora, nesse momento o que tu sente, eu quero saber tudo, o que tu pensa e a forma como pensa porque é muito importante para mim, meu amorzinho, saber exatamente o que está acontecendo contigo, então me diga, nesse momento, nesse exato momento em que estamos aqui as duas, nós duas uma de frente para a outra e olhando uma nos olhos da outra, tão próximas como há tempo não estávamos porque estamos passando pela mesma coisa agora nós duas meu amor, me conte por favor como tu te sente que eu vou, também, porque estamos aqui as duas, contar como eu me sinto meu amor, mas antes tu, antes tu fala porque faz tempo que tu não fala meu amorzinho, qual tua voz, hein, eu acho que esqueci a tua voz, então deve ter tanta coisa que tu quer falar não é mesmo, eu imagino que sim, tu quer chorar porque se tu quiser chorar tu sabe que pode, sabe que eu sempre vou estar aqui para enxugar as tuas lágrimas também, não sabe, eu sempre, meu amor, vou estar aqui para ti também, pelo tanto que tu importa e como tu importa e eu preciso que saiba que importa tanto tanto aqui, tanto que eu estou aqui, olhos nos olhos contigo minha pequena, parada e disposta a ouvir tudo o que tu tem a dizer e deve ser tanto o que tem a compartilhar comigo porque meu deus quanto tempo não é mesmo meu amor, tanto tanto tempo que a gente não senta e não conversa e eu quero também pedir desculpas muitas desculpas meu amor muitas desculpas porque eu não estou certa eu sei que não estou certa de forma alguma então antes que tu fale antes que me diga exatamente como se sente eu quero que saiba que eu sinto muito, eu e seu pai, nós dois sentimentos muito por todo o tempo em que não demos conta mas tu é uma menina tão madura e inteligente que tudo que eu preciso e eu sei que isso acontece é que tu entenda, que entenda que talvez eu não fui tão forte como tu precisava e nem tão forte quanto o Rui precisava e talvez eu não tenha mais força alguma mas isso acontece, não é mesmo, é sim, acontece, meu amor, e eu quero que tu saiba que eu me culpo o tempo inteiro e um monte e que se tu não quiser, não precisa me culpar porque eu imagino, meu amor, como isso deve ser difícil também e antes de tudo, antes ainda, mais um pouco antes que tu fale eu quero que saiba também que de forma alguma eu te culpo eu não te culpo por coisa alguma e de forma alguma eu preferia que tivesse sido contigo e de forma alguma eu teria trocado qualquer coisa ou qualquer pessoa eu só queria mesmo que as coisas não precisassem de forma alguma ter sido assim mas acho que agora, dito tudo isso, acho que agora eu posso pedir por favor meu amor, me conte sobre ti, como tu te sente agora, nesse momento exato e, antes desse momento exato, como tu te sentiu antes, em todos os dias que antecederam esse momento, quais todos os acontecimentos que fizeram com que te sentisse exatamente assim, todos mesmo, eu quero saber as coisas boas e as ruins e quero saber se tu me odiou e todas as vezes em que me odiou, tu pode, meu amor, me contar todas as vezes em que acordou me odiando e

foi dormir me odiando e eu vou ouvir sobre cada uma dessas vezes e nunca vou te odiar de volta só porque tu me odiou porque tu pode me odiar, tem esse direito, mesmo agora, se é assim que se sente, com necessidade de me odiar, mesmo agora eu aceito e te amo e te amo mais ainda por cada vez que tu decidiu me odiar, não decidiu, eu sei que talvez nem sempre tenha sido uma escolha, mas te amo mais ainda por cada vez em que me odiou e sofreu por me odiar e por cada vez em que me conta, agora, assim, querida e amor meu, sobre as vezes em que me odiou e então, além de saber sobre todos os momentos em que fizeram com que tu te sintas exatamente como te sente agora, que eu não sei com é mas vou saber daqui a pouco porque tu vai me contar, então além disso e de como te sentiu nos dias que te trouxeram até aqui eu quero, meu amor, que tu me diga como tu te sente sobre todos os dias que acontecerão a partir de agora, o que tu espera desses dias Maria e o que tu espera de mim, meu amor e me diga tudo para eu ao menos saber todas as vezes em que eu vou falhar contigo porque agora eu não tenho mais justificativa para falhar tanto contigo não é mesmo meu amor, não tenho não, apenas tristeza, mas a tristeza eu sinto faz tanto tempo que agora eu só vou seguir triste então quero saber todas as vezes em que eu vou falhar contigo eu quero saber agora mesmo desde já todas as vezes que tu vai me odiar no futuro e eu já sei, meu amor, que cada ódio seu é culpa minha mas me conte, Maria, fale tudo, de agora, principalmente, meu amor, como tu te sente?

Maria não sabia dizer qual a cor de um dia como aquele e por algum tempo que pode ter sido horas, ela também não sabia precisar a passagem do tempo daquele dia, mas durante todo o tempo em que entendeu que não deveria ficar embaixo dos pés de ninguém e em que tudo o que queria com força era ela própria sumir, a noção de que deveria haver alguma cor muito específica para esse dia foi tudo em que ela conseguiu pensar e tentar definir isso, qual a cor que tem um dia roubado do calendário, um dia que todos lembrariam para sempre como um dia cinza, embora não fosse cinza, mas isso não faz diferença porque as pessoas acham que cinza é a cor para a tristeza mas Maria discordava com veemência disso, do cinza ser a cor da tristeza, ao menos daquela tristeza, porque isso seria nomeável, se fosse cinza, era facilmente possível definir uma cor e uma densidade, e cinza eram todos os dias tristes sobre todas as coisas tristes que existiam no mundo para Maria, mas não aquele dia, aquele dia, o roubado do calendário, era de uma cor diferente, uma cor que Maria tentava com força descobrir embora, a princípio e por princípio, isso fosse uma coisa indefinível, já que como se define um dia roubado do calendário? Como se define as coisas quando as coisas deixam de existir? Como se define a cor de um buraco que não é um buraco de verdade porque Maria sabia que aquele dia não era um buraco, mas era como se fosse porque era um lugar que, de repente, ficava sem

coisa nenhuma, sem terra, sem nada e era o que aquele dia era, assim, desde a manhã, desde o grito da mãe que foi um grito que também não tinha como ser definido por som nenhum, que som tinha o grito que a mãe deu naquela manhã? e mais ainda, como pôde a mãe ter forças para gritar depois de todos os últimos dias, como pôde, ainda, existir dentro da mãe uma força tão desumana que parecia inclusive desumana como a mãe nos últimos dias, que não comia e que não dormia e que não fazia nada a não ser dar um amor que Maria também nunca tinha visto e chorar escondida tantas lágrimas quanto dois olhos pudessem chorar e estar em tantos lugares quanto um corpo pudesse estar e naqueles últimos dias Maria também pensava que talvez ser mãe fosse ter a capacidade de fazer exatamente o que a mãe fazia, de ocupar cada centímetro de espaço e de sentimento e mesmo assim mesmo depois de constatar que a mãe era uma figura desumana e vir constatando isso nos últimos dias todos, mesmo assim Maria sentiu que todo o desespero que já tinha sentido antes na vida, cada pequeno desespero por cada pequena coisa, cada rejeição, cada abandono, cada medo de dormir, cada saudade do irmão, infinitas vezes o momento em que ela entendeu o significado da palavra terminal quando a palavra terminal estava direcionada ao irmão, infinitas vezes, também, em que ela sentiu o desespero da culpa depois de sentir a urgência pelo fim, todas essas vezes juntas, todo esse desespero somado, não chegava perto de ser relacionado ao que Maria sentiu naquela manhã, naquela hora tão indefinida que ainda era noite, enquanto Maria estava deitada olhando para o teto e ansiosa por não conseguir dormir e por não conseguir dormir há tempos, tudo isso não foi o suficiente para Maria conseguir nomear o desespero que sentiu quando ouviu a mãe gritando e agora ela pensava também que, se o grito da mãe tivesse que ter uma cor, será que existiria uma só cor possível para defini-lo, ou todas as cores seriam possíveis para contê-lo ou será que a espiral de cores na qual Maria pensava para o grito da mãe, uns círculos vermelhos saindo dentro de círculos pretos entrecortados por círculos marrons e todos esses círculos de todas essas cores em um movimento contínuo e muito veloz um tipo de movimento que também lembrava para Maria o desespero, algo como ser tragada para dentro de algo, tudo isso rápido demais e essas cores todas eram a cor do grito da mãe naquele dia mas a cor do grito da mãe naquele dia não servia para definir a cor do dia em si porque a cor do dia não chegava de nenhuma forma até Maria e quando ela desistiu de tentar, naquele mesmo dia, ver que o dia tinha uma cor, quando ela aceitou que, quem sabe, daqui alguns anos, quando estivesse fazendo qualquer outra coisa da vida como um bolo, ou lavando a louça ou dando banho na sua própria filha ou tirando leite das vacas ou varrendo o pátio ou tomando chimarrão na frente de casa com várias mulheres que paravam todas às três da tarde, talvez nesse dia ela simplesmente sentisse que o dia do grito da mãe, esse dia roubado no calendário ,não tinha mais como ser nomeado mas tinha sim uma

cor toda própria, toda dele, e nesse dia ela saberia qual essa cor seria e talvez agora não soubesse porque ainda não conhecia as cores todas do mundo ou as combinações possíveis ou mesmo não soubesse nomear as coisas porque ainda faltava tanto para saber e mas Maria pensou que, sobre o dia de hoje, tinha uma coisa que ela sabia, uma coisa tão específica quanto a espiral do grito da mãe, que era que o dia não tinha movimento algum, era um dia como uma imagem, uma coisa congelada cheia de rostos sérios olhando para Maria sem fazer ou falar nada, sem se mexer ou poder ir pra qualquer lugar, presos estáticos numa coisa que provavelmente também não tinha nem tempo ou duração mas ocuparia para sempre o espaço da casa, da mesma forma que uma vez a casa ocupou o espaço do vô, mas isso tudo eram apenas pensamentos de Maria e eram muitos os pensamentos de Maria, especialmente para aquele dia que escapava das palavras, não podia ser nomeado e, quem sabe então, por isso mesmo, aquele dia não tenha sido nada.

A vida sempre continua mas como a vida pode continuar?

A única diferença é que as manhãs são as mesmas quando deveriam ser diferentes e as necessidades são as mesmas quando deveriam ser outras e a chuva e o sol e os animais são os mesmos que eram nos dias anteriores e essa era uma grande diferença, sim. As coisas não recomeçavam, elas seguiam. Maria não tinha como saber antes que as coisas de lá de fora continuariam tão normais e tão iguais e o resto tão pesado e horrível assim. Tinha o pior de todos os cenários.

Estava exausta primeiro porque a nova rotina, aquela em que o irmão deixara de existir fisicamente, de ocupar todos os espaços de um dia com suas necessidades e sua efemeridade, trouxe uma série de obrigações que nunca fizeram parte de suas responsabilidades porque antes por mais que estivesse sofrendo muito, a mãe sempre estava por perto. O segundo motivo que fazia com que sua energia se esvaísse constantemente vinha do sentimento de fracasso presente nos dias seguintes à morte do irmão. A força da sensação era tão avassaladora que jogava em cima de Maria um peso muito grande e uma presença muito constante porque meu deus do céu o quão ingênua teria sido Maria assim, de graça, inadvertidamente, cheia de sentimentos complicados e infelizes durante tanto tempo, sem motivo algum, só porque imaginava que algo diferente esperava no horizonte, como se fosse possível que algo positivamente diferente resultasse de uma morte traumática como a do irmão, como será que ela pôde achar que depois de tanto desgaste a sua família voltaria, cada um por si, a si mesmos, como pessoas novas

depois de um ponto final. O quão errado teria sido esperar tanto por essas pessoas novas quando deveria, desde o início, ter entendido que situações assim trazem à superfície seres diferentes e diferentes nem sempre quer dizer evoluídos ou iluminados. Quem era assim era Rui, mas dele agora apenas memória. Tudo o que tinha quando olhava para o lado era os mesmos corpos parados que carregavam uma soma de vários desesperos tristezas derrotas e tudo isso, todo o desespero tristeza derrota transformava a mãe e o pai e quem sabe a própria Maria em pessoas diferentes que já não esperavam as mesma coisas da vida. Na verdade, olhando para o lado assim, de um jeito que aparentemente só ela ainda se importava em olhar, olhando para o lado era possível perceber que eles já não esperavam nada, nem o pai e principalmente nem a mãe, não esperavam menos, não esperavam coisas distintas, apenas esperavam nada e, pensando assim porque era a única forma que conseguia pensar agora, Maria gostava de sentir que com ela a história era outra porque enquanto eles estavam diferentes sentindo que não havia mais nada lá, isso não acontecia com Maria, ela também estava tão machucada que transformou-se, mas a sua mudança não abandonava a esperança. E então Maria estava exausta, cansada de corpo e cansada de alma e sem saber qual cansaço podia ser o pior, o que vinha acompanhado pela humilhação trazida pela ingenuidade que a fizera intimamente ansiar por uma morte que a desolava ou se aquele que a fazia ser obrigada a muito mais do que acompanhar as limpezas desenfreadas da mãe pela casa, como naqueles dias bem recentes em que a mãe achava que limpar significava fazer algo pelo filho que morria mas que, mesmo dentro de uma tristeza profunda, ainda sentia impulsos de fazer alguma coisa.

Agora a mãe já não fazia nada. Passava horas e mais horas sentada no sofá da sala que tanto fazia se ficasse suja ou não, era como se não fosse dela aquela sala, era como se não fosse ela que antes esfregava cada centímetro de madeira com uma mania irritante. Agora o cômodo podia ter todo o pó do mundo acumulado em todos os cantos, todo aquele pó que Maria queria raivosamente que tivesse no dia em que o irmão voltou para casa pela última vez poucas semanas atrás mas que seria impossível por causa da loucura da mãe que agora já não fazia nada. Tão triste olhar para aquela mulher que de longe e de perto parecia ter a mesma luz e vida que o corpo do Rui deitado na caminha alta em que morreu e essa apatia era coisa de todo dia, manhã após manhã e tarde após tarde, todos os dias a mãe era uma pessoa em quem não existia mais nada.

Teve uma tarde, cerca de duas semanas depois da morte de Rui, que Maria passou horas parada sentada em um cantinho da sala, ao lado da estante e da porta que levava até a cozinha, quase comprimida cabendo naquele espaço de parede, apenas olhando para a mãe que estava enrolada em um cobertor apesar dos dias ainda de calor. Ela tinha o olhar focado em algum

ponto que na verdade não era ponto nenhum, apenas olhava para frente, perdida nas pequenas cerâmicas que Maria já deixou sem limpar, sua pequena rebeldia, que não eram nem bonitas nem interessantes nem especiais nem nada mas que podiam, também, representar o infinito em que a mãe se perdia. Maria passou a tarde sentada naquele canto olhando para a mãe sentada no sofá. Quando já escurecia, se deu conta de que por mais que olhasse para a mãe, por mais que seus olhos focassem em algo real e não em devaneios e vazios e impossibilidades, mesmo assim o que fez naquela tarde não foi muito diferente do que aquilo que a mãe fazia dia após dia, ficar sentada inerte, olhando para o nada. Perceber que fora igual à mãe e a sensação de estar, inadvertidamente, se transformando num espelho daquela mulher foi, ao mesmo tempo, aterrorizante e asqueroso porque Maria não era a mãe e nem de perto era a mãe e muito menos se transformaria na mãe, nem que para isso precisasse estar permanentemente consciente de si mesma, daqui para a frente sempre consciente, percebendo e avaliando cada um de seus próprios movimentos, se perguntando se o fantasma que era a mãe agiria de forma parecida, e fantasma que era a mãe porque o que seria isso se não um fantasma alma penada assombração e, se sim, se por um segundo ela achasse que a mãe agiria exatamente daquela maneira, não importa o que fosse e nem como fosse e nem o quanto ela quisesse fazer determinada coisa, abriria mão, era só ter a impressão de seria aquilo que fazia a mãe fantasma que zanzava pela casa e passava reto por todas as coisas como se transpassasse todas as coisas, que eram um obstáculo sem graça para um corpo sem vida e Maria sabia o peso que um corpo sem vida tinha e mesmo assim, mesmo sabendo o que era um corpo sem vida e o que fazia um corpo sem vida, mesmo assim ela olhava para a mãe e pensava um corpo sem vida. Abalada pela possibilidade e já na penumbra da sala escurecida, Maria levantou-se, andou até o sofá e sentou-se ao lado da mãe. Venceu a repulsa que sentia de ambas agora, tanto da mãe ali sentada quanto de si própria espelho da mãe e passou a mão pelo cabelo sujo da progenitora que seguiu parada, sentada, fitando o nada, sem reação nenhuma ao toque da filha. O coração de Maria deu voltas e mais voltas, podia senti-lo revirar-se em seu peito. Contorceu-se de nojo, de raiva e de pena também porque, no fim, a mãe era ela própria essa espécie de pessoa morta que apenas tem o fardo de seguir existindo e, ainda mais, por fim, essa falta toda de reação trouxe o alívio - prova irrefutável de que Maria não era uma outra da mãe, porque enquanto tudo que a mãe conseguia era ser ausência, Maria ainda estava inteira aí.

No entanto, a tentativa diária de afastar-se da mãe, deixar claro as diferenças entre as duas, convencer-se de todas as maneiras de que ela, Maria, sempre seria ela mesma, Maria, e não a mãe e nem outra versão da mãe, acabava frustrada de certa forma pelo pai, que infligia sua própria ausência, mais prática e palpável, mas que cobrava de Maria responsabilidades e

obrigações que ela não conseguia dar conta. Frequentemente chegava em casa bêbado e, chegando em casa bêbado, exigia milhares de coisas, como se fosse uma criança. Virar uma criança era uma das formas do pai sofrer a morte do próprio filho. Precisava de tudo na mão e exigia coisas que era ele quem tinha que prover para Maria e não o contrário. Não fosse a tia, que estava sempre aí, Maria já teria quebrado. Mas a tia ajudava com tudo na parte de cá da casa, só que ela também era sozinha em todas as outras tarefas, então existiam prioridades que fugiam das coisas mais básicas como uma casa impecável e uma casa impecável era exatamente o que o pai bêbado cobrava de Maria quando chegava tarde da noite. Provavelmente tinha acostumado. Outras vezes ele cismava com alguma comida específica que não tinha pronta e que nem teria pronta porque Maria não sabia fazer. Tentava evitar conflito porque por mais que odiasse o silêncio, também não gostava dos gritos. Gritos eram, na verdade, uma outra forma de fazer silêncio. Era injusto ter que se esforçar todo dia para dar conta de obrigações que caíram de repente em seu colo só porque era filha e tinha que obedecer sendo que ninguém se preocupava muito em ocupar o lugar de pais naquela casa. Enquanto esfregava as calças cheias de barro e veneno no tanque, tarefa que certamente seria concluída pela tia, prometia que nunca nunquinha se casaria porque olha só as cobranças que o pai fazia e só cobrava dela porque não tinha como cobrar da mãe que estava perdida em algum lugar dentro de si mesma e jurava de pés juntinhos que nunca nunquinha seria para nenhuma outra pessoa essa cuidadora e provedora irrestrita porque claramente era isso que o pai esperava da mãe, alguém que lhe cuidasse e que lhe servisse e cozinhasse e lavasse a roupa e limpasse a casa e fizesse todas as coisas que ele era incapaz de fazer por si mesmo e daí ela teve que pensar mais uma vez que, provavelmente, também nunca poderia ter filhos porque não estava ela também, mesmo com doze anos já, esperando todas essas coisas da mãe?

Maria queria entender e entender fazia com que perdesse cada vez mais tempo olhando para a mãe enquanto se convencida de que seu estar parada era completamente diferente do que o estar parada em que a mãe vivia. Sentia que a mãe tinha desistido mas sentia, também, que a desistência podia ser temporária, um sofrimento que se alastra tanto e é tão forte que, em algum momento, expande-se de si mesmo e vira uma matéria própria, como se fosse outra pessoa, alguém que acompanha e está sempre no encalço, mas que se desprende e isola. Como se, daqui a pouco, a mãe voltasse a estar presente, num estado de sofrimento contínuo e calmo e, por isso mesmo, normal. Se perdia olhando para aquele rosto triste que já tinha muitas rugas e uma imensa área roxa sob os olhos e em volta da boca. A pele tinha adquirido um aspecto esbranquiçado e nos dias em que estava apenas triste, Maria se esforçava para não pensar muito nessa semelhança mas geralmente sentia raiva o tempo inteiro, o tempo inteiro raiva de tudo e

de todos e aquela pele esbranquiçada e manchada era a mesma pele de Rui quando foi enterrado, uma pele nojenta exatamente pelo fato de não fazer mais sentido, de ser o invólucro de mais nada. Chorou quando se olhou no espelho que ficava pendurado atrás da porta do banheiro e a imagem refletida era a mesma que passava o inteiro encarando, uma pele esbranquiçada doente, manchada e também escurecida. Que desconcertante a sensação de que seu próprio corpo ia contra todas as suas vontades porque seus olhos eram os olhos de sua mãe e o formato de sua boca era o formato da boca da mãe e o nariz era quase o mesmo nariz que o da mãe e, se antes as pessoas diziam meu Deus como vocês são parecidas, essa aqui saiu a cara da mãe ainda bem né, pensar que a gente carrega por nove meses para depois sair uma cópia do pai e risadas, elas diziam por qualquer motivo, porque é esse tipo de coisas que se dizem aos pais e filhos e que deixava, até então, todo mundo muito orgulhoso da semelhança passada e recebida. Mas agora, olhando-se no espelho, sentia-se quase fadada a si própria, a mãe seria tragada para dentro do seu próprio abismo e sobraria ali Maria, para cozinhar para o pai que também tinha sido tragado para dentro do próprio abismo e para remoer culpas que, por mais que fossem diferentes, seriam sempre culpas mas nisso sabia que teria a companhia da mãe porque quem diz que a mãe não se culpa pela morte de Rui se culpar-se por todos os males que acontecem aos filhos é coisa de mãe também. Não é o que dizem?

Não sabia dizer que cor esses dias pareciam ter, assim como aconteceu na morte de Rui. Não importava se fizesse sol ou chuva ou mesmo que estivesse nublado, era como se os dias, na verdade, fossem borrões, mas borrões não são cores e também não sabia como definir o que eram borrões. As cores lá fora eram as mesmas que de todos os dias anteriores, mas aquela cor que dava a sensação da vida era o que Maria não sabia mais identificar. Talvez quando tudo voltasse ao normal, olharia para trás e conseguiria ver claramente tudo o que a proximidade impedia, talvez ela própria fosse cheia de uma cor que não via, isso devia existir, não é mesmo, estar perto demais deve fazer com que a pessoa perca um pouco da noção do que está acontecendo e pode ser que tenha sido exatamente por isso que achou que a morte do irmão traria um resultado diferente - estava tão imersa no caos que não teve tempo de refletir sobre o assunto. É sempre mais fácil falar com certeza sobre alguém do que sobre si mesmo e é sempre mais fácil emitir juízos sobre um ela e não sobre um eu.

Germano poderia ter ajudado a ver as coisas com mais precisão nessa fase de luto mas, para isso, ela teria que ter contado ao primo como se sentia e ela também sabia que as coisas mais sinistras merecem ficar guardadas a quatro chaves dentro de si porque, pior que se culpar muito por alguma coisa deve ser se culpar e ainda ser julgada. *Tu consegue lidar com a vulnerabilidade de não esconder quem é de verdade?* Ninguém a culparia pela morte do irmão

porque ninguém teve culpa que Rui tenha ficado doente e morrido, mas ela seria apontada como uma pessoa desprezível que esperou muito pela morte do irmão e esse desejo era tão horrível que ninguém levaria em conta que ela sofreu muito porque o irmão iria morrer e por não conseguir controlar a si mesma. Se pudesse, sempre teria escolhido a vida de Rui. Voltaria até o dia em que estavam todos tomando banho de mangueira e para os dias antes de todos tomarem banho de mangueira, quando ela e Germano já tinham visto as manchas na pele do irmão, voltaria com alegria lá para trás e pularia tudo, apagaria aqueles dias da linha do tempo da vida. Como se congelar o tempo e passar por ele como se fosse uma ponte evitaria a doença de ser descoberta e, mais ainda, como se a doença fosse algo que só aconteceu a partir do momento em que alguém olhou para ela e nesse caso foi logo depois que a mãe olhou para as manchas de Rui e que coisa mais cruel esse pensamento, uma mentira que não fazia sentido nenhum mas mesmo assim foi só vê-la pela primeira vez para que ninguém nunca mais conseguisse desviar o olhar. *Qual é a origem das coisas e a origem nunca é num lugar só.*

Mas falar sobre isso com Germano só poderia acontecer se fosse antes porque agora o primo a evitava o tempo inteiro também e ela chegou a achar que ele suspeitava de seu desejo pela morte de Rui. Mas era impossível então, talvez, o problema fosse encarar Maria e perceber que ela era a única que existia do lado de lá da casa. Quem sabe, para Germano, a maior lembrança da morte de Rui fosse Maria, e isso parecia uma maneira saudável de lidar com os sentimentos. A escolha de distância de Germano não era sutil e, embora Maria não o culpasse, ela frequentemente o odiava por isso porque o primo era, agora, a pessoa com a qual ela mais se conectava e ele a privava dessa conexão. Será que antes disso, antes de Rui adoecer e de todas essas tristezas, será que antes disso Maria também se sentia assim, sozinha? Talvez sim e ela não prestasse atenção mas não, a sua solidão era apenas uma das consequências dos anos que passaram e ela que parasse de sofrer tanto porque, no fim, entre todas as consequências, parecia, mesmo, a menos prejudicada. Ansiava pela volta das aulas porque esse tinha sido um verão carregado demais e sair de casa todos os dias, conviver com os colegas que não viam nela apenas um fantasma e ter atividades das quais gostava para trabalhar todo final de tarde parecia animador.

Como não tinha com quem conversar o tempo inteiro sobre tudo porque achava que tudo só poderia dizer respeito a si mesma, passou a andar sempre com seu caderninho e sua caneta colorida por todos os cantos da casa nos últimos tempos. Tinha decidido anotar as coisas em que pensava. Na sala, lágrimas já secas, sentou-se no canto entre a estante e a porta da cozinha e ficou olhando para a mãe como fazia com frequência nos últimos dias. *A mãe um dia já teve o melhor cheiro do mundo e tem coisas que sempre são da mãe da gente.*

A coisa boa desses dias era que a parteira frequentava a casa, jogando toda a sua gordura no sofá e abrindo seus braços para receber Maria que se aninhava em seu colo quente e interminável sem nenhum questionamento e cheia de gratidão. No começo era quase um evento toda a vez que ela vinha, nos dias seguintes ao último dia, porque tudo estava em caos e silêncio e tão em silêncio que apesar de óbvio, era preciso olhar bem para ver o caos. A primeira vez que visitou a casa foi dois dias depois do enterro de Rui e era fria demais a ideia de Rui dentro de um caixão embaixo da terra. Maria estava sentada na sala do lado de lá da casa, olhando pela mesma janela que na noite de um aniversário há quatro anos. Se quisesse, podia ir lá para fora, mas ainda sentia a necessidade de fazer a menor quantidade de movimento possível, como se ficar parada garantisse que ninguém olhasse para ela e visse a derrota que sentia. Sentada no sofá, olhando pela janela, sozinha no cômodo porque Germano não estava por perto, viu aquela massa interminável se movendo como ondas com muita dificuldade pela estradinha que trazia à casa e Maria achou muito engraçado que parecesse uma grande massa que se movia como ondas porque mesmo que não conhecesse o mar e vivesse bem longe da água salgada, sabia que o mar existia e era azul ou verde e a mulher, na verdade, vinha toda vibrante, muitas cores misturadas numa peça que podia ser ou um conjunto ou um vestido, tudo muito colorido, mas também com muita pele à mostra o que fazia com que parecesse mais uma montanha se movendo, uma montanha se movendo em ondas. Esse pequeno momento, acompanhando a chegada difícil e colorida da parteira, fez com que o dia tivesse todas as cores também, cada uma daquelas que vinham estampada nas vestes da velha. Talvez um dia, quando estivessem sozinhas e parecesse adequado, Maria pediria para ela se a dificuldade com a qual caminhava era dificuldade mesmo ou se era apenas uma forma de mover o corpo que parecia um fardo mas só porque era diferente. Sabia que se chegasse a pedir uma coisa dessas na frente de algum adulto, da tia, por exemplo, com certeza seria brigada por causa da falta de educação mas ela não seria de jeito algum mal educada e isso era uma coisa de adultos, ter que brigar com crianças por causa de qualquer coisa e todas as coisas, já sabia, aconteciam sempre com os três mas será que agora seria diferente, sendo apenas ela e Germano? De qualquer forma agora, nesse exato momento, era apenas ela, olhando pela janela aquele corpão de todo tamanho que se aproximava cada vez mais e de uma forma engraçada e também muito poderosa. A mulher abriu um sorriso que nunca deixava de ser lindo, enquanto subia os degrauzinhos da área e parava na porta aberta e mesmo que a porta estivesse aberta, deu três batidinhas com o nó do dedo indicador, fazendo o barulho alto do metal na madeira porque o indicador, assim como todos os outros dedos, eram cheios até o fim de anéis fininhos e dourados, tantos que não se

via pele entre as unhas e a palma das mãos. Seguiu sorrindo e abanou para Maria, que meio que não soube o que fazer porque ela podia simplesmente entrar, a porta estava aberta, era só entrar, Maria estava na sala, não bastava isso para entrar e então Maria não tinha o que fazer a não ser quem sabe dizer seja bem vinda, dizer a minha casa recebe a senhora, mas Maria não via muito o porquê de tudo isso porque primeiro a parteira tinha consciência o suficiente de si mesma para saber que seria felizmente bem recebida em qualquer lugar em que parasse. Além disso, Maria não era tão importante quanto a mãe ou a tia, por exemplo, ora, talvez fosse isso mesmo que a senhora esperava que Maria atinasse de fazer, ir correndo chamar alguém que fosse suficientemente importante para recebê-la como a pessoa importante que ela era. Sem sorrir de volta porque o sorriso simplesmente não aconteceu, sem fazer nenhum sinal de reconhecimento que não fosse o do olhar, quase satisfeita com a própria percepção das coisas, Maria saiu correndo pela sala, entrou na cozinha e foi até a área de trás da casa, onde a tia estava ocupada estendendo as roupas que lavava no tanque.

– Tá tudo bem, meu amor? Cadê o Germano?

– Eu não sei mas tem aquela senhora gorda lá na porta.

– Isso não é jeito de falar, menina, não repete isso que é feio demais – mas a tia se empertigou e secou as mãos em uma das toalhas penduradas num varal. Não sabia como que falar que uma pessoa gorda era gorda podia ser algo feio demais, até porque ela mesma achava a parteira a coisa maior e mais linda do mundo balançando toda enorme e colorida pela estradinha de terra mas não teve tempo de contestar a tia, que lhe deu um empurrão gentil e saiu andando rápido até a sala onde a velha já tinha confortavelmente se acomodado em mais de metade do sofá. Então ela não estava esperando ser bem recebida já que aparentemente ela não precisava ser recebida de forma alguma e talvez tudo o que a parteira quisesse fosse uma reação de Maria, mas veja só, Maria não teve reação nenhuma embora o que seria reagir, sair em busca da tia provavelmente pudesse ser considerado uma reação. Ou poderia, se fosse com qualquer outra pessoa e não com Maria porque a Maria faltava uma coisa muito forte no momento que era talento para acertar, meu deus como podia errar tanto o tempo inteiro, existia algo certo que fizesse? Se fosse Rui, com certeza teria sorrido e ido até a área e pedido qualquer coisa nem que fosse como tu é tão gorda e isso era algo que a Maria também gostaria muito de saber.

– Que coisa boa te receber! A senhora toma um chimarrão? Vou preparar um mate novinho pra gente.

– Não se preocupe comigo querida, nem atrase seu serviço por mim. Se você quiser terminar de torcer a roupa, a Maria me faz companhia, não faz, criança?

Evidentemente que Maria estava disponível para passar um tempo com a parteira, mas ela percebeu que não tinha escolha entre fazer ou não fazer companhia para aquela mulher que contava com a sua presença. Não apenas porque a tia ralharia com ela, mas também porque era impossível dar uma negativa, querer estar perto dela era inevitável porque todo mundo queria muito e o tempo inteiro estar em volta daquela mulher, ela tinha uma coisa, não sabia o que, mas uma coisa parecia uma boa definição e também tinha espaço o suficiente para muitas pessoas estarem em volta dela por causa do tamanho e da simpatia e da docilidade e porque ela tinha ajudado todo mundo a nascer e as pessoas acreditavam que isso era quase uma ligação divina com aquela mulher.

– Ótimo, então, na volta eu já trago o mate – a tia saiu da sala lentamente, como quem queria muito ter ficado.

Sentou-se ao lado da parteira no sofá, quase apertada entre o apoio do móvel e o corpo enorme e imóvel e automaticamente começou a arrancar a carne do entorno das unhas, não sabia explicar como conseguia fazer isso porque sempre teve muito pavor. Via Germano quase arrancando pedaços seus como se nada fossem e sentia em seu próprio estômago a dor que o primo devia sentir. Era incompreensível e, no entanto, estava ela agora, desde a hora em que Rui desapareceu, passando a ponta das unhas na pele fina que cercava as outras unhas. Já tinha conseguido tirar sangue e na primeira vez que viu a mancha vermelha marcar seus dedos sentiu um chocante prazer na ardência. Será que era isso que Germano sentia, será que se machucava porque gostava daquela dorzinha que acompanhava o ato? Duvidava. Já tinha ouvido a tia falar que não sabia como fazer para lidar com a ansiedade do filho então talvez Germano fosse apenas ansioso e por isso se arrancava a pele em volta das unhas. Maria estava ansiosa também e espremida ao lado da parteira. Olhou para suas mãos e viu que, mais uma vez, teve sucesso ao fazer sangrar onde ficam as cutículas e ao mesmo tempo que era nojento era também reconfortante. Tinha perdido o irmão dois dias atrás e talvez arrancar a carne dos dedos fosse uma maneira de disfarçar dor com dor e controlar-se um pouco. Parecia bastante válido isso, disfarçar dor com dor e querer controlar-se e Maria estava pensando nisso quando uma mãozorra cobriu as suas e ela foi obrigada a parar.

- Não faz assim, criança, não tem por que sentir mais dor.
- Mais dor que o quê?
- Mais dor do que a aquela que a gente sempre sente.
- Não é mais, é menos.
- Você acha que é menos?
- É diferente, eu não presto a atenção.

– Eu sei, anjo, mas você não presta atenção até que você presta e quando isso acontece, quando volta a olhar e vê todas essas dores que se causou, a dor toda aumenta.

Maria deu de ombros. Sentiu-se extremamente desconfortável com esses comentários sobre seu novo hábito e sua antiga dor.

– Pensa no sangue como limite. Se sangra você para. Combinado? – Maria fez que sim com a cabeça enquanto a mão metálica saía de suas mãos e pousava em seus cabelos num afago carinhoso. Se a mãe olhasse para suas mãos cheias de sangue e feridas, não diria nada. A tia já tinha xingado o filho inúmeras vezes por esse comportamento e provavelmente faria o mesmo com Maria, ficando chocada com o fato de ela ser tão influenciável para uma coisa ruim dessas, onde já se viu. Será que alguém pensaria que ela estava fazendo isso para sofrer também só porque Rui tinha sofrido? Seria patético se ela achasse que algumas peles arrancadas em volta das unhas pudessem equiparar seu sofrimento ao de Rui e só de imaginar alguém chegando a tal conclusão, sentiu uma imensa vergonha. E se pensassem, estariam errados? Não sentiu-se injustiçada o tempo inteiro quando era o irmão quem estava doente?

Seguiam em silêncio e a parteira fazia carinho em seu cabelo, o que era bom mas também era meio estranho. Sabia que estava sendo analisada e sentiu vergonha por alguém olhar tanto assim, nesses tempos em que ninguém mais olhava. Tinha acostumado a passar despercebida, era uma coisa triste demais, como se não fosse importante de forma alguma porque existiam coisas mais importantes acontecendo em volta. Ficou com medo de ter sido grosseira mas, também, que diferença faria ser estúpida ou não, não é como se estivesse colocando algo em xeque, tipo a mãe ou a vida do irmão ou qualquer coisa. Levantou os olhos para a parteira e gentilmente tirou a cabeça de lado e sentou em cima das próprias mãos, queria que o sangue em suas unhas não fosse mais assunto. Aceitou o silêncio que pode ser uma forma de derrota mas nem sempre, e pode ser uma forma de desistência, que era o caso. Desistia de tentar ter qualquer conversa e a parteira percebeu seu desconforto, coisa que deixou Maria ainda mais sem jeito porque alguém olhava para ela tanto a ponto de perceber que ela não se sentia à vontade, como se ela tivesse escolha em estar aí, como se ela precisasse ser conquistada para ficar aí, como se o desconforto fosse algo que devesse ser evitado mas se tem uma coisa sobre o desconforto é que sempre pode ficar pior.

– E cadê a sua mãe, querida? Você sabe que tem que estar bem forte para ela, não sabe? Os olhos da parteira eram duas bolitas que na verdade pareciam luas de tanto que brilhavam e a lua só reflete a luz do sol. Maria começou a morder a parte interna dos lábios porque morder a parte interna dos lábios fazia com que ela conseguisse controlar o choro que era inevitável, aquele que vem num rompante e que, antes que se perceba, até as bochechas já estão doendo,

porque parece que as lágrimas vêm de qualquer lugar, da boca e das bochechas e da testa dos cabelos e até das unhas, que começavam a doer uma dor que também era incontável, então Maria mordida a parte interna dos lábios e sentia alguma coisa que não sabia explicar porque justo agora quando alguém se preocupou com ela, só o fez para certificar de que ela cumpriria direito seu papel. Queria desaparecer ou ao menos queria que alguém aparecesse. Germano devia estar dormindo ou simplesmente trancado no quarto, ficava lá o tempo inteiro desde o enterro e privou Maria de sua presença para dividir as tristezas e afetos desses dias seguintes, não queria estar sozinha, Germano queria, escolhia a solidão e que tipo de solidão será que é aquela que a gente escolhe? A mãe devia saber, ela escolhia ser sozinha, foi construindo a sua solidão dia após dia quando o irmão ficou doente e lutou contra a doença, afastando para bem longe a Maria que vivia uma solidão sem escolha. Queria responder que era impossível estar forte o suficiente para ajudar a mãe e queria dizer que a mãe não queria que ela se aproximasse, queria dizer que não fazia diferença, para a mãe, que Maria estivesse lá ou não porque a mãe não reagia a ninguém. Queria, também, gritar que desde o velório, desde a hora em que voltou a si com a mãe lhe dando banho depois de desmaiar, não viu mais a mãe, não tocou mais nela, não conseguiu olhar mais em seus olhos. Desde quando voltaram do cemitério da comunidade a mãe não saía do quarto para nada, nem para comer e nem para tomar banho. Como, querida senhora, como então seria possível estar lá para a mãe será que poderia por favor indicar onde fica lá e como chegar em lá?

– Eu não sei onde ela tá – nem tudo que se quer dizer pode ser dito.

– Ela não está em casa?

– Ela tá.

– É muito difícil para ela, sabe, criança? Aconteceu, com a sua mãe, a pior coisa que pode acontecer com uma mãe.

– Se eu morresse também seria a pior coisa que pode acontecer com uma mãe.

A parteira calou e sorriu diferente, Maria não sabia explicar embora tenha parecido que ela estava muito triste e nesse momento em que mostrou tristeza fez a coisa que sempre pareceu óbvia a Maria para momentos assim. Levantou o braço que era tão gordo quanto o corpo e puxou a menina para um abraço tão quente e acolhedor que Maria sentiu que não tinha razão nenhuma para seguir mordendo a parte interna dos lábios, que estava tudo bem em desmoronar, em encostar em um colo e deixar as lágrimas rolarem.

– Está tudo bem, meu anjo, você pode chorar tudo o que quiser chorar, você sempre pode chorar tudo o que quiser e vai estar tudo bem – Maria conseguia *sentir* o que a parteira falava, que o mundo ia seguir girando enquanto ela chorava todas as suas lágrimas. Foi

reconfortante. Pelo canto do olho viu a tia entrando na sala com uma cuia com o mate pronto e a chaleira com água fumegante e lembrou da vez em que Rui se queimou encostando sem querer a perna na chaleira que estava no chão. Na época, começou a chorar com a bolha instantânea que tinha formado e com a dor e ela mesma já tinha se queimado e sabia como podia doer uma queimadura dessas. Colocaram a perna dele sob a água que corria da torneira do tanque enquanto ele gritava que ia morrer, ia morrer, ia morrer e gritava com tanta força e chorava tanto que Maria e Germano passaram de inicialmente assustados com a situação para achá-la divertida. Enquanto tentavam não rir, mas não conseguiam não rir porque era muito exagero, Rui berrava um monte de palavrões contra os dois também e ficou dias remoendo Maria e Germano, esperando que os dois se machucassem seriamente, o que acontecia com frequência, só para poder gritar bem feito. A própria Maria rasgou a perna num arame farpado três dias depois e o primo caiu um tombo imenso com a cara no chão, deixando-o com um galo ensanguentado na cabeça que pareceu sério demais para que Rui se vingasse e, na verdade, talvez ele sempre tenha sido uma criança bem iluminada mesmo e agora olhar para a chaleira lhe arrancava um sorriso.

A tia já estava sentada tomando calmamente uma cuia de chimarrão. O chimarrão, aliás, parecia que era uma cola para a ordem das coisas, ao menos para a tia, que não abria mão de ter a bebida pronta o tempo inteiro. Maria sentia-se bem melhor, como chorar fazia bem, chorar com alguém, na verdade, era o que fazia ainda melhor e, por um momento, a raiva angústia agonia foram quase que tiradas com a mão e tudo que sobrou parecia uma tristeza tranquila. Sorriu para a parteira e a velha passou a mão em seu rosto para enxugar as lágrimas, mas Maria ficou com a impressão de que ela só fez espalhar mais as lágrimas por causa dos anéis. Eles fascinavam Maria.

– Não dói tantos anéis em todos os dedos? – até as amenidades saíram leves.

– Já doeu, mas faz tempo que eu nem sinto mais. É a idade. A gente vai esquecendo de algumas dores, sabe? Você ainda vai ver.

– E mas por que tu usa tantos?

– Hmm, isso é um segredo, mas acho que posso contar para você. E acho que a tia também não vai contar pra ninguém, né? – deu uma piscadinha para a tia que respondeu com um sorriso e disse ah, juro jurado. – É um anel para cada criança que eu já ajudei a nascer, sabia?

– E quantos tem? – Maria tentou não arregalar os olhos, mas ficou fascinada com a informação e queria correr contar para os dois o que era tudo aquilo.

– Ih, tem muitos.

– Tem um pra mim?

– Tem sim, esse bem aqui, olha – e Maria viu a parteira apontar para uma das argolinhas que ficavam bem no meio do dedo indicador, mostrando que aquela era a que mostrava o seu nascimento, como alguém que aponta estrelas no céu e dá nome para cada uma, ela não sabia o nome das estrelas, só sabia encontrar as três marias porque a professora tinha ensinado na escola.

– E o do Germano é qual?

– O do Germano é essa aqui do ladinho da tua, cadê ele, aliás, acho que ele também gostaria de ver, não?

– Não sei. E o do Rui, cadê? – A velha deu um suspiro e fechou a mão

– O do Rui quebrou.

– Acontece muito? Elas quebrarem? – Será que elas, na verdade, estouravam porque os dedos eram muito gordos e os anéis muito finos mas Maria não tinha como perguntar exatamente isso.

– Não, foi o primeiro anel que quebrou. Os outros todos estão aqui.

– E aonde é que tu colocou o anel do meu irmão?

– Ora, você que tem que saber onde ele está!

– Quê? – Maria estava a um passo de ficar irritada com essa história toda e como que ela ia saber onde o bendito anel estourado estava? – Eu não entendi, como é que eu vou saber?

– Maria, olha a boca! – a tia estava tomando o chimarrão sozinha e cuidando de ficar no seu próprio canto, mas tinha momentos em que ela não conseguia controlar a interferência.

– Tudo bem, querida – a parteira sorriu mas nem olhou para a tia – Lembra aquela vez que eu vim aqui no dia de chuva?

Claro que sim, claro que lembrava. Nunca teria se dado conta porque aquilo, para começo de conversa, em lugar nenhum pareceria um anel. Era puro um arame dourado então quando ela dizia que o anel do Rui tinha estourado ela realmente queria dizer estouro.

– Como é que tu sabia que era dele?

– Porque dessas coisas eu sei, querida. Você guardou ele?

– Sim.

– Então continua guardando e guarda para sempre.

Sentiu-se mal com a história, era estranho pensar que tinha guardado há anos na caixinha de jóias que tinha sido da vó um anel que era um símbolo da vida de Rui e, mais que isso, um anel quebrado que era o símbolo da vida breve de Rui.

– Tu tentou consertar? O anel?

– Também não funciona assim, querida.

– E como é que funciona então, com os anéis? Cada vez que uma criança nascia tu ia na cidade e comprava um?

– Quase isso. Eu chegava lá e tinha um anel esperando por mim.

– E quem colocava o anel lá?

– Ele só estava lá.

– Deus não existe.

– Tudo bem, então pode ser mágica.

– Mágica não existe também.

– Então as coisas só aconteciam assim. Desde o começo elas aconteciam assim e eu nunca questioneei.

– Mas e como é que tu sabia.

– Porque eu sabia.

– Mas como é que tu acreditava?

– Porque eu escolhi acreditar.

Ela sorriu e fez uma cara de é assim que as coisas são e o sorriso tinha um poder apaziguador que conseguiu controlar a raiva que Maria estava sentindo porque estava cansada de ser a última a saber das coisas sempre.

– Até o Rui ficar doente, a mãe ficou meio que louca aquela vez, sabe?

– Sinto muito, querida. Eu tinha que contar.

A tia largou a cuia no chão e levantou da cadeira. Maria ficou comovida e muito grata, tinha ficado cansada. A parteira levantou-se também e disse que estava indo, mas que voltava. Maria ficou satisfeita, queria que ela voltasse, apesar de tudo. Foi até a parte de lá da casa e entrou no quarto em busca da caixinha de joias. Estava guardada dentro da gaveta da mesinha de cabeceira. Abriu e tirou de lá de dentro o arame dourado que já tinha sido um anel que já tinha sido a vida do irmão. Era só um arame, tinha que lembrar disso, mas mesmo assim decidiu carregar ele consigo. Foi na hora de guardar a caixinha de volta que viu o caderninho e o lápis coloridos que ganhou da parteira de aniversário. Logo que tinha aprendido a escrever, costumava anotar coisas que gostava e palavras novas que aprendia, mas tinha parado de fazer isso nem lembrava quando. Agarrou o presente também e foi para o pátio, sentar-se embaixo da jabuticabeira que era, também, um lugar muito triste porque tinha todas aquelas lembranças dos três. Não sabia se acreditava em nada do que a parteira dissera, mas sabia que ela era muito adorada para sair por aí contando mentiras sem problemas algum. Mas não fazia diferença. *Quando a gente deixa de acreditar, as coisas não deixam de existir.*

Ficou olhando para o anel quebrado. Será que se fosse o anel dela que tivesse quebrado seria Rui que estaria sentado aqui agora e Maria que não estaria em lugar algum? Mas agora isso também já não fazia diferença. *Se uma criança pode morrer, todas as crianças podem morrer.*

Depois desse dia, a parteira começou a aparecer com frequência na casa, chegava sempre sacolejando seu corpanzil, cheia de seus anéis e ficava por lá, sentada ocupando quase todo o espaço do sofá e deixando claro que vinha, principalmente, para ver Maria. Não que excluísse a tia ou Germano, caso ele aparecesse. Essa clareza servia principalmente para Maria, que gostava da sensação de sentir-se cuidada mesmo que fosse por uma mulher de quem pouco sabia a não ser que provocava uma idolatria conjunta em todas as mulheres da comunidade e na própria Maria e, talvez, até nos homens, mas quanto aos homens Maria não tinha como saber, nunca viu reação nenhuma deles porque os homens geralmente ficavam lá e lá era, especificamente, qualquer outro lugar que não o lugar das mulheres. Vai ver só as mulheres a idolatravam não pelos seus papéis de filhas, por terem nascido com a ajuda dela, mas pelos seus papéis de mãe ou de futuras mães que contavam com a ajuda dela. *Mulheres sempre recebem mas receber também é se doar.* De qualquer forma, Maria sentia-se grata por esse colo e atenção frequente já que a tia estava atolada com todas as atividades das casas, mais tirar leite das vacas, alimentar os animais, varrer todo o pátio num dia para, no dia seguinte, varrer todo o pátio de novo, cuidar de Germano e também de Maria, fazer comida para todo mundo e todo o mundo era uma quantidade a mais ainda de gente porque agora estavam todos se ajudando na hora de carpir a plantação nas terras de casa e era ali que os homens se reuniam para almoçar. No dia seguinte ao enterro de Rui, o pai não aguentou a casa e voltou ao trabalho. Maria ouviu o tio dizendo, na noite depois do enterro, quando os dois fumavam na área, que ele levasse o tempo que quisesse, que o trabalho seguiria sendo feito, mesmo com um a menos.

– Agora que Rui morreu morro eu se ficar dentro dessa casa – e, no dia seguinte, madrugando como sempre, o pai e o tio saíram e foram trabalhar, com as roupas que estavam ainda imundas porque, apesar de não terem trabalhado nos dias anteriores, nenhuma das mulheres da casa teve tempo ou prioridade de cuidar das roupas sujas de camadas de terra que deixavam as pesadas peças ainda mais pesadas, mais grossas, como se o tecido triplicasse sua espessura.

É que o pai também não sabia como existir no mesmo espaço que a tristeza da mãe. Quando as pessoas todas foram embora e eles voltaram do cemitério, a mãe não emitia mais som algum. Parecia que não respirava, porque não emitia nem o barulho eventual do ar

entrando ou deixando os pulmões, não suspirava, não tentava resgatar todo o ar que podia como se disso dependesse sua vida. Maria, sentada no banco de trás do carro, começou a prestar atenção porque achou que a mãe pudesse segurar a respiração de propósito, numa forma de protestar contra a vida ou pior, que não respirava mais apenas porque já tinha desistido de tudo e a própria respiração era esforço demais. A aflição preocupada de Maria durou até que a lembrança de que ninguém consegue voluntariamente segurar a respiração para morrer porque o instinto vai ser sempre soltar o ar. A professora que tinha explicado na escola enquanto ensinava o sistema respiratório mas Maria ficou com muita pena da mãe porque talvez ela não soubesse disso e seguisse tentando segurar a respiração por nada. Parecia mais seguro que ela não soubesse.

Chegaram de volta na casa e um casal de vizinhos estava lá, sentados na área esperando. Tinham ficado a pedido do tio que conseguiu organizar todas as coisas o dia inteiro e seguiu assim até o final, mesmo em meio a toda a dor e absurdo que era aquele dia. Maria estava perto do tio quando ele falou que todos os venenos estavam no porão e que se deixassem a casa sozinha era certo que ia sumir e os vizinhos disseram que ficariam com toda a certeza enquanto Maria sentia-se ofendida porque a vida prática, essa que acontece todos os dias, seguia vida e prática e com ares de todos os dias mesmo quando o irmão morria. O casal apertou as mãos de todo mundo e foi embora. Maria e Germano foram para o lado de lá da casa, entraram no quarto que antes era da avó e ficaram lá por horas, até a manhã seguinte, apagados na cama de mola da vó onde todos pulavam não muito tempo antes. Estavam exaustos depois de terem passado a noite anterior inteira acordados velando o corpo. Acordaram com cheiro de café e foram obrigados a comer e tudo já estava num silêncio insuportável, Maria e Germano sentados um de frente para o outro, Germano calado demais, talvez triste demais, não tinha como saber o que o primo pensava. Quem sabe se sentisse da mesma forma que Maria porque tudo bem que não dividisse os pais com uma criança doente e agora com a lembrança de uma criança, mas era obrigado a dividi-los com Maria, que precisava ser cuidada, não apenas de maneira prática, roupas limpas e comida, mas de um cuidado de alma também, porque a tia tentava suprir as demandas da sobrinha. Germano era o mais injustiçado da história, muito mais que Maria, mas ela não tinha como saber o que ele pensava porque o primo sempre parecia muito bem, menos agora e desde o dia anterior, menos quando olhar para o Rui tão bonito deitado naquele caixão tinha feito com que todos pensassem que podia ter sido um deles lá e por que será que não era nenhum deles lá.

Maria ficava bastante por lá, recolhia os ovos, alimentava as galinhas e ajudava a tia com os afazeres. Ia para a cozinha quando o Germano estava na sala e para a parte de lá da casa

quando ele, de repente, estava em todos os lugares. Se fosse por ela, nada disso estaria acontecendo e os dois continuariam com a vida normal de sempre mas ela estava aprendendo que as escolhas geralmente não eram dela e, mais que isso, que ela não tinha nenhuma capacidade de controlar as coisas que aconteciam ao seu redor, não importa quanta pele ao redor das unhas arrancasse, e era até que um alívio perceber isso mas acontece que a percepção não vinha de mãos dadas com a aceitação e ela definitivamente não aceitava. *Por que será que a gente não pode controlar todas as coisas e muito menos todas as pessoas?* O primo era a sua única pessoa agora e pensar que ela lhe lembrasse com pesar a casualidade da vida era bastante dolorido e não era coisa da cabeça dela. Uma tarde Maria entrou no quarto de Germano e o primo, com todas as letras, lhe pediu que saísse.

– Eu quero ficar sozinho.

– Mas eu não quero ficar sozinha.

– Mas nem tudo pode ser problema meu, daí, Maria. Isso é problema teu.

Maria ficou ainda uns segundos parada na porta do quarto, olhando-o ofendida. As lágrimas vieram com força e Maria não teve tempo de morder a parte interior dos lábios e odiou-se por isso porque agora Germano tinha visto como era tão fácil fazer Maria chorar e ela estava há anos tentando evitar que fizessem essa descoberta. Saiu do quarto e foi para a sua parte da casa, pulou o murinho da área porque não queria dar um passo a mais para fazer o contorno pela porta. Fazia dias que não via a mãe direito, a via apenas como uma sombra pela casa e, ali também, entendia que era importante dar a distância para que ela pudesse se esvaziar de tristeza e também não queria ver a mãe porque sabia que ela estava em um estado deplorável e vê-la só fazia com que Maria sentisse uma agonia muito grande dela mas, quando entrou na sala, lá estava ela, sentada no sofá, enrolada no cobertor, olhos focados em nada. A mãe fedia. Essa era a sequência de transformações que o cheiro teve nela: do cheiro maravilhoso de todas as coisas doces, passando pelo cheiro nenhum até aquele odor repugnante que emanava de seu corpo inteiro. Podia fazer dias que a mãe não tomava mais banho e Maria conseguiu sentir um lapso de pena de ver aquela mulher abandonada, mas logo depois não conseguiu controlar a raiva, ela própria, Maria, não era motivo suficiente para a mãe não se abandonar? *A gente também sente nojo de quem ama e às vezes o nojo é só raiva.*

– Vem aqui, meu anjo, senta aqui com a mãe – pela primeira vez em vários e vários dias, a mãe estendeu a mão para Maria e uma luzinha de esperança se acendeu. Quem sabe estaria certo desde o começo e, aos poucos, a mãe voltaria para ela, dia após dia voltaria a ver a realidade em volta e perceberia a Maria porque ela é quem estava ali e vem aqui meu anjo, senta aqui com a mãe fez com que Maria sentisse, pela primeira vez desde a morte do irmão,

um alívio do peso da humilhação que sentia por ter desesperadamente desejado que a morte de Rui resolvesse seu problema quando, na verdade, o problema todo ia muito além da disponibilidade de tempo que a mãe tinha para olhar para suas crianças. Tentou enxugar as lágrimas que escorriam de seus olhos por causa de Germano e aproximou-se da mãe. Era a primeira vez que lhe chamava desde o último dia e quem sabe agora a mãe estaria aberta e faria sentido que a filha precisasse ser forte para apoiá-la porque a mãe vivia, de fato, o pior que poderia viver em sua vida. E o pai voltaria a ser permanente quando a casa voltasse a ser constante. Sabia que para fazer o pai parar de beber em qualquer tempo livre ou parar de ser intransigente e parar de todas as coisas era preciso dar constância de novo à casa. O pai, enquanto Rui morria, estava presente porque ainda sabia o que fazer. Agora não sabia mais.

– Como tu está, meu amor, quem tem cuidado de ti? – a mãe puxou Maria para um abraço embaixo de seus braços e embaixo do cobertor. Estava nojento porque a mãe fedia muito, seu corpo cheirava mal e seus cabelos também e tudo nela cheirava demais e Maria queria muito poder mandá-la tomar banho, poder dizer vai tomar banho que eu faço algo para você comer, toma banho que eu cuido de ti, mas pedir para a mãe fazer qualquer coisa era um risco porque qualquer coisa poderia trazê-la de volta para a realidade, não aquela real, mas aquela à qual ela estava imersa agora. Então Maria deixou-se ficar, no calor e naquele abraço até que acordou na cama no alto da madrugada sem lembrar-se de jantar ou de tomar banho ou até mesmo de andar até lá e, sem mais sono e com toda a madrugada pela frente, Maria decidiu que, a partir do dia seguinte, se empenharia com todas as forças para fazer a mãe voltar à vida, para mostrar que ainda era querida e necessária no lado de cá de toda a dor e, além disso, que Maria estava ali sim e para tudo, para aguentar os rompantes raivosos do pai e a distância de Germano e até mesmo as ausências da mãe, naqueles momentos em que ela não podia fazer nada que não ficar em algum lugar muito triste dentro de si mesma tentando encontrar alguma coisa que provavelmente não estava mais lá e nunca mais estaria de novo, porque o irmão tinha morrido, tinha ficado doente muito novinho e sofrido demais e, depois de muitos e muitos dias de dor e doença, ele finalmente tinha morrido, tinha se livrado daquele corpinho debilitado e da necessidade de atenuar o sofrimento de todos porque ele tinha uma alma muito boa, melhor que a de todos naquela casa, mas ele não estava mais lá.

De manhã, saiu da cama e foi para a parte de lá da casa e a casa tinha às vezes uma vida própria que ia além de todos eles porque o sol lá de fora entrava por todas as janelas e portas abertas e a tia já tinha aberto todas as janelas e portas das duas partes, a de lá e a de cá, e Maria pensou em tudo como amarelo. Se alguém pedisse, mas ninguém nunca pedia, essa manhã seria uma manhã amarela e nem lembrava há quanto tempo não via uma cor assim em pequenos

momentos. Sentou na mesa para tomar o café da manhã que a tia servia e comeu com vontade uma fatia de pão com geleia, comeu com vontade mais uma fatia. Tinha cheiro de café e de comida porque a tia já adiantava o almoço e tinha cheiro de madeira e leite e manhã e animais. Tinha tantos cheiros que há tempos Maria também não reparava que ela podia jurar que estava feliz com aquela manhã. A tia deve ter percebido a leveza de Maria porque deu-lhe um beijinho na cabeça e disse tá bonita mesmo a manhã hoje. Que gentil era a tia, Maria a amava e era grata pela sua presença constante.

– Olha lá quem vem vindo, então – quem vinha era a parteira, dessa vez ainda de manhã, chegava até a casa com suas roupas cheias de cores e seu corpo que não era infinito porque não tinha como ser mas que sempre evocava esse adjetivo. Maria correu para fora enquanto a tia gritava que ela levasse uma cadeira e avisasse que daqui a pouco já estaria pronto o chimarrão. De manhã ainda tinha sol na grama em frente à casa, então arrastou duas cadeiras até a sombra da jabuticabeira, que era grande e estava fresca.

– A tia já vai trazer o chimarrão – foi a primeira coisa que Maria disse, antes mesmo de bom dia e antes mesmo de sorrir, por mais que sentia-se sorrindo muito essa manhã.

– Ora, é claro que sim – a parteira soltou uma gargalhada e Maria riu porque achou lindo que a parteira também estivesse tão feliz e também por causa da gargalhada dela que conseguia ser ainda mais incrível que o sorriso e que a risada e a tia estava mesmo sempre vindo com o chimarrão. Definitivamente amarelo, mas também alaranjado.

Sentaram-se na cadeira e Maria começou a mostrar o caderninho em que voltou a fazer tantas anotações. A parteira elogiou a letra de Maria, apenas por gentileza, ela sabia, porque na escola a professora sempre a obrigava a treinar a caligrafia porque sua letra parecia mais de menino que de menina.

– Ora, responda à professora que a sua letra parece com a letra de alguém com muita personalidade e deu, não existe essas coisas de menino e de menina – disse a parteira e Maria riu porque ela provavelmente era alguém de muita personalidade mesmo – E essas coisas que você escreve, de onde elas vêm?

– De mim, são as coisas que eu sei.

– E como é que você sabe? *Às vezes a gente não quer tanto uma coisa que chega a esquecer o que quer?*

– Tá errado? Eu sei porque eu vejo, acho.

– Não tá errado, tá muito certo. E esse: *Os dias que são os mais felizes também podem ser os piores dias?*

– Esse tá errado? – estava ansiosa como se precisasse explicar cada uma das coisas que tivesse escrito com muita sabedoria quando, na verdade, talvez só tenha jogado esse monte de palavras aí sem saber de nada, não é assim que a maioria das coisas são escritas?

– Não, não, nada está errado. Eu só queria saber da onde esse vem – a parteira sorriu e Maria ficou mais tranquila.

– Que cabem todas as coisas em um mesmo momento. Tipo o dia em que a mãe viu que o Rui tava doente que foi um dia horrível porque se percebeu que ele estava doente, mas que também foi um dia muito bom. Mas não sei.

– Sabe, sim, criança. Acredita sempre que sabe, sim, tá? – Maria sorriu e fez que sim enquanto a tia atravessava o gramado, trazendo a cuia, a chaleira e uma cadeira pendurada no braço. A casa ao fundo parecia viva de novo pela primeira vez desde a morte de Rui e quando uma casa parece viva quer dizer que tem muitas pessoas dentro dela que estão vivas e felizes ou tentando. *A casa não é só uma casa mas também uma história por causa das pessoas.* – Viu?

– Muito bem. E você sabe a história mesmo da casa?

– Sei, a vó contou. Tu sabe?

– Sei, ela me contou também uma tarde anos atrás.

– Bom dia para a senhora! – a tia aproximou-se, deu um beijo feliz na parteira e ajeitou a cadeira entre as duas, formando um triângulo e não uma roda porque eram em três só. Encheu a cuia e passou para a velha. Maria jurava que metade da bomba desaparecia por causa das bochechas gordas.

As três estavam ali sentadas falando amenidades sobre a vida. A tia contava como esfregar à mão e escovão e sozinha tantas calças de brim encardidas até dizer chega estava fazendo com que ela ficasse cada dia mais forte.

– Fisicamente, né, se bem que acho que posso dizer que em todos os sentidos mesmo – e deu um sorrisinho em direção à sobrinha e Maria entendeu o que ela quis dizer e de fato ela falava a verdade, porque se tinha alguém que estava segurando todas as pontas e todos os dias esse alguém era a tia.

– E ela tá como? – a parteira perguntou e disse ela, mas era claro de quem falavam e a própria Maria quase quis responder que estava quase bem, mas que estava ainda lá em algum lugar e tentando voltar.

A tia fez um leve sinal de mais ou menos ou de tá difícil ou de eu não consigo saber como ela tá ou de ainda só chora passou mais de mês e só chora mas sorriu mais uma vez para

Maria, estendeu o braço para a sobrinha que entendeu e andou até o colo oferecido para receber um beijinho na bochecha e um carinho no cabelo.

– Ela tá tentando, mas deve ser tão difícil, né? Nem imagino, nem consigo imaginar mesmo. Mas ela é forte, não é, Maria? A mãe vai ficar bem.

Maria fez que sim com a cabeça e mordeu a parte interna dos lábios porque agora só conseguia sentir uma pena sem tamanho da mãe que ontem voltou ao normal que as pessoas e a própria Maria consideravam normal e de novo como será que ela tinha achado que seria diferente? Que a mãe seria forte quando ela perdia um dos motivos que mal e parcamente a seguravam em pé nos últimos tempos? Como tinha sido ingênua a Maria mas, também, se tinha sido até aqui podia continuar sendo porque não foi por nada que ontem a mãe voltou porque não era por nada que ela ainda estava todo dia dentro daquela casa e porque não era por nada também que estava deixando sem censuras que a tristeza saísse. A mãe era uma pessoa muito muito triste e deixava que todos eles vissem isso. A Maria era solitária e não sabia como mostrar.

A parteira concordou com a tia, disse que sim, que ela se recuperaria a tempo de ver tudo que ainda existia em volta dela porque a tristeza era uma coisa muito grande, mas ainda era apenas uma das coisas. Existiam várias outras. Concordavam nisso quando Germano, lá da área, berrou bem alto o que tu está sempre fazendo aqui? Maria saiu do colo da tia e voltou para sua cadeira a ponto de ver a cor meio que abandonar o rosto da tia, que ficou com muita raiva do filho. Dava pra ver o desafio e o medo que passavam pelo rosto do primo porque ele sabia, com certeza ia apanhar e ia apanhar muito, embora fizesse muito que não apanhassem os dois. Só não apanhavam porque também levavam muito a sério todas as coisas que podiam matar. Mas ser respondão não matava e nem também abria janelas mas era, de fato, uma das grandes liberdades disponíveis quando o mundo se resumia em nós contra eles, crianças contra adultos.

Germano estava encrencado demais e sabia disso lá do alto da área. Foi respondão com a parteira que a tia idolatrava e que, há semanas, vinha até a casa deles mais que qualquer outra pessoa até porque as outras pessoas, na verdade, pareciam estar dando um tempo para que eles curassem todas as suas tristezas ou, talvez, só não quisessem estar por perto testemunhando assim tantas tristezas que deve haver um limite entre o que a gente pode e o que a gente quer receber dos outros.

A parteira arregalou os olhos mas não surpresa de verdade e sim divertida e Maria conseguiu sentir até que um pouquinho de raiva dela e que bom que Germano tenha se irritado embora não tivesse muito com o que se irritar. Tudo o que a mulher fazia era vir até a casa,

ficar sentada e conversar com Maria, mas isso era uma coisa recente que começou a acontecer desde a volta de Rui para casa e com mais frequência desde o dia em que Rui morreu e ela fazia isso quase sem dar explicação nenhuma. E do pouco que ela tinha falado Germano não sabia porque não tem como saber se ele deixava Maria do lado de fora de si.

– Germano, isso são modos! A gente vai se ver depois, bichinho – a tia falou num sussurro alto o suficiente e o primo quase começou a chorar mas nessa hora a parteira, que tem tanto coração e gentileza quanto corpo e idade embora não se sabe qual a idade da mulher mas diz que muita idade, estendeu um braço muito gordo para Germano e disse venha cá querido. Enquanto o primo vinha meio hesitante, mais por medo de ser brigado do que qualquer outra coisa, Maria viu a própria mãe saindo de dentro de casa e parando na área da parte de cá da casa, sentando quieta num cantinho da área. Sabe o que? Dessa vez ela não parecia tão encolhida como sempre, parecia quase que seus braços e seus ombros e todas as partes do corpo estavam se esforçando para voltar ao lugar de origem, que era um pouco mais distante do coração, depois de passar tantos dias encolhidas como se tentasse fazer um casulo para curar o que tinha sido quebrado.

– Está tudo bem, querido, pode vir – Germano sentou-se no chão ao lado de Maria que achou engraçado a timidez do primo porque sentia-se já muito íntima daquela mulher, embora não soubesse praticamente nada dela e estivesse, então, no mesmo lugar que o primo, embora mais evoluída nos afetos – Tudo bem, meu querido, eu acho também que eu preciso explicar e que, talvez, deveria até ter explicado antes mas vocês confiaram em mim e quem confia não pede nada em troca, não é mesmo? – nessa hora ela olhou para Maria e Maria sentiu-se meio infantil porque nunca perguntou nada, mas na verdade ela era mesmo uma criança que queria ser mais adulta e não sabia como fazer e Germano era uma criança que sabia como ser mais adulta e em outros tempos ela diria que ele provavelmente era mais feliz que ela mas ela aprendeu que achar isso era uma grande besteira. Todo mundo podia dar mergulhos ainda muito mais profundos que os dela, inclusive não fazia diferença, só fazia diferença que cada um era o único que podia dar conta de seu próprio mergulho e isso na verdade ajudaria a aplacar o sentimento de injustiça, quem sabe, e Maria viu Germano ficar muito constrangido. Talvez ele estivesse fazendo exatamente o caminho contrário do pensamento: como Maria conseguia ser mais adulta enquanto ele era tão infantil, mas Maria achava que isso não fazia com que ele achasse que Maria fosse mais feliz que ele porque provavelmente só ela era dada a essas idiotices de comparar as coisas assim.

– Mas na verdade tu está certíssimo, Germano. Espera-se sempre saber quem são as pessoas que estão na nossa casa e por que essas pessoas decidem estar na nossa casa. Vocês já

ouviram que as minhas mãos são mágicas? Não? Bom, as minhas mãos são mágicas, sim. Crianças que passam por ela sempre completam o ciclo da vida! – ela deu um daqueles sorrisos que chegam a ser óbvios, como se não existisse nada no mundo que pudesse ser mais natural que aquele sorriso naquele momento, sorrisinhos inquestionáveis, esses dela – Mas mais que a mágica o que acontecia era o cuidado, o cuidado é a coisa mais importante e eu sempre fui querida porque sempre quis demais. Mas a mágica falhou. Desde que o Rui morreu, eu não ajudo mais nenhuma criança a vir ao mundo porque o Rui morreu, não como se fosse minha culpa, mas sim porque eu já não ofereço mais garantia nenhuma, não sou mais nenhuma proteção. Mas, antes de me resolver eu preciso ver vocês resolvidos, sabe? Preciso, já que não posso mais fazer a única coisa que eu já fiz, terminar a coisa que fiz e que deu errado. É como se eu ainda ajudasse no parto de todos vocês. Faz sentido?

– Não – disse Germano, mas agora mais tímido e dizendo o tipo de não de quem quer ouvir mais.

– Faz, sim – Maria se impôs ao primo mais pelo prazer de tentar machucá-lo do que por qualquer outra coisa, ela mesma não tinha entendido muita coisa também porque nada era dito de forma direta. A tia olhava para a parteira e lhe sorria mas Maria conseguiu ver que seus olhos estavam cheios de lágrimas que ela queria chorar e Maria percebeu que ela deveria estar muito grata com a presença da parteira frequentemente na casa já que, antes disso, cabia a ela todos os cuidados e como deveria estar exausta de ter que cuidar de todo mundo, será que ela se ressentia com a mãe de Maria? Maria achava que não, porque tinha essa coisa de que mães se entendem.

– É o contrário, então – veio aquela voz lá da área e Maria e Germano se viraram surpresos ao ouvirem a mãe falando qualquer coisa que pudesse ser compreendida – Tu não pode mais trazer uma criança ao mundo e ensinar naquele momento a receber a vida mas agora tenta, então, ensinar a entender a morte?

– Não sei, querida. Você acha que é isso? Eu realmente não sei – Maria viu que ela também, gorda e velha, trazia no rosto uma tristeza que era cheia de pedacinhos das tristezas de todos eles.

– Porque não é a morte que eu não compreendo ou não aceito...

– É a morte do seu filho

– É a morte do meu filho

– É a morte do meu irmão

– É a morte do Rui

– É a morte de uma criança

– É a morte de uma criança.

Foi como se todo mundo tivesse sido colocado juntos em uma sala muito pequena e muito escura e muito abafada onde ninguém quisesse, de fato, estar, mas estavam todos juntos no desconforto de, todos juntos, dizerem pela primeira em voz alta, transformar naquela verdade palpável e concreta, naquela coisa que é tão real quanto eles próprios e quanto a própria casa e quanto as árvores e os animais e quanto também a comida que comiam e as visitas que recebiam e todas as outras coisas que faziam parte da vida porque isso fazia parte da vida agora: Rui tinha morrido. A parteira foi embora logo depois disse momento e era como se o dia voltasse a ficar sem cor, não porque Maria relacionasse as cores àquela mulher, mas porque a força com que todos eles ali, ela e a mãe e Germano e a tia tentaram deixar vazar de suas gargantas a maior barreira de todos os seus dias tinha sido pesada demais. Voltaram para dentro de casa, os homens chegaram da roça para o almoço que a tia serviu, a mãe sentou-se junto à mesa, não falou palavra, não provou comida, mas ficou ali existindo entre todos eles com seus cigarros intermináveis. Depois de comer, Maria correu ao quarto e pegou o que já tinha sido o anel que representava Rui num mapa que era também uma mão e entregou-o a mãe.

– Ela disse que cada um que ela ajuda a nascer tem um anel na mão dela, esse é o de Rui. Quando ele quebrou foi que ela soube.

A mãe deu um abraço em Maria e fechou a palma da mão em volta da peça e quais as chances de aquela parteira ser de fato milagrosa, as chances não existem mas ninguém via com clareza porque, também, é preciso sentir que há que culpar para perdoar para seguir. Rui tinha morrido e quem morre fica bem e quem fica aqui aprende a lidar e quem lida cresce e há que se crescer para saber perdoar e Maria contava muito com todos esses passos na vida porque precisava, antes que tudo, perdoar a si mesma. A mãe lhe sorriu e disse que ela podia guardar ela o anel, já que fora ela quem tinha ganhado e merecia mais que todos ter aquela lembrança bem pertinho. Maria pensou nas brincadeiras e nas trocas e em todas a ansiedade e agonia, nas noites sem dormir e nos choros de dor, no pai que tinha ficado uma pessoa estranha e na mãe que lhe escapava até mesmo como uma pessoa e pensou em tudo que ainda existia pela frente e na coisa que nunca lhe faltou, mesmo em todo o caos e que era esperança. Os dias se repetiriam até o final e não havia como cansar deles, era preciso entendê-los e suportá-los. *A vida sempre continua mas como a vida pode continuar mas a vida sempre continua.* Espaço vazio não preenche espaço vazio, Maria. Agarrou o metal que a mãe lhe entregava e sentiu o impulso de morder a parte interna dos lábios e quando foi morder a parte interna dos lábios simplesmente parou e chorou todas as lágrimas porque ela estava em casa e com pessoas que amava.

Eu não sei o que é mais importante, se a primeira vez ou a última

A parteira não voltou à casa depois daquela manhã e, embora no começo Maria sentisse muita falta, também entendeu que ela não voltaria mais porque pode até ser que eles não tenham entendido a morte ou o luto, mas talvez eles tinham entendido que estavam juntos todos e a parteira também nunca mais apareceu na comunidade. Dizem que foi-se como apareceu, cheia de bênçãos, mas sem passado e sem futuro e Maria riu pensando em como para todo mundo aquela mulher era um presente e Germano riu muito disso também. Enfim, a vida seguiu porque essa é uma das coisas mais tristes mesmo sobre a morte de alguém a quem se ama muito: tudo continua. *Existem palavras que só fazem diferença quando dizem respeito a algo que faz diferença.*

Maria tinha decidido, depois daquela manhã, que tentaria ajudar a mãe a dar pequenos passos de volta ao presente também porque sentia saudades também porque precisava ser amada também porque não aguentava mais ser sozinha, mas também porque sabia que a mãe não aguentaria uma vida inteira em um sofrimento assim. Naquela tarde, arrancou uma folha do seu caderninho e anotou comer uma fatia de pão, tomar dois copos de água, lavar o cabelo, trocar de roupa. Colou na geladeira com um imã e deixou uma canetinha colorida presa a um barbante verde pendurada ao lado da lista. Levou dias até a mãe completar aqueles itens básicos da listinha e sempre que alguma coisa aparecia riscada, Maria adicionava outro. Varrer a casa, colocar um vestido bonito, fazer um bolo, passar batom, fazer chimarrão para a tia. Um a um e pouco a pouco as coisas eram riscadas e Maria tinha vontade de chorar o tempo inteiro. Não entendia muito bem a sua própria tristeza e nem a sua própria solidão, principalmente agora que a mãe voltava, até que entendeu que continuava triste e solitária mesmo com a volta da mãe. Escrevia muito em seu caderninho sempre que podia e escreveu até entender que, talvez, a solidão não fosse algo que viesse de fora e, mesmo olhando pra dentro o tempo inteiro nos últimos tempos, seu próprio olhar para si mesma estivesse viciado. Tentava mover tudo o que podia mas, no fundo, ainda sentia que tudo acontecia em volta dela e perto dela e em cima e embaixo dela, mas que nada de fato conseguia atingi-la. De qualquer forma, viu a mãe aos poucos voltando e isso era uma felicidade, sim.

Um dia chegou em casa da escola e tinha um cheiro maravilhoso na cozinha e Maria arregalou os olhos porque sabia que isso definitivamente não estava na lista. A mãe fumava encostada na pia e sorriu quando viu o sorriso se formando nos olhos da filha que a olhava

surpresa enquanto encarava quase salivando a mesa pronta para o almoço. Tinha polenta e galinha com molho e fatias de queijo já cortadas, prontas para se derreterem na farinha amarela.

– Tu tem que lavar essas mãos e essa cara antes, né?

– Não tava na lista.

– Verdade, mas hoje eu completei toda a lista. Hoje eu tô até de batom, tu vê?

Maria sorriu e correu ao banheiro se lavar. Passou pelo quarto do irmão que estava com a porta e as janelas abertas, recebendo ar e ela viu que a roupa de cama tinha sido trocada e tinha cheiro de limpeza saindo de lá. Antes de o quarto voltar a ser reintegrado a casa como um cômodo normal, Maria passava horas sozinha trancada lá dentro. Numa noite, achou o caderninho que Rui tinha ganhado da parteira no dia do aniversário - o seu tinha acabado fazia tempo porque anotava todas as coisas em que pensava e anotá-las fazia com que percebesse como os sentimentos e aquelas verdades verdadeiras e eternas são tão flutuantes quanto o tempo e se perguntava se algo era, de fato, fixo. Pegou o do irmão para si e, quando abriu, achou desenhos da família, algumas letras soltas e uma frase que dizia simplesmente eu sou rui e moro aqui. Guardou consigo sem mostrar para os pais, mas também sem escrever nada em nenhuma das outras folhas do bloco. O irmão sempre fora corajoso a ponto de escrever, ele próprio, em primeira pessoa.

Voltou para a cozinha e, pisando em silêncio, viu que a mãe segurava as lágrimas. Entrou e ficou olhando para a mulher que não aguentou e permitiu-se chorar. Se abraçaram e Maria sentou-se à mesa. A mãe insistiu em servir o prato de Maria porque a comida estava quente.

DIAS DE SE FAZER SILÊNCIO: UM ENSAIO SOBRE O PROCESSO

Quando li pela primeira vez *Viagem ao Fim da Noite*, de Céline, aquela sequência de absurdos e crueza da vida me alardeou, mais que tudo, pela solidão. Porque acho que foi a primeira vez que pensei na solidão como algo que tivesse um peso que pudesse ser difícil demais de se carregar. Não era uma solidão tranquila, não era aquela que eu sabia reconhecer, mas antes uma solidão cheia de desesperança porque, no fim, a vida é isso mesmo. Mas nunca achei que a vida fosse “isso mesmo” - tudo se equilibra e, até hoje, em momentos de um vazio qualquer que possa ser pesado, gosto de voltar ao livro e à passagem em que o narrador está na África, e percebe, ao conversar com um dos sargentos em quem não vislumbrava subjetividade maior que a de todos os homens embrutecidos ao seu redor, uma interioridade tão profunda que fez ele próprio, o protagonista, sentir vergonha de sua superficialidade enquanto escutava, constrangido, sobre o amor e a generosidade por uma sobrinha que perdeu os pais. Tudo o que o personagem viu espelhado naquele homem que “oferecia àquela menininha distante suficiente ternura para reconstruir um mundo inteiro, e isso não se percebia¹”, foi um rompante de esperança que eu quis, depois disso, buscar em toda obra que lia. Aquele momento que nos

¹ CÉLINE, Louis-Ferdinand. **Viagem ao fim da noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 173

revira e que, para mim e quem sabe não para outro, estava perdoando o ser humano de todas as outras atrocidades que cometeu, porque sentir ainda é a maior virtude. Antes disso eu provavelmente sempre encontrava esse ponto de esperança nas ficções a que me dedicava, mas talvez chegasse até eles de uma forma mais ingênua, sem expectativa, numa leitura quase leviana, mas depois saí em uma busca lógica que se atravessava a todas as minhas maneiras de ler um romance.² Quanto sentimento não cabe em um retrato tão profundo da alma humana e quanto o ser humano não merece que, cada vez mais, a sua alma seja retratada assim, com crueza, com todos os percalços, com todas as nuances? Com toda a maldade e bondade que ocupam, porque não há dualismos, o mesmo lugar em um ser?

Refletir e expandir as possibilidades da realidade é um dos espaços ocupados pela literatura, já que somos seres empáticos e experienciamos a vida também através do outro - forma extremamente válida de experiência já que o sentimento é o que causa identificação e a maneira como nos sentimos sobre determinados assuntos diz muito sobre quem somos. Gosto bastante da noção que James Wood traz, de que “a literatura nos ensina a notar melhor a vida; praticamos isso na vida, o que nos faz, por sua vez, ler melhor o detalhe na literatura, o que, por sua vez, nos faz ler melhor a vida”³. Para Orhan Pamuk, um romance é uma segunda vida, e, como sonhos, também revelam cores e complexidade da nossa própria existência - e nos surpreendem tanto quanto as fabricações do nosso próprio inconsciente.⁴ Se, para quem escreve, a literatura é um espaço de transbordamento, o mesmo é para quem lê. A beleza disso é que, não importa de que lado se esteja, quando falamos de literatura, falamos de arte e, como lembra Wood ao recuperar as palavras de George Eliot, “a arte é a coisa mais próxima da vida, é um modo de aumentar a experiência e ampliar nosso contato com os semelhantes para além de nosso destino pessoal”.⁵

Eu estou aqui

Escrever *Dias de se fazer silêncio* parte de uma relação orgânica entre a vida e a literatura e, mais ainda, entre a forma que eu vivo e a minha relação com as palavras. E isso se aplica de várias formas. A primeira através da escolha do tema e da necessidade que eu sinto em explorar aspectos que sempre me pareceram caros demais às pessoas ao meu redor e a mim

² PAMUK, Orhan. **O romancista Ingênuo e o sentimental**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

³ WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.p. 63

⁴ PAMUK, Orhan. **O romancista Ingênuo e o sentimental**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

⁵WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.p. 140

mesma, que também sou feita dessa matéria que me cerca. O tema que abraça tudo é a solidão mas dentro de uma relação muito específica, a de mãe e filha através de uma visão ainda mais específica, e certa forma, reduzida, que é a da criança. *Dias de se fazer silêncio* acompanha, basicamente, a história de uma menina que espera ansiosamente e cheia de culpa pela morte do irmão em estado terminal porque acredita que isso vai fazer com que a mãe volte a ser uma presença constante em sua vida, física e mentalmente, cumprindo o papel que a menina, nos seus doze anos, entende ser o da mãe: o de alguém que preenche espaços com amor infinito.

O ensaio que acompanha a narrativa ficcional é uma plataforma que me permite explorar ainda mais as ideias que eu quis exprimir na narrativa. A princípio, lidei de uma forma um pouco cética com a necessidade de explorar, eu mesma, meu processo criativo, como se isso maculasse todo o trabalho ficcional sobre o qual estive debruçada durante esse tempo, o que logo caiu por terra porque passei a olhar para esse espaço como se fosse uma espécie de universo expandido das minhas tentativas literárias. Se lá está uma obra que pode passar por acabada, com título, parágrafo inicial e ponto final, lá também estão inúmeras escolhas com as quais eu lidei durante os dias, especialmente os últimos dias, inúmeros prazos que não cumpri e inúmeras sistematizações que, em vão, eu tentei aplicar ao processo.

Não é um olhar como se olha pra dentro porque, também, a trama não sou eu, mas é um olhar que se dá para uma trajetória e um objeto porque, também, a trama sou eu e as escolhas foram minhas. Ainda não é hora de me afastar desse trabalho e me sinto bem empolgada em fazer uma retrospectiva sobre o processo e pensar nele como um pedaço do objeto artístico em si - até porque também é isso que se pressupõe ao escrever uma narrativa dentro de um espaço acadêmico. O ensaio que acompanha o texto ficcional funciona como uma maneira de explorar a realidade na qual essa história se construiu e explorar os temas que abordou. É, também, um convite para que o leitor porque, a partir do momento em que me inscrevi em um mestrado em Escrita Criativa, achei que fosse coerente começar a pensar em um: percorra esse caminho comigo, um caminho trilhado à liberdade de um texto ensaístico, um formato que também me é tão caro, desde que encontrei, pela primeira vez, um primeiro ensaio de David Foster Wallace e, depois disso, mergulhei na obra do escritor aceitando em grande parte suas noções de literatura e do processo de escrita - e o brilhantismo na sua escrita ficcional me arrebatou da mesma forma que a escrita não ficcional.

Inclusive, gosto de pensar também que a própria escrita ficcional aconteceu com a logística ensaística: à base de provas⁶, experimentações e tentativas, sem uma fórmula fechada e uma sistematização que foi se reinventando a todo tempo, provavelmente graças à minha incapacidade de me manter fiel a um caminho fechado desde o início: que o *a priori* seja uma lei específica não funcionou comigo, nem quando pensei no projeto do romance, que mudou muito durante o tempo, nem quando comecei a refletir sobre a solidão e a relação entre indivíduos. Esse segundo fracasso pode ter ocorrido também porque eu tentei olhar para pessoas ou textos que, antes, também olhavam para pessoas e as justificativas aqui, de novo, seriam tão plurais quanto todos os seres que acham a solidão um fardo. O percurso de escrita que este ensaio traz também é resultado de eu mesma me desprender do estranhamento de olhar para o próprio trabalho ou agir assim, como se tivesse me desprendido até que, no final, todas as minhas palavras já acreditem nisso, e não exista outra verdade que não meu distanciamento para a auto avaliação e o fato de estar, inclusive, animada para o processo. Vou ser eu mesma a criança com a qual Adorno⁷ compara o ensaísta, animada por algo que alguém já fez enquanto fala tudo que sente que tem para falar sobre o tema e todo esse ego impresso também deve fazer parte do próprio impulso de escrever uma narrativa ficcional que tem a chance de extrapolar o texto. O impulso da escrita, da história que se apresenta sorrateira, toma espaço e ganha forma e, de repente, é considerada digna o suficiente para ocupar páginas, pode ser tão interessante de avaliar quanto o próprio trabalho final, embora não pareça mais necessário se discutir sobre a importância do processo para o resultado final do trabalho.

De qualquer forma, o que quero dizer é que: eu estou aqui. Completamente. Bem mais do que lá, no outro, na novela que é o primeiro objeto desse trabalho e que não prescinde desse ensaio embora o contexto faça com que esse ensaio seja imprescindível. Mas eu estou lá também e, muitas vezes, diretamente. Nada que pudesse ser diferente já que são lugares que eu mesma criei para me enfiar dentro, só que lá não faço diferença alguma e, se puder, lá quero passar razoavelmente despercebida. Lá quero estar morta mesmo - com todo o peso do título do famoso ensaio de Barthes, *A morte do autor*⁸. Não há dúvida disso, não há espaço para outras interpretações. Que a escrita seja esse neutro que se transforme através do leitor - e eu,

⁶ LARROSA, J. A operação ensaio: sobre o ensaiar no pensamento, na escrita e na vida. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, , p. 27-43, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/25417/14743>>. Acesso em 20 jul. 2017

⁷ ADORNO, T. W. O ensaio como forma. IN: ADORNO, T. W. **Notas de literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003, p. 15-45.

⁸ BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.57-65.

antes de tudo, sou uma leitora, a mesma que lê Céline como uma forma de entender a solidão arrebatadora. Lá, eu não importo. Mas aqui, o que fazer: eu estou aqui. O neutro escapa quando decido escancarar meu processo artístico, dizer de onde ele surgiu, qual minha motivação, o que eu quero com isso porque o sujeito eu tem aquelas motivações iniciais que conscientemente não se cumprem no final e tudo bem. Esse ensaio não é uma forma de direcionar a leitura da narrativa, mas é isso, um ensaio no qual eu assumo um pouco daquele autor-deus (de novo, o que fazer) e falo sobre algumas coisas que são importantes para mim, como a origem da história, a solidão na maternidade, meu tema propulsor, e aspectos da própria narrativa como voz e cenário. Vai ver é até uma forma de me sentir um pouco menos preterida por importar tão pouco na narrativa - o que eu duvido muito mas aqui tenho espaço até para me analisar porque isso não é um romance - uma resistência em entrar na minha própria morte para a escrita começar.

O começo vai ficar perdido no tempo e no espaço

Entre a ideia inicial - o projeto - e a execução, existe um espaço preenchido com diversas experiências. Um espaço, aliás, que não se delimita pelo seu começo e que é maior que aquela totalidade que a gente vê - nesse caso, maior que a entrada no mestrado e maior que a decisão de seguir por esse projeto, ou seja, extrapola o universo formado a partir da concepção e da criação de um trabalho artístico. Vem de antes, desde um tempo que culmina no momento derradeiro que chamamos de começo. Achugar⁹ discorre sobre a obsessão que temos, como seres humanos, pela ideia de um momento inicial ou fundacional - o Big Bang e Deus dividem o mesmo lugar na nossa ânsia por encontrar um início. Para ele, a ideia de fundação supõe um tempo, um antes e um depois - e marca a clausura de um passado e o começo de uma nova época. Fiquei por muito tempo às voltas com essa ideia quando tentei encontrar uma ideia de origem para esse trabalho em que me debrucei durante o período do mestrado, como se ele pudesse ter um ponto de início, uma fenda que marcasse uma ruptura em mim e nos meus objetivos. Tentei refletir e buscar o antes - completamente envolvida pelo depois que ocupava meus dias todos os dias. Eu gostaria de saber da origem de todas as coisas, assim como gosto de saber que aconteceu o Big Bang e, inclusive, gosto muito dessa analogia para o processo

⁹ ACHUGAR, Hugo. A escritura da história ou a propósito das fundações da nação. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). **Histórias da literatura: teorias, temas e autores**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 37-38

criativo. Que um caos se faça cosmos, como diz Cecília Moreira Salles,¹⁰ é uma imagem adorável e muito verdadeira para um projeto finalizado, mas como podemos tentar catalogar o caos? Eu mesma não consigo visualizar uma pessoa que seja tão minuciosa com seu trabalho e sua arte a ponto de dar conta com completa honestidade de todos os caminhos, trajetos, atalhos e labirintos percorridos durante o processo porque não diz respeito apenas às escolhas práticas que fazemos, mas também àquelas que fazemos porque não temos escolhas a não ser. Mas isso diz muito sobre mim e, na verdade, sinto que o caos inicial segue ainda, mesmo agora, um caos.

Se existe um trabalho para ser apresentado no final do curso e uma ordem que foi seguida mesmo que tenha sido um tipo de ordem inventada todos os dias, é só porque o caos é um companheiro íntimo. Daqueles que nem se sabe de onde vem e nem sabe porque veio, mas como sempre esteve por aí já nem se questiona mais. Porque sempre senti como um desvio de personalidade, tentei entender o caos e tentei suprimi-lo também, mas a metodologia encontrada - aquela do oito ou oitenta, não favoreceram o meu processo e me entregar à rigidez não funcionou. Tem coisas que funcionam com vários e que não funcionam com vários outros. O meu Google Drive atualmente é a coisa mais bagunçada em que vivo.

O fato de sentir que tudo segue caótico não quer, necessariamente, dizer que tudo siga assim de fato. Por mais que seja dessa forma que a situação passe por mim, no momento em que aceitei que estava na hora de abandonar esse trabalho e deixar que ele próprio se concluísse com observações de uma banca e depois com o silêncio, eu automaticamente chegava em algum lugar. Um ponto, que pode não ser o final, mas ainda assim é um ponto e, até agora, é o último. Há esse subjetivo ponto inicial e final, essas marcas de lugar nenhum que servem como uma espécie de cerca delimitadora do processo - necessária porque eu quero que seja, assumo o gosto em demarcar o início e o fim dos acontecimentos, embora também inconstante já que a priori admito que o fim não é o fim, é apenas uma desistência, então todo o processo de escritura está contido entre um ponto inicial, que eu não lembro exatamente qual é, lembro apenas da ideia como algo que já me pertencesse e vice-versa, e de um ponto final que é transitório e é apenas a primeira das desistências, que aconteceu agora porque eu tinha um prazo, um limite e também porque a arte pode existir em espaços que se resolvem sozinhos, como quando ela se encontra com os outros que encontram nela algo que nem de perto sonhamos em registrar. Queremos sempre saber o que aconteceu antes de nós e o que vai acontecer depois.

¹⁰ SALLES, Cecília. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 6. ed. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 33

De qualquer forma, a concepção e escritura da narrativa se deram em uma espécie de passagem, um percurso que precisava ser vencido. O ensaio é o mirador que está em uma das pontas para onde inevitavelmente se corre depois da travessia. Possibilita a ideia da paisagem inteira - estendido diante dos olhos está tudo o que foi vivido enquanto trânsito e é possível entender mais ou menos em que tipo de estrada se andava. É do alto que você vê os labirintos pelos quais passou sem se dar conta, os campos abertos percorridos de forma anestesiada, sem que o vento fizesse qualquer cócega no rosto ou as partes formadas por túneis, em que só há como saber se foram tranquilos ou não estando lá. Então, em confusão, foi como se eu tivesse feito uma viagem, não longa, pelo contrário, uma viagem que ainda tem muita estrada para ser percorrida mas que apenas, por ora, encontrou uma parada daquelas que vale a pena demorar-se ou, se não vale a pena, uma parada daquelas em que você precisa ficar um tempo a mais e deus. Recarregar-se e redescobrir-se. E, como lembrou Angela Pohlman ao estudar processos artísticos, o tempo, que acontece sempre com a mesma continuidade, não importa a forma como vamos sentir esse processo, simplesmente é, não transcorre¹¹.

Que escrever parta de um impulso inicial, de um caos que se transforma em cosmos, é porque existem inúmeras escolhas que sistematizam esse processo, por mais caótico que ele possa se manter do começo até o fim. Perguntas que se respondem no meio do caminho, perguntas que se reformulam ou se criam. Soluções que evaporam e outras que, milagrosamente, aparecem. Quando Calvino diz que “discutir arte sob o ponto de vista de seu movimento criador é acreditar que a obra consiste em uma cadeia infinita de agregações de ideias, isto é, uma série infinita de aproximações para atingi-la¹²”, nos dá o espaço para seguir pensando na arte como essa continuidade da própria vida. Além de entender, explicar, situar, a arte continua a vida. Pensar a escrita desse trabalho através do processo artístico me fez acreditar mais ainda na arte como um potencializador da vida de todo dia, que se justifica não “porque a vida não basta”, como disse Gullar, mas sim porque a vida é demais para que possamos compreendê-la da forma que achamos digna. Talvez nunca chegaremos a esse lugar, mas a beleza é que sempre seguiremos buscando e olhando e trazendo à tona todas as coisas mais lindas e as coisas mais feias e deprimentes também, porque somos tudo e como podemos ser tantas coisas é o que seguimos tentando entender. Saramago¹³ já disse que teve um tempo

¹¹ POHLMANN, Angela Raffin. **Pontos de Passagem: o tempo no processo de criação**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7227>. Acesso em 16 dez 2017.

¹² SALLES, Cecília. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 6. ed. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 33.

¹³ disponível em <http://homoliteratus.com/por-que-escrevo-19-depoimentos-que-voce-precisa-conhecer/>. Acesso em 15 dez 2017.

em que escrevia para não morrer nunca, mas depois sua justificativa se transformou e passou a escrever para compreender o que é o ser humano. A arte também ajuda a criar aquele niilismo otimista de Francis Bacon¹⁴ que dizia que simplesmente era otimista, sua visão da vida e das coisas era uma visão otimista, ele era um cara otimista e então se lançava a pintar o lado de dentro de todas as coisas com uma força e uma crueza que impactam e chocam e nos fazem pensar: como pode alguém ver isso que está aí? Como pode tanta feiúra e tanto horror e mesmo assim aquela rotina e banalidade? Como pode tanta beleza na doação completamente espontânea do sargento que permitia à sobrinha uma ternura capaz de reconstruir o mundo sem pedir nada em troca, o mesmo homem que não se importava em passar outros para trás?

O produto final de um primeiro impulso que buscava alguma resposta, solução, reflexão da sociedade, algo, enfim, subjetivo ao escritor, é apenas a outra ponta. Todo o universo que cabe no meio traz, também, ele próprio, inúmeras contribuições para o pensar artístico e o fazer literário, que inevitavelmente acaba à mercê da ação do acaso. Entre o começo e o fim de *Dias de fazer silêncio*, vários mundos passaram a acontecer e deixaram de acontecer e acho que me permitir a fluidez durante o processo foi uma das experiências mais interessantes. Embora, com toda a sinceridade do mundo, eu possa dizer que existiram dias em que tive certeza absoluta de que esse projeto não iria acontecer. Era final de julho e eu já tinha outro projeto de contos naquela gaveta da cabeça que serve para guardar as visitas à casa dos pais depois que se saiu de casa há algum tempo e cheguei a me perguntar se a forma com a qual eu fazia não era um fazer tudo errado. Agora acho bom perceber que tem dessas: apesar de não existir uma fórmula pronta, ainda assim existem fórmulas que vêm funcionando desde sempre.

¹⁴ Trecho legendado de entrevista com o pintor Francis Bacon, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BLcitfc0ReQ>. Acesso em 07 ago 2017.



Fig. 1 - o que achei que poderia ser o início do processo criativo e acabou se transformando em apenas uma cartolina branca colada na parede por meses - apesar de não ter escrito nada, não posso negar que toda vez que olhava para a cartolina pensava no que tinha que escrever. Cumpriu seu papel.

Em março eu pendurei uma cartolina branca na parede do meu quarto para fazer uma espécie de esquema da linha da história e, em dezembro, a cartolina branca ainda está lá pendurada. No começo as pessoas que vinham perguntavam o que essa cartolina fazia na parede e eu respondia que iria usá-la para fazer esquemas para a dissertação. Eu recebia risadinhas de volta (acho que só recebo em casa pessoas que me conhecem bem e me frustro em não frustrá-las nessas horas).

Também em março de 2017, eu comecei a usar uma agenda e a fazer calendário e a tentar me comprometer com algo que nem de perto se aproximava à minha rotina. Durante esse ano, trabalhei basicamente com publicidade, em jornadas completas e de casa e a única coisa que tinha um poder sutil de organizar o meu tempo, ainda, era a escassez de tempo que tive para me dedicar ao mestrado. Prazos e falta de tempo ocioso podem ser o gás que falta para pessoas desorganizadas. Acho legal agora ver a cartolina eternamente em branco como um sinal de que a maneira que eu queria fazer não era a melhor para mim e antes de entrar em dramas de *meu deus mas qual será a maneira certa para mim*, eu também tinha que aceitar que essa era a hora de escrever uma narrativa e concluir um mestrado e isso não queria dizer resolver minha vida. Porque, evidentemente, há muito drama e outras questões a serem

resolvidas. Mas o controle, essa sim eu estava disposta a colocar em jogo. Dominar o caos que me domina, diriam. Não é que eu seja uma entusiasta na bagunça, eu só estou me defendendo.

Não foi uma trajetória tão longa assim, embora eu sinta como se ela tivesse me tomado todo o tempo do mundo e já nem lembro da logística da minha vida sem esse assunto pendente. É a suspensão do tempo cronológico, para ser vivido de forma expandida¹⁵. O mestrado, até agora, não me ocupou nem dois anos, mas dois anos pode ser bastante tempo. Principalmente porque nada tem a ver com o tempo cronológico, porque o assunto em que decidi me debruçar já me atravessa há mais tempo e vai seguir me atravessando por muito mais - ainda mais agora, depois desses dias todos trabalhando em uma criação que não cabe apenas nesse período e que não está pronta apenas por esse período. O tempo se torna um ponto de vista, essa coisa que também pode ser variável, que vai de cada um, que prescinde sensações e faz com que uma mesma experiência sempre seja única para cada sujeito. E é nesse devir que o trabalho acontece, palavra após palavra e linha após linha, até chegar em um resultado que é, no máximo, uma das versões possíveis. *Dias de se fazer silêncio* foi escrito inteiro em um documento no Google Docs, sem nenhuma preocupação que não a de seguir o fluxo da história, do tipo de texto que sai sem reflexão, inclusive, sem pensar em palavra por palavra, sem pesar os adjetivos, preocupado, basicamente, com o ritmo da criação. No começo, até tentei fazer algumas anotações, como num diário, mas era tanta ansiedade que não tinha por que me gastar com isso também, que o deixasse para a recuperação que viria com o ensaio.

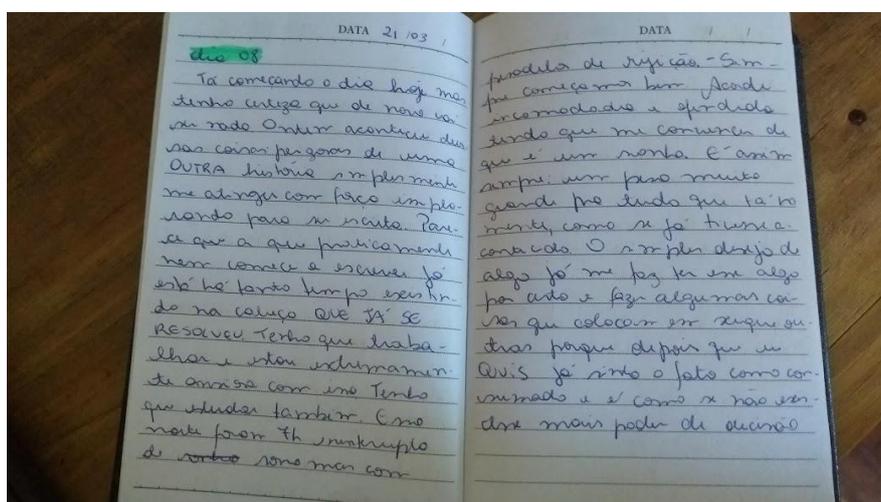


Fig. 2 - drama 01: não tenho ideia se a história que eu falava ali tem alguma coisa com os contos de julho mas, se não tem, não lembro de qual história falava.

¹⁵ POHLMANN, Angela Raffin. **Pontos de Passagem**: o tempo no processo de criação. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7227>. Acesso em 17 dez 2017

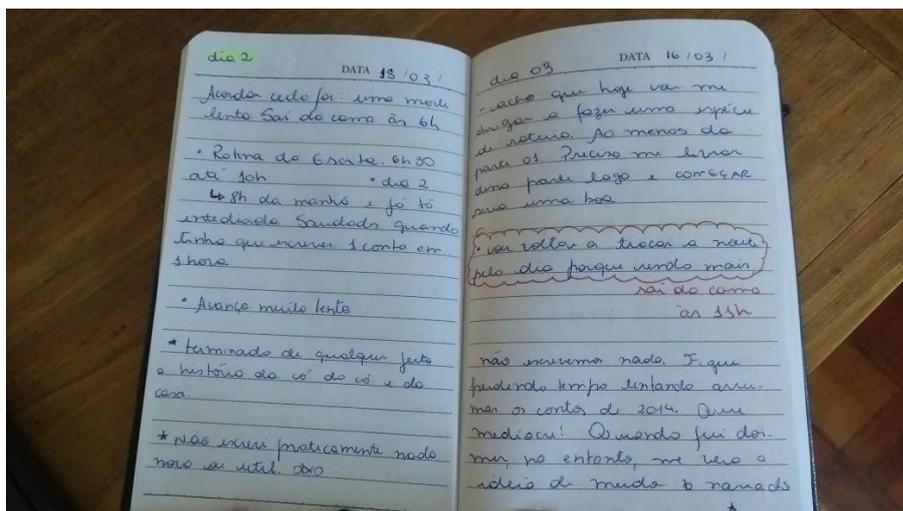


Fig. 3 - drama 02: coisinha sem importância sobre sono e horário mas, veja só, ao final da página tem alguma pista sobre a escolha do narrador (falo mais adiante)

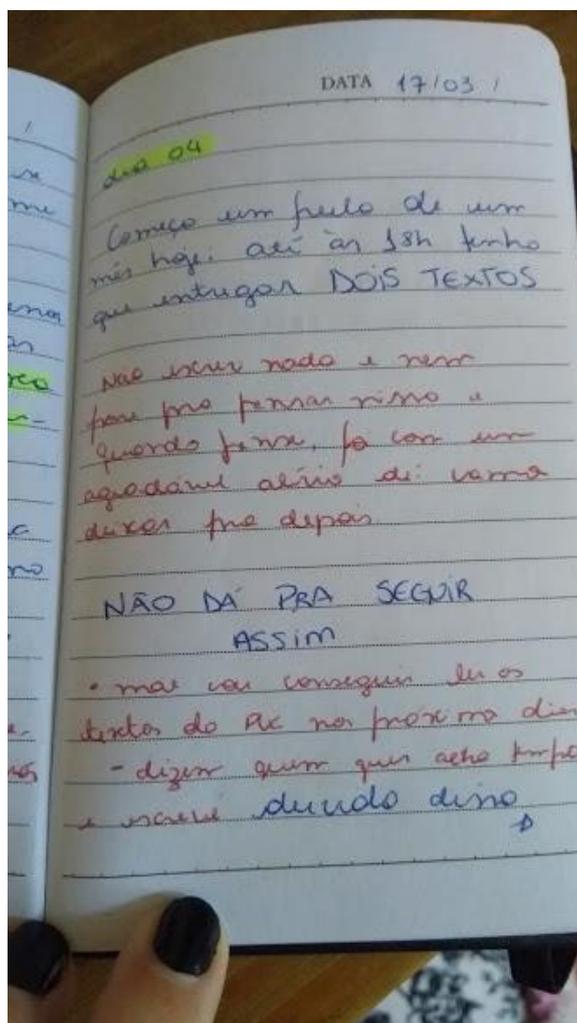


Fig. 4 - drama 03: jovem adulta rebelde, duvidando que a falta de vontade genuína seja a causa da incapacidade de começar a narrativa. Achei interessante perceber o alívio que sentia quando conseguia deixar de pensar no projeto por alguns momentos.

Na reta final, quando estava terminando a narrativa, me vi com um bloqueio que não era, de fato, um bloqueio. Era mais uma falta de vontade e, para não sucumbir ao marasmo, decidi começar as revisões mesmo antes de acabar de escrever a história. Meu arquivo, desde o começo, se chamou SEQUÊNCIA 1 e ganhou esse nome insosso porque não chamaria atenção nenhuma quando eu estivesse escrevendo em algum lugar público - lugares públicos são ótimos espaços para escrever literatura porque você tem que escolher no que vai se concentrar e colocar-se à prova é uma ótima maneira de manter a chama, como se fosse um longo relacionamento em que você se preocupa com “a chama”, embora qualquer pessoa só se preocupe com a chama quando percebe que as coisas estão frias. Em casa você corre o risco de começar a arrumar a cama, varrer e limpar o banheiro ou assistir algum episódio de uma série na Netflix pela milésima vez sucumbindo aquela inércia que faz quase com que se sinta doente. Melhor dar uma volta. De qualquer forma, é como o manuscrito único do qual fala Pierre Marc de Biasi,¹⁶ que foi escrito num jorro e revisado à exaustão até virar a versão que aceitei entregar para a banca.

Na ânsia por seguir produzindo, e com a consciência de que toda frase precisaria ser reescrita, percebi que começava a retrabalhar a história a ponto de deixá-la do mesmo jeito que estava originalmente. Porque também, talvez, nem toda frase *precisasse* ser reescrita. As mudanças eram tantas que acabavam voltando à formação original de palavras, enquanto eu perdia tempo que poderia usar escrevendo este ensaio, acabando a narrativa, ou mesmo fazendo alguma outra coisa sem culpa. Um dia, pouco antes da metade de dezembro, aceitei que não dava mais para ficar remexendo tudo apenas porque percebi a contraprodução do que estava fazendo, mas tenho a consciência plena, como todos têm, de que, talvez, essa obra terminada ainda não é a melhor versão que pode ser. Então, ainda é um trabalho em progresso. Por isso, se olharmos para a novela que acompanha este ensaio e que começa e termina e quisermos chamar ela de “pronta”, tudo bem, mas eu diria que é uma coisa que terminou *mas*. Uma construção orgânica e ainda em evolução, resultado de trabalho e de escolhas e também de coisas que foram deixadas para trás porque eu acabei ficando apenas com o cerne da ideia toda que nasceu em sabe-se lá *exatamente* quando.

Entreí na PUCRS para o mestrado em Escrita Criativa com outro projeto a ser desenvolvido e, depois, tive ainda outro projeto. *Dias de se fazer silêncio* foi como algo que acontece, daquelas coisas meio sem explicações. Associo muito essa ideia a uma outra de anos

¹⁶ BIASE, Pierre Marc de. **A genética dos textos**. Trad. Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010. 174 p

atrás, ainda em 2014, quando, pela primeira vez, tentei escrever alguns contos na oficina literária de Charles Kiefer. O que se aproxima nos dois enredos é o cenário e a trama, que girava em torno de pontos de vista sobre solidão e maternidade. Tudo o que acontecia seria diferente, mas os sentimentos que tentei fixar na segunda são os mesmos que tentaria na primeira. Não lembro como a ideia veio revisitada, do nada e menos ainda do momento em que decidi por ela e precisei desenvolvê-la. Quando vi, as personagens já tinham tomado forma e eu já estava imersa nesse processo, focando o tempo inteiro na Maria e na mãe da Maria e no irmão com doença terminal e na casa que acolhia todas as histórias da família e pensando ativamente no que aconteceria cena após cena.

Mas há como ser mais prática na hora de falar sobre escrever *Dias de se fazer silêncio*. Porque eu li uma vez Umberto Eco¹⁷ dizendo que só depois do terceiro romance se deu conta de que sempre escrevia a partir de uma ideia seminal que era pouco mais que uma imagem. Pra mim, essa primeira coisa que escrevi parte de um assunto que sempre me foi muito cheio de mistérios e encantamentos e afastamentos: a maternidade. Não simplesmente a maternidade, mas a ideia de que você, quando mãe, o que não sou, está automaticamente conectada para sempre com esse novo ser humano que criou e o paradoxo da solidão que essa relação evoca. Os desencontros nas relações entre mães e filhos me instigam e escrever sobre me pareceu uma maneira de tentar alcançar algo a mais sobre essa realidade. Mas como deve ser essa relação que se convencionou dar como certa para sempre e a psicologia dá como uma das primeiras marcas que carregamos para nossa vida inteira. Melanie Klein¹⁸, por exemplo, formulou a hipótese de que a criança tem uma percepção inconsciente inata da existência da mãe - aquela que cura dos desconfortos com calor, alimentação e afeto. E depois disso, vem a vida e a formação de um indivíduo a partir daquela mulher - e, para aquela mulher, a formação de um indivíduo a partir de si própria. Eu não sou mãe, mas isso pra mim é um sentimento e, se tivesse que apontar uma ideia seminal, seriam as coisas que cabem dentro do que sente um filho e uma mãe mas eu sempre me questiono o que será que sente uma mãe. Perguntei para a minha em que a maternidade lhe frustrava e é claro que foi uma ideia totalmente não boa - não chegou a ser ruim - já que fui obrigada a entender o recado.

“Só entende o sentimento por um filho quem tem um filho. Não adianta querer explicar, enfim é um amor que não se explica, por isso toda mãe tenta superproteger os filhos, tenta

¹⁷ ECO, Umberto. **Confissões de um jovem romancista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

¹⁸ KLEIN, Melanie. **O sentimento de solidão**: Nosso mundo adulto e outros ensaios. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975

querer passar sua experiência, de vida, sua sabedoria, conselhos, e a maioria dos filhos não escutam e para mim sim isso gera uma frustração. Não sei se porque eu nunca tive alguém que me orientasse em nada, me explicasse, me desse conselhos, enfim, eu sinto que para mim as coisas foram acontecendo (nos erros e acertos) por isso que hoje ah! como gostaria que me ouvissem mais até porque a maturidade traz sabedoria e é uma pena os mais jovens não aproveitarem isso. É frustrante e doloroso ver os filhos aprendendo apenas com os erros porque tudo que queremos é que eles sejam felizes, que acertem tudo, mas apenas com a maturidade os filhos entendem como é o processo. E também pensando no caso da superproteção - no meu caso o quase sufoco que foi motivado por não ter tido esse direcionamento. E, claro, os filhos são diferentes, pensam diferente, então temos que aceitar e entender que eles devem tomar suas decisões e nós, como pais, sempre torcemos para que sejam sempre as melhores escolhas para suas vidas”.

Essa pergunta foi feita recentemente, depois que a novela já estava pronta, mas acho que porque sempre vi o quanto certas coisas frustravam minha mãe. Achei bem triste, na verdade, mas ou é um ciclo que se repete ou um ciclo que se quebra. Pensando assim, acaba sendo um tema pessoal para mim porque [REDACTED]

[REDACTED] provavelmente um dos percursos da vida é trilhado ao bater o pé por ser quem se é, mesmo em um microcosmo autoritário. Nada, também, que esteja a salvo de não ser repetido se eu tiver um filho, quando eu tiver um filho.

Fragmentos porque, no final, uma coisa de cada vez acaba sendo várias coisas

Não comecei a escrever antes de saber o que aconteceria com os personagens, mesmo que, durante o caminho, muito tenha ficado para trás, mas isso apenas porque as certezas que temos são, elas também, efêmeras. O que importa é que só senti confiança e até mesmo vontade de começar a desenhar essa história quando já tinha visualizado. Não tenho anotações sobre personagens, não tenho anotações sobre cenários, não tenho anotações sobre o surgimento das ideias simplesmente porque preferi não tê-las. Embora na imagem *drama 02* acima fique claro quando eu escrevi a história da vó e do vô com a casa, que funcionou para dar à casa, aos olhos

de Maria, o caráter de um personagem também. Provavelmente foi a primeira coisa que escrevi e ficou praticamente igual à primeira vez que redigi o texto.

Em maio, passei uma semana em Florianópolis sozinha porque fui com meus tios para um final de semana e decidi estender e tentar trabalhar. O primeiro texto que escrevi lá, sentada na varanda da pousada e olhando o mar para dar um clima foi sobre a jabuticabeira. Foram cinco dias em que fiquei imersa na tentativa de começar a escrever a narrativa e, embora não tivesse rendido muito, lembro que cresci trinta páginas de um projeto que não tinha quase nada - e também assisti a três temporadas da série *House*. Entre o bloqueio total e a incapacidade de começar, mesmo quando eu já sabia para onde ir, escrever em fragmentos me ajudou. Me inspirei em Barthes e seus fragmentos¹⁹ e imaginei que, se tudo desse errado, ao menos teria sido um exercício - provavelmente não pensei isso, eu teria ficado muito frustrada em começar a escrever e escrever simplesmente para treinar a escrita, quando deveria estar trabalhando em um projeto. Toda a novela foi escrita assim, em fragmentos que, mais tarde, se conectavam, apenas porque era mais fácil para mim. Inclusive, quando fiz a primeira revisão em novembro, fiquei surpresa em como todos aqueles fragmentos estavam alinhados e faziam sentido quando eu os organizava. Achei que, por escrever dessa forma dispersa, seria impossível criar uma unidade de primeira, mas aparentemente foi possível. É claro que, enquanto eu temia que estivesse tudo puro caos, simplesmente não estava considerando que eu estava imersa demais naquilo tudo para estar tão alheia ao que fazia. Muitos fragmentos ficaram de fora, evidentemente, porque a história não precisou deles conforme era construída.

Tudo o que a gente escreve quando não está escrevendo

Sempre achei que fosse preguiçosa, mas era difícil sustentar esse argumento porque simplesmente não sou - e dizer assim, que não sou preguiçosa e deu, pode não parecer um bom argumento, mas nunca me defendo em voz alta, a não ser quando realmente compro o meu lado da história então garanto que dá pra confiar - e também nesse ensaio, sinto que estou, basicamente, me defendendo das minhas acusações contra mim mesma. Mas escrevi todo o *Dias de se fazer silêncio* - e esse ensaio também, apenas quando realmente precisei, nem um

¹⁹ No começo do curso li em sequência os livros Incidentes, Roland Barthes sobre Roland Barthes e Fragmentos de um Discurso Amoroso e, apesar de já ter lido outros textos do autor, foi a primeira vez que tive contato um pouco maior com a escrita em fragmentos. Foi um contato que me abriu para essa nova possibilidade de escrita - mais quanto ao fluxo. Fragmentar e escrever qualquer coisa em vez de coisa nenhuma fez com que o ritmo do trabalho se mantivesse da forma que gosto: rápido e intenso. Além disso, me permitia dizer apenas o que eu queria dizer. Cada parte escrita foi, também, uma coisa inteira isolada que depois encontrou a sua ordem na narrativa.

segundo de tempo a menos do que o necessário. Durante boa parte do tempo, me joguei naquela postura do Não, a síndrome do Bartleby, como a mostrada por Vila-Matas em *Bartleby e Companhia*, uma galeria de escritores que podiam escrever mas preferiam não, e abriram mão de sua ligação com a literatura. *Eu podia estar escrevendo mas* não via sentido em sentar em frente à tela em branco do computador e tentar colocar algo ali quando ainda não tinha muita coisa. E isso não quer dizer que tenha desperdiçado as visitas da musa por não estar trabalhando, apenas a recebi de outra forma porque, embora não tivesse preocupação em escrever, posso dizer com certeza que a maior parte do meu último ano, pelo menos, foi com o pensamento nessa novela. Mesmo quando escrevia textos publicitários para um portal de conteúdo feminino ou quando escrevia pautas sobre comportamento, sempre estava tentando resolver alguma coisa que ainda não tinha entendido. O não escrito e todo o tempo em que não escrevi têm influência naquilo que de fato escrevo. *Dias de se fazer silêncio* tomou forma e começou a ocupar todos os espaços, mesmo quando eu ainda apostava e tentava começar outra história que agora já não tem intenção nenhuma de existir. Não é como se eu não tivesse controle da história, naquele papo de que os personagens tomam conta e se desenvolvem sozinhas, mas eu meio que não tive controle sobre a opção de desenvolver ou não a história. A não escrita, nesse caso, é ela própria uma ação, e o ócio ou a negação do ofício podem ser uma construção constante que permitem o espaço necessário para que a maturidade que o texto pede se desenvolva. Enquanto pensava em uma personagem que se sentia extremamente solitária, eu, de certa forma, repetia o sentimento, sem nenhum peso negativo, de passar grande parte do tempo imersa em mim mesma, como se fosse algo incrivelmente interessante. Mas, também, todos os dias me lembravam de que não há nada mais interessante que a vida lá fora e de que nunca vai existir nada mais interessante do que a vida real lá fora. Nada que me impedisse de jogar-me com todas as forças na segunda vida que é o romance, como definiu Orhan Pamuk²⁰, mesmo que só tenha efetivamente começado a escrever algumas páginas para a qualificação do mestrado e, depois, continuado porque precisava encerrar esse ciclo.

Descobri que meu processo, portanto, funciona por ciclos - e talvez a minha incapacidade de ter uma continuidade de produção tenha alimentado a sensação de caos constante. Se, em uma semana eu conseguia trabalhar com um ritmo decente, algo como cinco dias a fio de produção que se diluía entre o trabalho na agência de publicidade e as exigências da própria vida acadêmica, assim que atingisse algum resultado que chegasse perto de ser satisfatório, simplesmente parava e levava semanas até conseguir pegar o ritmo de novo - e aí

²⁰ PAMUK, Orhan. *O romancista ingênuo e o sentimental*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

isso se repetia. Como tudo foi feito em um espaço de não tantas folhas de calendário, o ciclo não teve oportunidade de se repetir muito. Se eu não me der por satisfeita como o personagem de Vila-Matas²¹, que escreveu um livro apenas e depois compilou os escritores do não que, como ele, negavam a literatura, espero ter mais tempo para repetir os ciclos de ócio e trabalho, mas eu não gosto de chamar a escrita de trabalho, ao menos não agora, e me neguei em usar essa palavra durante todo o mestrado, porque trabalho era, para mim, aquela outra coisa que eu tinha que fazer todos os dias e que me deixava frustrada porque não ingenuamente culpava minha procrastinação às coisas práticas da vida - o que não tem nada a ver, mas era uma forma de tirar a responsabilidade de mim mesma.

Escrever exige um baita comprometimento e, várias vezes, me perguntei se eu estava pronta para me comprometer assim. Respondo com um *vai saber*. Se eu tivesse tirado dois anos apenas para me dedicar ao mestrado teria, com certeza, sido uma aluna bem melhor. Não arrisco dizer que também escreveria algo que me deixasse mais satisfeita porque a essa altura todos conhecemos meu método e ele é assim desde que me conheço por gente e, também, é desde que me conheço por gente que tento mudá-lo.

Aproximação da escrita criativa com a outra escrita - aquela a que chamo de trabalho

Sou formada em jornalismo pela UFRGS e emendei o mestrado ao final da graduação então, nos últimos dois anos, além de ter a oportunidade de estar em um ambiente que pensasse e discutisse literatura e aprender muito porque toda bibliografia era novidade, também vivia a outra novidade que vem da autonomia para aceitar e recusar trabalhos, sugerir pautas, revirar olhinhos para algumas edições, aceitar erros com naturalidade e manejar os horários da melhor forma possível que a vida de freelancer permite. A escrita, para mim, também é trabalho, mas é de outro tipo de escrita que falo quando penso no que me faz pagar as contas. Sem entrar em nenhuma das discussões que já estão superadas sobre aproximações de jornalismo e literatura²², foi exatamente o contato mais direto com a literatura que me fez, de certa forma, voltar a sentir uma certa conexão com o jornalismo, perdida logo no começo do curso. O mestrado em Escrita Criativa acendia uma luz constante sobre reportagens e textos informativos e melhores

²¹ VILA-MATAS, Enrique. *Bartleby e companhia*. São Paulo: Cosac Naify, 2010

²² Principalmente depois da explosão do chamado Novo Jornalismo, nos anos 1960, literatura e jornalismo embaralham ainda mais suas fronteiras. O pesquisador Fernando Resende afirma que a nova configuração foi resultado da fusão de culturas populares e eruditas e vem de um processo de desfronteirização entre essas áreas. “Somente nesse contexto faz-se possível pensar num discurso que, além de ser factual, almeja a ficção; além de ser ficcional, alimenta-se do jornalístico” (RESENDE, 2002, p. 35).

maneiras de cumprir o papel de informação e de reflexão e fiquei feliz que fosse assim porque, quando estava na faculdade, talvez ainda não tivesse maturidade para avançar um pouco mais nas possibilidades que o jornalismo poderia ter para mim. Só me abri mais no final, quando fazia o trabalho de conclusão, que tratou do ensaio como uma possibilidade para o texto jornalístico. Lá, analisei a escrita ensaística de David Foster Wallace²³ a partir dos famosos *Uma Coisa Supostamente Divertida que Eu Nunca Mais Vou Fazer* ou *Ficando Longe do Fato de Já Estar Meio que Longe de Tudo*. Textos que traziam informação, mas também experimentação e experiência de sujeito, num tipo de escrita que nos mostra um escritor ativo explorando o tema de todas as formas que queira e organizando e reorganizando as ideias durante a própria escrita deixando a sensação de que pode “[...] prosseguir a bel prazer indefinidamente”²⁴. Só conto isso porque associei o ensaio e a sua forma de construção à novela e a forma com a qual o pensamento de Maria se organiza. Como nesse tipo de texto, ela vai ligando uma ideia à outra e constantemente se colocando à prova. Adorei perceber o ensaio como uma evolução de pensamento - embora mais organizada e sistematizada do que a própria novela. Essas ligações, no caso de *Dias de se fazer silêncio*, aparecem através do uso constante dos porquês. Maria é uma criança e tudo o que fala, justifica, como se estivesse entrando em contato pela primeira vez com aquela informação, como se, enquanto pensasse sobre o assunto, ele fosse, ao mesmo tempo, tomando forma em sua mente - como um ensaio.

Maria e Germano se olharam de novo mas dessa vez Maria pensou outras coisas e provavelmente Germano pensasse outras coisas também, mas Maria pensava que tinham incubido Germano de chamá-la para ver o irmão morto, queriam que Germano lhe desse essa notícia que seria a maior de todas as notícias porque, por mais que não fosse para o primo lhe contar, por mais que o primo tivesse encontrado Maria deitada na cama, no quarto escuro e ainda dormindo, por mais que todas essas coisas fossem verdadeiras, sempre, em todas as versões e suposições dessa história, ela seria acordada antes do dia por Germano e ouviria o choro no outro quarto e saberia imediatamente o que tinha acontecido e odiaria o primo pelo tempo que agora parecia para sempre porque, por mais que não fosse sua culpa ou até mesmo sua função avisar-lhe da morte, era isso que a sua presença faria. Se abraçaram, ela e Germano, e ficou feliz que o primo não tenha precisado acordá-la e nem

²³ WALLACE, David Foster. **Ficando Longe do Fato de Já Estar Meio que Longe de Tudo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2012

²⁴ ADORNO, T. W. O ensaio como forma. IN: ADORNO, T. W. **Notas de literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003, p. 15-45.

olhar para ela com os olhos de quem conta o horror, mas sim apenas avisar-lhe que esperavam por ela e ficou feliz que, na verdade, a ninguém tenha cabido a missão de dizer Rui está morto porque ela estava há tantas noites dormindo sonos tão acordados que não existia possibilidade de deixar esse fardo nos ombros de alguém e pensou que, talvez, os pais não quiseram ser eles os encarregados de acordar a outra filha, agora única, para dizer que seu irmão tinha morrido porque parece ser um peso muito insuportável para jogar nos ombros de alguém isso, a morte de uma pessoa amada embora parecia também que, depois que a pessoa estava morta, não cabia mais a ninguém o controle de coisa alguma e não contar por medo de ficar marcado fosse uma coisa egoísta mas quem era Maria para acusar qualquer pessoa no mundo de egoísmo, não é mesmo, não era ela que estava há meses e meses esperando por esse momento e justificando a espera com o fato de que ela própria não podia fazer nada pelo irmão e nem mudar sua situação e que o próprio irmão não aguentava mais sofrer mas ela também sabia que tudo que justificava eram mentiras e que ela era a pessoa mais egoísta que conhecia mas isso não fazia diferença porque ela também não tinha como saber que o que sentiria num dia como hoje meio que não cabia em lugar nenhum.

De qualquer forma, escrever essa história me fez pensar muito, também, na potência ensaística e isso fez com que eu me reaproximasse dessa forma. Acredito que seja uma alternativa na hora de escrever certos textos que pedem outra sensibilidade de um jornalista, por exemplo. Embora as coisas não estejam exatamente ligadas, para mim elas acompanham o mesmo fio. Talvez a liberdade de finalmente escrever do jeito que eu queria, do jeito que eu achava que condizia com a personagem e com a história que estava contando tenha funcionado como uma das maneiras que me fizeram unir todos esses pontos em um nó comum - um nó bem fino que não tranca caminho e ainda passa por todas as agulhas mas que, para olhos atentos, está lá. Acontece que, incrivelmente, o curso deste mestrado e toda a experiência profissional que tive nesses dois anos, coisas que andaram juntas, fizeram com que eu sentisse, de novo, tranquilidade. Eu escolhi o jornalismo ainda quando era criança porque queria escrever e só um pouco mais tarde entendi que, talvez, o que queria era ser escritora - mesmo construindo histórias elaboradas desde a primeira série, acho que sempre imaginei que para ser escritor você seria, antes, jornalista. Talvez o meu caminho vá ser exatamente o contrário: a escrita criativa me abriu de verdade para as possibilidades do jornalismo. Para ser jornalista tive que tentar ser, antes, escritora.

Além disso toda a força criativa que envolve a comunicação também envolve a escrita - não digo que faço os dois da mesma forma e nem que são a mesma coisa, e nem que a maneira como me sinto enquanto escrevo um ou o outro seja a mesma - embora eu queira escrever até que sim, o sentimento seja o mesmo. Compartilhar com colegas e com o orientador quais os próximos passos da narrativa, por onde se anda, quais as principais dificuldades antes mesmo de colocá-las no papel, numa daquelas pausas intermináveis, me lembrou muito a troca de uma redação, por exemplo. Fala-se que a literatura é uma tarefa solitária mas acho que não é tão solitária assim e que, mesmo fora de um ambiente acadêmico, mesmo quando você escreve por conta e para satisfazer uma ânsia e um desejo pessoal, ter alguém para quem contar e com quem contar é rico e faz o projeto fluir. Quando nosso pensamento está direcionado com toda a atenção para algo específico, não temos alternativa a não ser transformá-lo em algo real e isso acontece a partir da palavra, tanto a falada quanto a escrita. Tenho certeza de que sempre que discuti o assunto com alguém, por mais que não tenha contribuído de forma prática para o andamento da obra, me ajudou a sentir mais confiança com relação à narrativa. Não é sobre estar sempre bem e confortável em todas as situações porque isso é impossível e as adversidades nos tornam criativos, mas é sobre saber que quando a literatura pesa, vai ter alguém por perto que pode dar um conselho totalmente normal que vai fazer toda a diferença. Falar sobre é uma das formas de estar produzindo, mesmo sem estar efetivamente escrevendo - e, de forma alguma, ligada à negação.

Gostei muito de ter escrito essa novela, não tanto do processo mas sim do ponto em que estou agora e da possibilidade de atingir, ainda, outros lugares. É um pouco como a frase atribuída a Dorothy Parker: odeio escrever mas adoro ter escrito²⁵, mas um pouco só porque entre as opções de coisas a se fazer da vida, a escrita me parece, dentro da gama de coisas que eu seria apta a fazer, a mais interessante. O mestrado me ajudou a amadurecer além da escrita criativa, a minha escrita profissional, aquela da redação publicitária, que eu realmente prefiro não, *mas* e aquela da redação jornalística. Ajeitar essas peças dentro de mim foi como se partes separadas pudessem enfim se encontrar e encontrar companhia em mim mesma. A solidão nunca foi um peso e desde criança celebro esses momentos e esse sentimento com uma questionável afinidade por mim mesma, mesmo que os monstros todos estejam por aí. Crescer e perceber que eles podem continuar por aí mas fazer as pazes uns com os outros é uma forma de liberdade e de conexão.

²⁵ “I hate writing. I love have writing” a frase é atribuída à mordaz escritora por diversas matérias e sites e usada como referência em livros sobre processo criativo. Achei em um chamado De Clone a Clown, de Vitor Braga (Porto: Editora Vida Económica, 2012) que traz as aspas da escritora no capítulo chamado de ‘Fazer’.

A solidão é um encontro



Fig. 5 - reprodução em miniatura da obra Cabeças, do artista Antônio Augusto Bueno. A primeira vez que vi a obra original em uma exposição no MARGS fiquei transtornada. Eu não sabia antes de vê-la mas elas tinham o aspecto que dou para as coisas confusas

Quem veio inteira foi a Maria, que me fez acreditar que estava abandonando o outro projeto pela possibilidade de uma história interessante em torno dela. Ela era a menina mais ardentemente solitária que eu poderia ter imaginado e, por vezes, me irritava o quão desesperada era sua dor e um dos estímulos que me manteve escrevendo era, antes de curar a dor da Maria, fazê-la entender que há espaço para toda a dor e para toda solidão. Queria que Maria visse que também existem outras nuances em todos os seres humanos e nela também. Minha ideia era, não que a personagem deixasse de sofrer, mas que ela deixasse de sofrer *por sofrer* todas as agruras da solidão que carrega porque faria as pazes consigo mesma. Que fique claro: a minha verdade, aquela uma das verdades que eu tentei exprimir com força nessa história é a de que a solidão é um sentimento que se aceita e a transformação seria entender

que, se isso é possível, você não está sozinho embora esteja solitário sempre. Winnicott²⁶ afirma que a solidão é a primeira condição humana, que todos somos, basicamente, sós e sempre me surpreendeu como podemos fazer disso algo tão difícil de aguentar.

Entender a solidão, aquele sentimento ou estado, físico ou de espírito, sempre foi uma das minhas motivações pessoais. Mais ainda, entender a maneira como lidamos com a solidão e porque ela carrega ares tão sombrios e penosos, a pior coisa do mundo. Acredito que, inclusive, a solidão tenha sido a propulsora da minha relação com a escrita, não de uma forma penosa e nem mesmo utilizando a escrita ou a literatura como uma ferramenta de preenchimento de espaços vazios. Antes disso, a literatura servia para potencializar todas as experiências, inclusive aquilo que, erroneamente, era percebido como a falta total de alguma coisa. O tempo passa e a gente aprende que tem coisas demais dentro de um sentir-se desconfortavelmente só e, até hoje, são raríssimas as vezes em que solidão tenha sido uma questão de desconforto para mim. Mas mais que resolver eu queria entender. Queria antecipar sentimentos que ao menos uma pessoa já teve uma vez e dar um desfecho para ele, uma justificativa, quem sabe.

É claro que escrever foi, em grande parte, um processo solitário mas não foi tão solitário pelo contexto em que estava inserida. Mesmo entre aqueles menos íntimos, dos quais se fala sobre literatura mas não sobre si próprio com a literatura, todos sabiam que todos os outros escreviam e penavam com as questões humanas dos personagens, coisas que nos tiravam o sono e desesperavam. “No man is an island, entire of itself; every man is a piece of the continent, a part of the main²⁷” fez muito sentido no universo acadêmico e literário no qual entrei tímida e sem muita segurança. Aliás, devo confessar que segui, até o final, sem me sentir inserida e muito menos segura e esse estranhamento, mesmo depois de dois anos, mesmo depois de ter estabelecido relações valiosas, é o que me faz pensar que, de fato, tenha sido um bom espaço para ocupar. O único lugar onde é possível sentir segurança é naquele que armamos para nós mesmos, onde prevemos as falhas, medimos os espaços, damos o tom do aconchego. Escrever não me deixa exatamente confortável e estar em um lugar que pretende orbitar em torno disso me deixa vulnerável e faz emanar um monte de sentimentos contraditórios em um mesmo momento. Mas era bom saber que, olhando para o lado, havia outras ilhas assim, tão como eu mesma encarando aquele processo. Gosto de pensar que me conectei com várias delas e, além da literatura, uma conexão direta que causa pequenas revoluções em todos. Quanto aos

²⁶ WINNICOTT, D.W. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

²⁷ Poema de John Donne disponível em <https://web.cs.dal.ca/~johnston/poetry/island.html>. Acesso em 07 ago 2017.

envolvimentos puramente literários: impossível desvantagem, claramente. É senso comum a história de que literatura é essencialmente solidão. Escreve-se em solidão, lê-se em solidão mas, apesar de tudo, o ato de leitura permite uma comunicação entre dois seres humanos e dessa comunicação somos feitos há tempos. Em janeiro eu estava em Buenos Aires e meio que me apaixonei, aquela coisa que dura dez dias, por um cara muito aleatório. Ele lia como argentino e ele disse isso, que lendo você aprende a viver a solidão e disse também que não há cheiro mais mágico, no mundo, que o cheiro de um filho recém nascido, cheiro de novo.

Mais que isso: na literatura se espera a solidão da criação, do momento, da absorção, resignificação. Não é como se a solidão aqui extrapolasse para outras áreas da vida e nem que fosse contaminada por ela. A solidão na literatura é muito particular, muito requintada e dela muito se ganha. Quando você lê um livro que causa um desespero lancinante e te acompanha, depois, na vida, no dia a dia, você não é aniquilado. Por mais que seja uma obra de arte aniquiladora, você não é aniquilado, você se toma de potência. Que seja, ao menos, uma mínima e interna transformação e que te acompanhe para sempre - chega a ser paradoxal. Afinal, como afirma Milan Kundera, em *A Arte do romance*, o romance descobre os aspectos da existência humana²⁸ e nós queremos que alguém nos diga quem somos.

Eu não gosto de quem responde tudo com perguntas retóricas

Escrever um trabalho que demandasse tanto tempo e tanta entrega me fez ver também que, sem ironias ou sarcasmos, perguntas retóricas são um chato vício de linguagem. Muitas vezes, quando uma pergunta retórica servia perfeitamente para mostrar o estado de espírito da personagem e os caminhos mentais que ela percorria, usava logo cinco de uma vez, todas, claro, basicamente a mesma pergunta reformulada diversas vezes. Saíam como uma necessidade - que obviamente era corrigida depois. Fazia perguntas retóricas como quem está fazendo um *brainstorm* e sabe que a pergunta certa é crucial para a resposta certa. Acontece que não havia respostas certas, nem mesmo erradas, nem mesmo únicas. Valeu a pena para perceber isso: faço perguntas como quem busca desesperadamente a resposta, embora a resposta certa, em determinadas ocasiões, não esteja em lugar nenhum.

Dias de se fazer silêncio

²⁸ KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988

A história começa no momento em que Rui está voltando para casa pela última vez - Maria sabe que é a última vez porque ela ouvia as conversas sussurradas dos pais. A partir desse momento acompanhamos o seu conflito por desejar que o irmão morra de uma vez - só porque ela sabe que ele vai, de fato, morrer - o recalque que sente porque a mãe dedica todo o seu tempo ao filho mais novo e a rotina da família que anda na corda bamba e nas pontas dos pés. A história se concentra nisso, focada em Maria e se passa em uma propriedade do interior do Rio Grande do Sul - uma cidade sem nome porque o nome não fazia diferença e, se tivesse nome a cidade, seria um nome inventado. Na história, também, os únicos que têm nomes são as três crianças: Maria, o irmão Rui e o primo Germano, que mora na casa ligada à casa dos irmãos e tem com eles uma relação muito íntima.

No princípio, a ideia inicial, era trazer três narradores - comecei a escrever sem certeza de que isso aconteceria e, no meio do caminho, acabei abandonando a ideia. Além da terceira pessoa, com focalizador em Maria, também teria um narrador em primeira pessoa que era a mãe e outro narrador em primeira pessoa que seria a vó. Nada disso existe agora, a não ser o narrador que observa Maria porque os outros, apesar de me parecerem muito interessantes, não acrescentariam, exatamente, à história que eu estava tentando contar. Faz parte das coisas que ficaram para trás e tudo bem - porque outras coisas entraram na história.

As memórias que não são minhas mas que também são minhas: a escolha do cenário

O cenário da narrativa foi inspirado no meu cenário de infância. Uma vez eu e meu primo mais velho estávamos no corcel do meu pai e ele soltou o freio de mão e o carro andou e bateu num galpão do ladinho da jabuticabeira e todo mundo gritou e saiu correndo atrás.

A jabuticabeira que aparece constantemente na história fazia parte do terreno na casa dos meus avôs, lugar onde hoje já não tem mais casa, não tem mais galpão, não tem mais as pedras enormes no chão de terra. Foi na casa deles que caí uma vez, com menos de dois anos e a cicatriz ainda está nos meus lábios, é uma bolinha que eu acho uma graça. Tudo o que tem lá, agora, é terra pronta para plantio e a vida que acontece lá agora é outra bem diferente da que acontecia quando eu crescia e íamos aos domingos ou em dias de semana ao entardecer. A vida vem da terra, do soja e do trigo que meu pai e meu irmão plantam, das cores que oscilam com a época do ano e, também, da jabuticabeira, que é a única coisa que ficou de pé. Porque aquela árvore era do meu avô e meu avô se chamava Rui e meu pai disse que nunca conseguiu e nem vai conseguir cortar aquela árvore para aproveitar a terra e seguir a plantação. É que aquela

árvore é o meu avô e provavelmente meu avô viria em sonhos - se não em formas mais reais - e puxaria os pés do meu pai à noite. Acho difícil, mas acho extremamente querido esse cenário todo. A casa é uma casa pela qual eu tinha fascinação quando criança, propriedade de vizinhos dos meus avós e um lugar onde sempre ia, embora não tenha lembrança de alguma vez ter sido convidada a entrar. Às crianças sobrava a grama e as brincadeiras e, quando voltei àquele lugar esse ano, levada por meu pai, porque queria ver, não porque precisasse, o que escrevi ainda é fiel à ficção que criei na minha própria memória. Achei até interessante perceber que, na verdade, a casa é uma casa normal. Porque as memórias têm o peso que a gente dá para elas e lembrar de algo não quer dizer que algo, de fato, aconteceu. As árvores que fazem a cortina que separa a casa da estrada principal pertencem a outra paisagem, de outra casa que era de outros vizinhos de família e de uma terra em que meu pai até hoje planta. Já não há mais nada lá também, nem as árvores, nem a casa, nem as pessoas e toda a beleza se resumiu, para todos, em memória. As irmãs que moravam na casa com o pai, cheio de energia, de noventa e poucos anos, foram para a cidade porque era mais seguro mas elas choram todos os dias e estão ainda mais magras.



Fig. 6 - Essa é a casa que desde sempre me pareceu a casa mais sensacional do mundo. Esse ano, no verão, voltei com meu pai pra tirar essas fotos e achei bonita a imagem infantil que eu tinha dela. Existem lugares que podem congelar as coisas mesmo com o passar do tempo.



Fig 7 - a atual situação da casa.



Fig 8 - Isso, antes, era uma casa também (não uma casa que tenha antecedido a outra, uma que veio depois, no caso). De qualquer forma é uma casa que sempre foi muito pobre e, na minha cabeça, insistente em abraçar todos os detalhes possíveis desse cenário. É, pra mim, a casa que antecedeu a construção da antiga.



Fig. 9 - Foto da jabuticabeira, tirada por minha mãe, levada até o lugar por meu pai.



Fig. 10 - foto do “túnel de mato” que levava até a casa da vó e do vô, onde tem a jabuticabeira mas não tem mais nada.

Em *Lembrar Escrever Esquecer*²⁹, Jeanne Marie Gagnebin questiona se é possível rememorar o passado e, ao mesmo tempo, ser fiel ao presente. Para ela, embora a escrita tenha o poder de petrificar o presente, é necessária para lutar contra o esquecimento. Acredito que esses questionamentos servem, também, para falar daquelas pequenas coisas que tentamos manter vivas como se estivessem em nossas mãos. A escolha de lugares foi uma maneira muito pessoal de tentar mantê-los existindo, primeiro porque já não existem mais e outra porque são, também, parte de uma realidade que já é muito diferente da que eu vivo - e também da qual eu tenho contato agora. De certa forma, me pareceu que, criando um lugar que combinasse os elementos de todos esses lugares pelos quais eu tenho apreço, eu pudesse petrificá-los também.

Talvez ater-se a lembranças acabe sendo uma das formas limitadoras de escrita, onde você sente necessidade de ser fiel a algo e acaba censurando toda a imaginação que construir uma nova história representa. Não necessariamente e sei que não foi o caso aqui. Minhas memórias foram muito mais uma tentativa de prestar um tributo ao lugar onde nasci e para onde dificilmente volto. Não como se estivéssemos, eu e o lugar, resolvendo as nossas histórias.

²⁹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar Escrever Esquecer**. São Paulo: Editora 34. 2006

A riqueza que só a literatura permite, de criar histórias onde histórias já não são mais possíveis porque o tempo que é também transcorre e não há tempo na vida para toda a expansão que há na arte. O ritmo é outro e a gente segue esse ritmo outro mas isso não impede que, também, a gente volte atrás.

De uma maneira, como quem brinca de Deus, decidi imprimir novas memórias nesse lugar. Porque agora além de lembrar de quando subia até a colônia com meu pai e quando brincava com as crianças ou quando ficava sentada sob a sombra de árvores de uma casa sem crianças ou, ainda, quando imaginava o que podia caber dentro de uma casa que era sensacional porque tinha dois lados exatamente iguais, como se fosse feita para que a vida se espelhasse e se repetisse lado a lado, também lembro dessa outra coisa que eu inventei. Duas novas famílias têm um passado nessa casa agora, com sua própria história marcada em paredes decadentes e apodrecidas. Também recriei todos os lugares em um só, criando uma idealização. Há uma nova formação de local, com todas as coisas lindas que se dividiam entre a vizinhança juntas num lugar fixo porque lugares não passam, apenas se transformam, mas mesmo transformados são como gente e seguem carregando todas as histórias que habitaram ali antes.

Da casa dos meus avós, por exemplo, além da jabuticabeira, o que sobra e que é possível ver apenas passando pela estrada de terra é a entrada típica, uma estradinha também de terra que descia e não se via o fim, cheia de mato em volta, quase perdida entre toda a vegetação do lugar. Teve uma vez que passei por lá de carro, vi a entrada e chorei e ninguém questionou o meu choro. Em *Dias de se fazer silêncio*, o meu choro não faz diferença alguma, passa longe da narrativa, é mais como se fosse um segredo que mantive comigo mesma - não tão comigo mesma - e que não faz nenhuma diferença. Quando recrio do jeito que quero, o cenário deixa de ser real para se transformar em um produto da minha imaginação. Não importa onde a narrativa acontecesse, a história seria a mesma. Mas, talvez, se não fosse por que eu queria prestar esse tributo e reinventar o lugar em que cresci, a história não teria tão forte seu elemento telúrico e seria completamente diferente.

Se fosse em um centro, por exemplo, se fizesse parte da geografia urbana e se passasse em um apartamento dentro de um edifício enorme no meio de uma cidade grande, a solidão impressa na relação de Maria com a mãe e de Maria com o irmão que está a beira da morte se transportaria para o cenário de uma maneira diferente. Em cidades altas a solidão também vem de fora, elas têm uma aura solitária de construções que cobrem milhares de pessoas que não se conectam e todas outras metáforas desse tipo.

Essas são as memórias que compuseram o cenário e que criaram o pano de fundo para a história que contei. Queria que as brincadeiras das crianças fossem leves, que as cores que

Maria tentava dar a todos os momentos da vida estivessem, de fato, presentes. Me pareceu, desde o começo, importante mostrar que além das pessoas que nos cercam, também somos os ambientes, somos a natureza, somos as trocas. As visitas também são cenário, as atividades do pai e do tio roçando a terra e preocupados com o soja também são cenário, os ovos e as galinhas e os porcos, as árvores e a sombra e até o cheiro de bosta de vaca que se mistura à grama úmida e ao cheiro de terra. Tudo isso é parte de um cenário que pode ser reconhecido por muita gente, mas que parece distante demais para tantas outras. Não é nenhuma originalidade, e não olho para trás com uma vontade de verdade, mas sim com uma vontade de permanência.

O olhar de Maria - a escolha do narrador

Durante todo o tempo que envolveu a escrita dessa narrativa, desde quando a protagonista tinha nome e um conflito claro, meu maior questionamento foi sobre qual o melhor narrador para acompanhar os sentimentos da menina, que percebe a solidão como uma imposição injusta da vida quando sabe que sempre teve tudo para uma infância preenchida de todas as formas. Maria descobre a solidão porque a doença do irmão acaba tirando as presenças mais importantes - sua família - de seu entorno físico e afetivo. Nesse cenário, passou a sentir-se sozinha o tempo inteiro e, de certa forma, sua maneira de lidar com essa solidão foi desenvolver uma personalidade prolixa, que comenta tudo e percebe tudo e reage a tudo em sua volta, mas com o mesmo silêncio que lhe é imposto pela situação.

A escolha do narrador foi, inclusive, o que mais tomou meu tempo antes de começar a história e, depois dele, nada teve tanto peso. Durante o processo, muita coisa que fazia parte da ideia original, como uma história paralela da mãe e da parteira e até outra narrativa que envolveria Germano, o primo, ficaram para trás e não foi exatamente difícil que ficassem, era natural que fosse assim. Mas pensar sobre o narrador me entediou - porque a única coisa que é escrever é escrever de fato - e, numa conversa que tive com meu primeiro orientador no início do mestrado, Charles Kiefer, o conselho foi: “comece a escrever, escreve com o que tu acha, mas escreve, depois tu vê e, se não for, muda”. Claro que ele previa o óbvio do processo da escrita que é a reescrita, mas nem por um segundo me passou pela cabeça começar sem ter certeza de que tinha escolhido a voz certa. Se ninguém casa pensando em separação, ninguém se tatua pensando que um dia vai acordar e querer arrancar a qualquer custo aquela imagem duvidosa do ombro, também não tinha razão para começar esse contrato tão longo com uma história - e comigo mesma - sem, ao menos, ter certeza de que a entrada estava certa. Escrevi duas páginas em primeira pessoa apenas para testar, porque sabia que a primeira pessoa me

traria problemas para fazer um paralelo entre o que a personagem pensava e o que acontecia, mas achava que seria mais fácil de manter um texto com esse estilo de escrita até o fim em primeira pessoa. Não deu e consciência limpa, simplesmente apaguei as duas páginas e segui fazendo outras coisas. Quando comecei de verdade, o discurso indireto livre cumpriu o que eu estava esperando do texto. Realmente fiquei feliz e escrevendo agora fico feliz de novo por ter insistido nesse narrador. Foi ele que me possibilitou mostrar todo o conflito interno da Maria ao mesmo tempo em que prestava atenção aos detalhes do que acontecia ao redor. Às conversas de canto, a uma discussão entre irmãos, à amizade entre a mãe e a tia. Gosto muito de histórias que são narradas a partir do ponto de vista de uma criança, como a Alma, de *A história do amor*, de Nicole Krauss³⁰ ou o Oskar Schell, de *Extremamente Alto e Incrivelmente Perto*, do Jonathan Safran Foer³¹, mas transformar Maria diretamente na voz que narra a história poderia fazer com que a narrativa se transformasse em uma interminável sequência de sofrimentos.

Além disso, a terceira pessoa, mesmo que tenha o focalizador em Maria e traga todas as suas impressões sobre o que acontece à volta, a doença do irmão, o distanciamento que sente da mãe, também permite que a narrativa siga seu curso, mesmo que o número de sumários seja equivalente às cenas. Isso, aliás, já foge da minha escolha para essa novela e acompanha a forma de escrever que, até agora, posso identificar como seu (ou meu) estilo. Que muda, provavelmente, creio que é impossível fixar exatamente mas, até agora, é a forma que escrevo desde o dia que comecei a escrever e rabisquei um primeiro conto - faz pouco tempo. Sinto que nunca foi opção que o texto não seguisse essa linha porque era a forma que eu queria escrever, pagar para ver e apostar, de olhos fechados, em um resultado. Estou nesse processo ainda, de pagar para ver se acerto ou se erro mas gosto de me cercar de justificativas não apenas para validar as minhas escolhas, mas para garantir que o meu trabalho não tenha sido apenas uma conversa comigo mesma.

Se encontrar o tom para a personagem foi trabalhoso - considerando a não escrita, em que tudo o que você não escreve também é o que você escreve, depois que aceitei que era, de fato, a terceira pessoa a escolhida, minha dificuldade foi a ansiedade de que ela não estivesse sendo compreendida. O medo era que, no fim, a personagem acabasse fazendo sentido apenas para mim, como se meu olhar para ela estivesse tão atrelado a minha própria forma de ver as coisas que eu não conseguisse contar a história de outra maneira. Os meus colegas, tanto de faculdade, depois de mestrado, meus amigos de vida antes disso: todo mundo diz que meio que

³⁰ KRAUSS, Nicole. **A história do amor**. São Paulo: Companhia das Letras. 2006

³¹ FOER, Jonathan Safran. **Extremamente Alto e Incrivelmente Perto**. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 2005

não dá para me entender. Nos últimos dois anos a implicância geral subiu a novos patamares e comecei a ficar preocupada. Mas eles também me entendem. Então não sei.

O tempo inteiro aparecia em minha mente um cartaz em papel amarelado e letra de máquina com uma das frases de David Foster Wallace, que explica a necessidade de uma linguagem que seja clara, porque o leitor não é capaz de ler a mente de quem escreve³². Uma ideia bastante óbvia mas ao mesmo tempo bastante assustadora, a de pensar que um texto tem que ter clareza e a de pensar que, talvez, você não seja exatamente capaz de criar um texto com clareza e, nessas horas, aqueles pontos sobre a subjetividade das coisas, sobre o sentido que o leitor dá para a história, a transformação que ela eventualmente vá sofrer ao sair de suas mãos e todas essas coisas que se sabe que são reais porque, antes de tudo, você também é leitora, bem, elas ficam de lado e tudo em que você se apega é no medo de estar errando feio o tempo inteiro. Mas também, qual o problema em errar, se sempre há chances de corrigir o erro mas, também, o erro nas coisas que importam é um fracasso mais difícil de arcar.

Ao me propor a escrever essa história, eu assumia, antes de tudo, uma espécie de compromisso com um possível leitor. Não que esse leitor fosse de alguma forma censurar os caminhos que a narrativa seguiria ou os assuntos e as maneiras que eu decidisse abordá-los mas sim que eu estava me propondo a escrever para eventualmente ser lida e ter algum significado. Não mais os textos esquecidos em um arquivo de computador e menos ainda o bloqueio para fazer com que esses textos chegassem à luz. Nunca esquecer que você está engajado em uma comunicação com outro ser humano é uma das regras que, de alguma forma, me guiou nesse processo. Para mim, Maria foi o narrador mais complexo, porque era preciso deixar claro que as coisas que ela via eram, muito mais, ligadas à forma como ela sentia a situação. Embora eu estivesse, da mesma forma, assumindo o ponto de vista da personagem, não queria que ficasse espaço aberto para duvidar dela, mas sim que ficasse claro que, tudo o que ela vê e todos os comentários que ela faz, às vezes mesmo maldosos e inquietantes para uma menina, eram a forma como ela sentia as coisas. Na primeira pessoa, eu teria que nomear esses sentimentos. Com o discurso indireto livre, não, e ainda seria possível dar conta de todo um mundo interno da personagem que, na primeira pessoa, ficaria guardado apenas para ela.

Nesse sentido, me parece que toda a própria ideia da narrativa, o desejo de falar de solidão e de mostrar como pesa um conflito em uma relação tão importante, que a forma que se sente as coisas, por mais que completamente distorcidas, fazem com que as coisas tenham

³² GARNER, Bryan; WALLACE, David Foster. **Quack This Way**: David Foster Wallace & Bryan A. Garner Talk Language and Writing. 2013

essa outra forma, a dos sentimentos. A Maria, protagonista da narrativa e personagem de quem sabemos tudo, foi o meio de trazer essas questões à tona. A linguagem, uma tentativa de fazer com que se sinta o que a menina sente. Enquanto a vida ocorre em pausa, enquanto o tempo é estranho, enquanto as vozes são baixas e o silêncio, constante, o ritmo do texto, as frases longas e as repetições fazem com que a leitura se dê em fluxo - é um texto que responde não ao ambiente, mas ao mundo interior de Maria.

Cor, cheiro e sabor

Cheiro de casa e cheiro de uma tarde específica muito boa. Cheiro da melhor amiga e de algum cara por quem você foi muito apaixonada. Cheiro de fritura num dia normal da semana e cheiro de fritura em um sábado às três da tarde depois de uma noite virada. O perfume preferido e o teu próprio cheiro. Cheiro dos corpos: depois que correm, depois que tomam banho, depois que fazem sexo. O cheiro do próprio suor e o cheiro do suor dos outros.

Um dos sentidos que tentei trazer para a narrativa foi o olfato: logo no começo, vemos Maria enojada porque já antecipava o cheiro que passaria a sentir quando o irmão doente voltasse para casa. O cheiro do irmão, para ela, era cheiro de morte. Depois, vemos os cheiros que ela atribuía ao aroma que vinha da mãe, uma lista de todas as coisas doces que ela poderia pensar e de que ela gostava porque gostava muito do cheiro da mãe até que a própria mãe parou de ter cheiro. A casa e a propriedade tinham um cheiro constante de bosta de vaca e de comida sendo feita e de grama úmida e de leite. Depois de tirar leite de vaca você tem um cheiro muito forte de quem acabou de tirar leite de vaca. Petrichor é o nome do cheiro da terra depois da chuva.

Percebi, principalmente na hora de listar os cheiros da mãe, com a limitação de odores doces que a menina reconheceria e que fizessem parte do seu repertório, como é difícil criar uma narrativa de cheiros. Primeiro, porque cheiro é palavra que acaba sendo uma imagem e foi isso que acabei descrevendo. Outro ponto que levei em conta - baseada na própria experiência - é que cheiros ruins são sempre mais marcantes que cheiros bons e, talvez por isso, o uso do olfato acabe trazendo uma carga meio pejorativa a tramas e personagens. Não quis ficar só nisso mas não quis me abster disso. O irmão doente fedia, a mãe largada à tristeza fedia, o pai quando voltava da roça fedia. Mas o mau cheiro nunca é o que fica na memória, a gente guarda sempre o cheiro bom. A minha avó não sente cheiro algum e isso sempre me impressionou e eu sinto cheiro demais.

Uma das formas de associar o cheiro àquela memória de saudade e a uma sensação geralmente é a comida. Outro ponto que achei interessante trazer com naturalidade durante a narrativa porque, além de estar relacionado às cenas de afeto também mostrava a banalidade da vida em todos os momentos. Falar de comida é mais fácil porque temos, também, o subterfúgio do cheiro que pode ser descrito apenas como maravilhoso, muito bom. Quando falamos de comida, a polenta com molho tem um cheiro muito bom. Quando falamos de cheiro a saudade tem o aroma da polenta com molho.

Envolver os sentidos na construção da narrativa funcionou como ferramenta quase lúdica para explorar a trama. Um exemplo disso é o hábito que Maria tem de dar cor para todos os momentos. A cor colore algo subjetivo. Uma conversa triste pode ser azul marinho porque ela sente assim, a felicidade lhe parece extremamente laranja e a tranquilidade lhe vem como amarelo. Mas nem todas as coisas podem ter cor e explorar a dificuldade de Maria para encontrar uma palavra que descrevesse seu momento mais triste e a sua esperança de que um dia, no futuro, ela simplesmente acordasse e *sentisse* que anos atrás a cor daquele dia era uma cor determinada, uma cor que, talvez, ela ainda não conhecesse mas que deveria existir porque se todas as coisas reais e emoções reais eram passíveis de ser colorida o que justificaria que esse momento não tivesse cor nenhuma? O fato de ele ser o momento mais absurdo do mundo.

Enfim, me apoiar nos sentidos para construir a narrativa trouxe a sensação de que fosse possível passar uma sensação mais próxima à que o leitor pudesse reconhecer. Mas acho que o que mais aproximou essa ferramenta do cenário e da própria história foram os momentos em que não existiam palavras para descrever uma cor ou um sabor ou um cheiro. É preciso de um nome para uma característica e, às vezes, a gente ainda não viveu o suficiente para descobrir o nome. É o que pensa a Maria.

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. **A escritura da história ou a propósito das fundações da nação**. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 37-38.

ADORNO, T. W. **O ensaio como forma**. In: ADORNO, T. W. *Notas de literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003, p. 15-45.

ARRIGUCCI JR., David. **Teoria narrativa: posições do narrador**. In: *Jornal de psicanálise (SBPSP)*. São Paulo, v. 31, n. 57, set. 1998. p. 9-44.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.57-65.

BIASI, Pierre Marc de. **A genética dos textos**. Trad. Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2010. 174 p

CÉLINE, Louis-Ferdinand. **Viagem ao fim da noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

DURAS, Marguerite. **Escrever**. São Paulo: Rocco, 1994. 116 p. Disponível em <<https://revistapolichinelo.blogspot.com.br/2017/04/escrever-marguerite-duras.html>>. Acesso em: 7 de agosto de 2017.

ECO, Umberto. **Confissões de um jovem romancista**. São Paulo: Companhia das Letras. 2015

FOER, Jonathan Safran. **Extremamente Alto e Incrivelmente Perto**. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 2005

GARNER, Bryan; WALLACE, David Foster. **Quack This Way**: David Foster Wallace & Bryan A. Garner Talk Language and Writing. 2013

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar Escrever Esquecer**. São Paulo: Editora 34. 2006

GIDE, André. **Diário dos moedeiros falsos**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009

JAMES, Henri. **A arte da ficção**. Osasco, SP: Novo Século, 2011.

KLEIN, Melanie. **O sentimento de solidão**: Nosso mundo adulto e outros ensaios. Imago, 1971.

KRAUSS, Nicole. **A história do amor**. São Paulo: Companhia das Letras. 2006

KUNDERA, Milan. **A arte do romance**.. São Paulo: Companhia das letras. 2009.

LARROSA, J. A operação ensaio: sobre o ensaiar no pensamento, na escrita e na vida. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, , p. 27-43, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/25417/14743>>. Acesso em 20 jul. 2017

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia: A construção da personagem**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

PAMUK, Orhan. **O romancista Ingênuo e o sentimental**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

POHLMANN, Angela Raffin. **Pontos de Passagem: o tempo no processo de criação**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7227>. Acesso em 20 jul 2017.

WINNICOTT, D.W. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

VILA-MATAS, Enrique. **Bartleby e companhia**. São Paulo: Cosac Naify, 2010



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br